

## ENTREVISTA 1 – ANA PARAISÓPOLIS (duração: 13min)

Perfil

Idade: 54

Gênero: mulher

Profissão: faxineira diarista

Escolaridade: fundamental 1

Socioeconômico: D-E

Nunca foi ao teatro

Nunca fez cursos na área de artes

*Eu gostaria de saber qual é a sua relação com o teatro? E por que você acha que ela é assim como é?*

Ih, amiga... Relação nenhuma, porque eu vim de lá muito nova. Então, eu nunca nem fui no teatro lá.

*Você nunca foi no teatro?*

Não. Porque eu vim de lá muito nova, vim de lá com 18 anos, Cris.

*De lá de onde?*

De lá de Minas.

*E aqui em São Paulo você também nunca foi? Mas você sabe o que é teatro?*

Sei o que que é, mas eu nunca fui.

*Nunca assistiu nada?*

Não.

*Mas nem na igreja, na escola...?*

Não, mintu. Fui, fui no teatro na Hebe Camargo, aqui no CEU. As crianças tavam apresentando... putz, e agora... o que as crianças tavam apresentando mesmo? O que que foi? Ah, apresentação de escola, entendeu, os professores falando...

*Dos seus netos, você foi assistir?*

Isso, foi.

*Mas aí elas fizeram uma pecinha, um teatrinho, uma coisa assim?*

Elas fizeram bambolê, Cris. Não tem esse negócio de bambolê? Bambolê não, brasileirinho. Que é ginástica alguma coisa, sei que chama brasileirinho.

*Tipo ginástica artística? Meio dança, meio...?*

Isso, aí joga um negocinho pra cima.

*Joga o bambolê?*

O bambolê. Isso aí. Foi isso aí que eu... e do resto...eu nunca... É... Teatro assim, foi só esse.

*Mas você sabe que tem teatro lá no...?*

Sei.

*Assim, além do, vamos dizer, do "lugar" do teatro assim, tem apresentações de teatro lá, né?*

Ahã, sei.

*E você nunca se interessou em ir?*

Não é bem que eu não se interessei não, nunca tive foi tempo, né?

*Nunca nem pensou sobre isso?*

Nunca nem pensei.

*Mas você acha que você gostaria de ver uma peça ou não?*

Ah...sim. Cinema eu já fui. Mas é totalmente diferente cinema de teatro.

*O que você acha que é diferente? O que você imagina que seja diferente?*

É porque no cinema, eles, tipo... vamos supor, eles colocam uma fita, você tá vendo uma fita. E no teatro não. Teatro é ao vivo, é a cores. Então por isso que eu acho que é diferente? Acho, não. É diferente.

*É diferente. Mas você acha que é mais legal ou menos, ou só diferente?*

Não, acho que é mais legal.

*Então você não foi, mas acha que gostaria, mas nunca foi...*

Nunca fui.

*...atrás também? E você acha que nunca foi atrás você falou que é por falta de tempo?*

É, também. Porque... a neguinha parece um... eu trabalho direto. Não tenho tempo pra ver esses tipo de... se eu tivesse tempo eu iria, mas eu trabalho de segunda à sábado, então eu só tenho o domingo pra descansar. Tem vezes que nem o domingo eu descanso.

*E você acha que teria algum tipo de teatro que você gostaria mais do que de*

*outro, alguma coisa que você imagina assim?*

Vixe, mãe do céu, agora o bicho pegou. (risos) Algum que eu gostaria... Como é que foi mesmo a pergunta?

*Algum tipo de teatro, algum estilo que você acha que seja mais legal do que outro? Que nem você falou, você foi a cinema, o que você gosta no cinema? É drama, é comédia, animação, infantil...?*

Eu fui assistir um... eu nem sei o que que é. Eu sei que era "Asas Indomável" (sic), com o Tom Cruise.

Ah...

Agora o que que era aquilo, se era comédia, se era drama...

*Tinha uma coisa de aventura...*

Olha, Cris, agora a pergunta pegou. Sinceramente nem sei te dizer.

*Nem imagina?*

Nem imagino. Essas coisas que você conhece...

*Você acha que tem assuntos que sejam mais interessantes? Por que, por exemplo, você nunca foi ao teatro, mas você foi ao cinema e vê filme na televisão e vê novela... são coisas mais ou menos parecidas... ou não?*

É.

*Você acha que tem assuntos que sejam mais interessantes de serem tratados ou não?*

Eu acho. Já vou responder eu acho, porque... (risos)

*Mas "o que" você não imagina também? O que pode ser mais legal?*

Não.

*E, além do tempo, você acha que tem alguma outra coisa que te impede de ir?*

Não. É só o tempo mesmo. Por que, como se falar de grana, grana pra pagar... mas tem de graça.

*Tem de graça.*

Então é tempo mesmo. Que nem no caso, se me convidar... se me convidar eu vou. Se eu tiver tempo, né.

*Se for num dia que você tiver de folga...?*

Isso.

*Você acha que o teatro é uma coisa que é pra você?*

Isso.

*Pode ser feito pra você?*

Pode.

*Se você pudesse completar a assim: Teatro é coisa de ..... O que você colocaria nesse lugar?*

Teatro é coisa de... Nossa! Teatro é coisa de... Teatro é coisa de gente muito (incompreensível, mas parece ser: burra) (risos).

*Gente muito burra?*

Gente não. Gente boa que gosta de ...

*Ah... gente boa?*

Nossa, Cris, eu sou péssima nesse tipo de coisa, viu.

*Não, é a sua opinião. Você acha que é coisa de gente boa?*

Isso, eu acho.

*Mas gente boa que gosta de assistir teatro?*

De assistir. É. Tem muita gente que assiste teatro, né.

*Mas gente boa em que sentido...?*

Que gosta de teatro.

*... de ser uma alma boazinha ou é uma pessoa... é... inteligente?*

É. Gente inteligente que gosta de teatro, entendeu?

*Se você pudesse dar uma definição do que você acha que é teatro, assim, uma característica mais forte, pode ser positiva ou negativa. O que seria? Pode ser uma frase do tipo assim: teatro é... Como assim: o amor é cego... o amor é lindo...*

*O teatro é...*

O teatro é... Ai, meu Deus...

*É a sua imagem, assim, não tem...*

Deus, ajuda aí, Deus...Menina! Como é que pode ser tão burra.

*Não é tão burra, Ana Paraisópolis, é só a sua impressão...*

Mas pra esse tipo de coisa, Cris, eu sou horrível. (pausa) Já até esqueci a pergunta. Teatro é...

*Uma característica mais forte, se você tivesse que dar uma definição de teatro.*

*Pode ser de coisa boa ou de coisa ruim. Da sua imagem, assim. O teatro é...?*

Vixe, Maria. Peraí, Cris, deixa eu pensar... o teatro é... Caramba! Que coisa, hein...

*Não tem, né? Não, pode ser assim: é chato, é legal, é bonito...*

Não, não é chato, não é chato.

*... é importante, é bobo...*

É bonito.

*É bonito, você acha?*

É. Eu acho bonito. Eu nunca fui no teatro, mas assim na televisão...

*O que você imagina que é...*

É, na televisão assim quando passa teatro em um canal, você vê, eu acho legal. Bonito. Engraçado. Tem umas peças que são engraçadas.

É.

É isso.

*E se você pudesse dar um conselho, assim. O que podia ser feito pra que as pessoas fossem mais ao teatro. Pode ser um conselho pros artistas ou pro governo. O que você falaria: o que pode ser feito pra que as pessoas fossem mais ao teatro?*

O que poderia ser feito pras pessoas ir mais ao teatro? Mais interesse, não?

*Se as pessoas tivessem mais interesse?*

É, mais interesse de ir ao teatro. Tem muita gente... Eu vou pelo povo, né. Eu deveria ir por mim, mas eu vou pelo povo. Tem muita gente que não vai por causa de muito assalto, esses tipo de coisa, violência, entendeu? (pausa) É, porque até onde eu sei muita gente não vai nos lugar por isso, por causa de assalto, muita violência...

*Não sai de casa pra nada por casa disso.*

É.

*E aí queria saber, assim, o que você faz, que eu já sei que é pouca coisa porque você falou não tem tempo, mas de atividade de lazer em geral, assim o que você faz pra se divertir, o que você faz com seu tempo livre, quando tem? Que nem você falou, uma vez foi ao cinema...*

Nada, nada. Não faço nada. Nem atividade eu faço, que eu tenho que fazer caminhada, nem isso eu faço. Eu faço é tanto que eu não faço nada.

*Quase não passeia também...?*

Não.

*Não vai na igreja?*

Na igreja eu vou, mas é raro. E passear, muito difícil também, coisa rara.

*Agora, mais pra área cultural...?*

Eu fico mais em casa, Cris. Eu sou...

*Só televisão mesmo?*

Nem televisão, que eu não tenho. Eu fico mais em casa mesmo, que eu sou mais caseira, entendeu?

*Você não tem televisão?*

Não, não tenho nenhuma, quebrou as duas de uma vez, pra completar.

## ENTREVISTA 2 – Bia Paraisópolis (51 minutos)

Perfil

Idade: 28

Gênero: feminino

Profissão: auxiliar administrativo

Escolaridade: superior

Nível Socioeconômico: C1

Frequenta teatro em média 4 vezes por ano

Fez curso de teatro – Einstein na Comunidade. Atualmente faz curso técnico de música.

*(Expliquei, em linhas gerais, as motivações do projeto e porque eu queria entrevistá-la, para tentar entender porque algumas pessoas vão ao teatro e outras não.)*

Bem, eu acho que o teatro, a questão de ir ao teatro é uma... é um hábito. E ele é conquistado por alguma coisa que, ao decorrer da sua história, te desperta esse interesse. E comigo, foi exatamente o palco. Eu não tinha contato nenhum com o teatro, não sabia o que era isso e na minha oitava série ocorreu um festival de interpretação de poesias regionais onde eu morava, no Maranhão e daí eu fui indicada pela minha escola pra eu ir, sem mesmo... assim... não tinha teatro na minha escola. E assim... Surgiu essa proposta, eu fui... e... Tinha lá professores, igual o Vocacional. Tinha uns professores que iam orientando a gente, né. Nós escolhíamos o texto e eles iam trabalhando a performance daquele texto, né, pra apresentação e pra concorrer. E participar daquilo pra mim foi... me despertou esse interesse. Então assim, é a partir daí que eu comecei a me interessar e fazer cursos. O primeiro festival eu não ganhei, claro. O segundo também não, mas eu fiquei em segundo lugar.

*Olha! E assim, sem nunca ter feito nada...*

É.

*Que legal, Bia Paraisópolis!*

Então foi assim, no segundo ano eu consegui o segundo lugar. Foi um bichinho que brotou em mim. Então, depois eu comecei a ter uma visão assim pra teatro, pra querer assistir, pra querer conhecer, pra querer... né? Então comigo foi assim. Tem outras pessoas que eu já vi assim, que a relação é realmente... vai em uma peça que faz sentido pra ela, faz tanto sentido que daí começa a buscar, mas... É... Mas, por exemplo, a minha família só vai se eu estiver no palco.

*É. (risos)*

Entende? Então assim... é... Paraisópolis é assim também, né? Tem o ballet lá, você vê o público que vai pro ballet só são as famílias. Só vai ver aquilo. Então, é engraçado assim, não existe um buscar após, entendeu. “Nossa, isso é tão legal, tão legal, que eu vou... vou ver o que tem mais aqui. O que tem mais aqui?”

*Pra você foi muito por fazer um curso, enfim, começar a fazer teatro. E você já fez cursos em outras áreas artísticas, outras linguagens? Já, né? Violão?*

Atualmente eu tô fazendo canto. Tô na ETEC de Artes.

*Que legal!*

Que é a única ETEC que tem esses cursos de dança, canto, teatro... Tô adorando. É um ano e meio, apenas.

*Conheço uma menina que fez dança e achava bem legal.*

É, é legal. A estrutura é boa, também, da escola. É... então eu tô fazendo canto. Teatro, de verdade mesmo, eu nunca investi pra fazer um curso técnico.

*Você fez o Vocacional, só?*

Só fiz o vocacional. A única coisa que eu fiz foi o vocacional e nessa época dos festivais lá no Maranhão, apenas. E vou com a cara e a coragem. Mas eu pretendo, é uma coisa que eu quero investir. É algo que eu quero investir.

*E esse seu curso agora é de canto?*

É. Até mesmo no teatro, na verdade, eu fui percebendo que... na verdade a música, ela sempre fez parte da minha vida, devido à minha família cristã. Eu era da igreja, cantava na igreja, coral, essas coisas. Então, ganhei meu violão com 15 anos, através do meu irmão. Era o violão dele antigo, ganhou um novo, me passou o dele e começou a me ensinar.

*Por que ele tocava na igreja também?*



Porque ele tocava na igreja.

*E agora você não frequenta mais a igreja?*

Não.

*Só ficou a música?*

Só ficou a música (risos). Isso. Então a música sempre foi uma grande paixão. E eu nunca parei pra investir, porque eu pensava: parou ali na igreja, saí da igreja, não canto mais. Mas, por outro lado, no teatro, eu comecei a me bandear pra esse lado da sonoplastia. Por incrível que pareça, tipo tava ali... Por exemplo, com o Marcelo eu era mais isso. Quando eu fazia as coisas com o Marcelo, eu ficava com o pau de chuva, eu ficava... sabe, fazendo alguma coisa assim. E eu comecei a gostar disso. Então eu acho assim que... Talvez o meu lugar no teatro também esteja na música, assim.

*Legal. Mas você tem um trabalho de corpo, de dança? Eu lembro que eu vi... eu vi vídeo assim, mas aquele trabalho da bailarina era bem legal.*

Era bacana. Mas não. Dança também... dança... eu ainda não fui picada pelo bichinho da dança. Acho bonito, mas... nunca desenvolvi.

*Você acha que tem mais ou menos uma frequência com que você vai ao teatro? Você tem uma ideia assim: uma vez por mês, duas vezes por ano? Eu sei que varia, mas assim só pra gente ter uma...*

Umás quatro vezes por ano, talvez. Porque assim, hoje, agora eu parei. Antigamente eu era mais frequente, de querer explorar mesmo, de querer saber o que tava... indo no SESI... acompanhar, mesmo não conhecendo a companhia de teatro, de ir mais vezes. Atualmente eu parei nas companhias de teatro que eu gosto. Então, tipo assim...

*Então já tem umas que você acompanha?*

Isso. Eu gosto muito da... Cia do Tijolo. Nossa, quando eu vejo que tem alguma coisa, eu fico louca, já vou atrás de saber. Tem aquele pessoal lá do Clariô. Quando eles têm alguma coisa, eu vou, sempre vou. Então eu tô parada nas companhias. Quando eu sei que alguma companhia que eu gosto, que eu já vi alguma coisa, tá em cartaz, eu vou atrás. Entende? Eu curto as páginas, né?

*Ah, legal.*

Hoje tá dessa forma. Tá dessa forma. Tem o Coletivo Negro... Sempre que eu vejo que tem alguma coisa desse pessoal... Tem a companhia...

*De Heliópolis, também, os meninos vão bastante.*

De Heliópolis, sempre. Sempre que tem coisa nova deles, eu vou atrás... E as antigas também. Quando eles voltam alguma coisa em cartaz eu sempre chamo alguém: vamos ver, é legal pra caramba, vamos lá. Levo alguém.

*Você vê mais de uma vez a mesma peça quando você gosta?*

Quando eu gosto, sim. Se vale a pena... Então acho que eu tô meio fanática, essa é a verdade... pelas companhias. Às vezes não é nem o trabalho, sabe, vai falar de tal coisa.. não, é as companhias. Porque é eles. E eu acabo gostando, sempre.

*Mas você vai pelo espetáculo ou também pelas pessoas, porque daí você já conhece...?*

Pelo trabalho deles. Porque eles eu não conheço... O Marcelo teve um contato maior com o pessoal de Heliópolis. Mas, de conhecer os atores, eu não conheço. Eu conheço eles no palco, a performance deles, e eu gosto. Acho o trabalho deles excelente.

*Você acha que tem assim algum estilo de teatro que você goste mais? Alguma coisa nesse sentido...*

Sim, sim.

*Alguma opção estética, alguma linha de pesquisa...?*

Essa linha que aborda muito a poesia. A Cia do Tijolo, eles têm muito isso. Eles trabalham muitos textos, eles trazem referências de diversos autores. A primeira peça que eu vi deles tratava do Patativa do Assaré. Muitos versos, sabe, muita música. Isso é uma estética bonita pra mim no teatro. Sempre tem ali... alguém recita. Talvez pelo meu início no teatro, mas isso me faz brilhar mais os olhos. Mas... falando de outras... se você for ver, essas companhias que eu sou fanática, elas trazem bem a questão social, né, então... sempre tem...

*Como tema, né?*

Como tema. Mas assim, na verdade minha paixão pelo teatro também, eu não posso me isolar, falar é isso. Como eu falei, eu vou lá no SESI, conheço uma nova companhia, eles tão falando de Nelson Rodrigues ou qualquer outro estudo...

qualquer outra... Eu curto pra caramba, gosto de teatro de... de comédia, sabe? O Marcelo ele tende a um gosto bem peculiar, as peças que eu já vi com ele, eu ficava assim... sério Marcelo?

*Você achando um saco e ele gostando?*

É.

*Mas ele tem essa coisa poética também, pelo menos no trabalho dele.*

Também, no trabalho dele. Não vou lembrar... o diretor... Ele segue um diretor, que ele tem muito essa... esse estudo assim... queria muito lembrar! Uma vez a gente foi pro SESC Santo André.

*Nossa! Pra ver...*

Pra ver esse cara. E eu assisti a peça inteira assim... Porque era só isso... era... tinha referência de Nelson Rodrigues, do Vestido de Noiva. Tinha... Era... saía fumaça do teatro... Mas a estética da peça não me agradou muito, sabe? Não gostei e pra ele tava...

*Isso faz tempo, você não lembra...?*

Faz tempo. Não vou lembrar...

*E era uma coisa que não dava pra entender?*

Pra mim, não, entendeu. Ele falava da esposa dele que morreu e na história era como se ele tivesse sido o assassino dela e tava com remorso. E aí ele vestia o vestido de noiva dela...

*Não sei que peça é essa, também. (risos) Eu fiquei curiosa, vou perguntar pro Marcelo.*

Mas assim, pra mim... ok.

*Mas isso não é um grupo, é um diretor?*

Era um diretor específico, que ele curte pra caramba. E tudo desse diretor tem essa estética, sabe?

*Muita fumaça... coisas incompreensíveis?*

Isso. Trabalha muito assim... Era um monólogo. Tem muito assim... Enfim...

*Mas, tem essa coisa poética, mas você também gosta de coisa mais careta, tipo comédia?*

Gosto, comédia pastelão, rio pra caramba. É isso. Às vezes monólogo talvez não

sejam tão do meu...

*E essas coisas que não dá pra entender, você acha ruim essas coisas mais contemporâneas que é tudo bem aberto, mais sem história? Te incomoda ou tudo bem, essa peça especificamente você não gostou, mas tem coisas que são legais?*

Peças contemporâneas... olha... deixa eu tentar lembrar... Já teve umas coisas que eu vi com o Marcelo... Até mesmo... A gente... Eu e o Marcelo conhecemos muitas coisas depois... no Vocacional, sabe? Os professores indicavam, tem a companhia não sei que e tal... E assim, tinha... eu não vou lembrar... Mas eu já cheguei a ver coisas contemporâneas... de falar de homofobia... Não sei se era do Vocacional, mas eu achava muito colegial, sabe? Então assim, o que eu posso dizer? Eu valorizo o esforço dos atores, entende. Tem às vezes produções que são...

*Muito amadoras, no mau sentido?*

É, entendeu? Muito amadoras. Então não sei dizer se seria alguma coisa contemporânea...

*Eu pergunto mais porque... Que nem você falou do trabalho desse cara... tinha uma fumaça, não sei o que, parece que nem tinha uma história direito, não dava pra saber se ele matou ou não. Uma coisa que o pessoal... é classificado como contemporâneo no geral, mas enfim... performativo, pós dramático... uma coisa que não tem uma história, normalmente é mais isso. Que as coisas ficam assim meio soltas e o espectador é que tem que construir seu espetáculo. E tem muita gente que não gosta, eu acho. Mas, às vezes, o pessoal mais de teatro, mais iniciado, gosta, às vezes não.*

Eu acho que é essa a estética do Marcelo. (risos)

*É, pode ser. E por que você acha que não vai mais ao teatro? Você vai uma vez a cada dois ou três meses... O que te impede de ir mais? É falta de interesse mesmo ou tem algum outro...?*

Falta de tempo. Né?

*Sempre...*

É como eu falei, foi naquela época do Vocacional que eu tava com o Marcelo, que

a gente tava explorando muito, eu tinha essa... por mais que eu não tinha a companhia dele... eu tinha essa vontade de buscar coisas novas. Que é uma coisa que eu busco com a música hoje. Com a música eu tô assim, buscando novos artistas, direto, direto. Gosto disso. Por exemplo, meu namorado, não, ele parou no tempo. É Chico Buarque pra trás. (risos) Ele só busca essas coisas antigas.

*É aquele moço que foi ver o Visões com você?*

Isso. É, então. Ele fala: nossa, você é muito contemporânea. Na música, sabe. Por eu gostar de estar trazendo coisas novas, cantores novos. Nossa! Quem é? Lembra não sei o que, mas enfim... No teatro eu parei aí, na pesquisa, de ir atrás. Eu acho que... Por eu não estar investindo no teatro. Se eu começasse a fazer ETEC de teatro...

*Você estaria vendo mais coisa?*

Eu estaria em busca... Mas eu parei por conta disso.

*É mais falta de interesse mesmo?*

Falta de interesse de ir mesmo... Como eu tô falando, eu só tô indo mesmo quando eu vejo que essas companhias de teatro que eu curto tem alguma coisa nova, eu vou. Se não tem, também não vou atrás. O Marcelo também me chama... Aquela companhia de teatro, lembra, tal? Aí a gente vai ver alguma coisa. Mas tá meio paradão.

*É interessante, porque agora a sua relação como teatro é de público normal. Porque quando você tá estudando, essa relação com a formação e fruição é mais assim... é uma pesquisa, praticamente, você assistir uma peça. Mas agora, você é uma espectadora comum, você vai pra se divertir, quando tem vontade...*

Exato.

*Mas você acha que o teatro tem a ver com você, é uma coisa que é feita pra você, que pode ser pra você, você se sente uma espectadora de teatro...?*

Olha...Teve um momento, quando eu atuava com o Marcelo, eu parei e pensei. Realmente o teatro, ele me toca mais quando eu sou espectadora, saio emocionada, tem peça que eu saio assim, sabe, me dá uma vida ver peça, sabe, me dá uma vida mesmo. Igual filme, eu assisto filme e fico... me abre a mente. Eu sou mais feliz como espectadora do que como atriz.

*Olha que legal.*

Eu não sei, porque assim, de repente é uma questão, assim, da minha auto aceitação. Que eu tô trabalhando na música. Porque pra ser cantora eu tenho que lidar com o público, tenho que... eu tive um problema no início, eu era muito tímida, batia um nervosismo danado. Mas era questão da auto aceitação, de você querer se mostrar diferente, né. Daí quando eu fui me aceitando, eu fui me mostrando, consegui me mostrar e isso foi fluindo melhor. Então, a música, ela me trouxe um autoconhecimento. E foi uma coisa que eu não tive tempo de lidar no teatro. Não sei se hoje eu voltasse pro palco de teatro fazendo alguma coisa... A música também ela tá me trazendo, né, essa questão, tem que ter uma performance ali também, teatral. Tá mesclado, né.

*E às vezes, você se expõe mais, porque na música é você, não tem um personagem.*

Exato. Então assim, eu não sei se eu voltasse agora se eu estaria mais livre, eu acredito que sim. Quando eu fazia, era um poço de nervos... verdade.

*Você gostava, mas era um desafio muito grande.*

Teatro era um desafio muito grande. E a música, no início também foi. Mas agora... Até o Marcelo foi numa apresentação e disse: você tá ótima. A gente vai trabalhando e vai se descobrindo, né. Mas eu acredito que pra responder isso, eu me vejo mais como espectadora.

*A formação foi... pra te formar como espectadora, deu certo.*

Exato. Bem, Cris, você percebe no meu discurso que eu ainda tenho essa... se eu quiser, se eu quiser, se eu quiser... eu ainda quero, essa é a verdade, eu ainda quero fazer alguma coisa de teatro. Talvez sonoplastia.

*E os musicais, menina, que é o que dá dinheiro, hoje em dia, você cantando... só falta dar uma dançadinha....pronto. Você já é cantora, atriz...*

Também. Se bem que minha voz é muito peculiar assim pra musical.

*Você acha que não dá pra estar no bolo geral, é muito pessoal?*

Existe uma voz de musical. (risos) E a minha voz não se encaixa nisso. Minha voz não é aquela voz, que eu costumo dizer que é um tipo de voz, sabe essa... é... as palavras fogem. É... dessas evangélicas americanas. (imita) Vários... É um tipo de

voz que eles consideram bonita para o teatro musical. Teatro musical da Broadway. O mercado...

*É que aqui eles fazem a fórmula da Broadway.*

Mas claro, nada me impediria. Por exemplo, as Clarianas, né... o Clariô. é um tipo de voz assim, que é muito peculiar... é bonito pra caramba, e é musical, quem disse que não é musical. É musical. Então, eu posso me encontrar talvez aí, fazendo alguma coisa... Mas não esse... para me comprarem.

*Mas é esse que dá o dinheiro... (risos)*

É esse que dá dinheiro, exato.

*E se você pudesse definir assim... definir um público de teatro. Teatro é coisa de...*

*Como você completaria essa frase?*

Teatro é coisa de... (pausa)

*Muito generalizante a pergunta?*

Não. Eu me senti preconceituosa, por isso que eu pensei. (risos)

*Ah, mas fala. Se é o que você...*

Mas, mas não é aceito isso. Não é isso. De cara eu pensei: teatro é coisa de pessoas que pensam.

*Ah... Mas não significa que quem não vai ao teatro não pense...*

Exato. Entendi. Mas é preconceituoso. Não é exatamente isso. Teatro é coisa de quem tá atento.

*Tá atendo?*

De quem tá atento... de quem tá disposto.

*Legal.*

Porque assim... a música, ela já não exige isso. Eu toco em barzinho e as pessoas não tão nem aí pra você, as pessoas estão conversando do lado e exato, a música não precisa ter pessoas atentas, você faz fundo apenas. Agora teatro necessita de uma atenção, você tem que estar disposto a conhecer, a ver o que tá... a mensagem...

*Você acha que tem a ver com inteligência ou não...?*

Não, isso que eu tô querendo dizer... Esquece o que eu falei, pensei primeiramente.(risos) Porque eu achei, até eu mesma... nossa, que merda o que

eu pensai agora. E não é exatamente isso... Eu acho que o teatro ele dificilmente ele toca, se você não tá disposto. Dificilmente, dificilmente. A gente pode começar uma cena agora. E tem gente que não vai estar nem aí pra o que tá acontecendo. E tem gente que vai começar... nossa!... sabe? Que tem um interesse...

*A pessoa precisa ter uma predisposição, querer aquilo?*

Querer ver, querer ver.

*E nem sempre existe esse interesse... (pausa) É uma definição de teatro. O teatro é...*

Definição de teatro...

*É assim... como: o amor é lindo ou o amor é cego... pode ser uma definição boa ou ruim. Mas uma expressão ou uma palavra que pra você resume um pouco o que é o teatro.*

Eu ia pelo mais óbvio. O teatro é comunicação... mas não é isso. O teatro é uma portinha de encanto, sabe, que se a pessoa tá predisposta a conhecer, ela se encanta mesmo. É algo assim que...

*Você falou uma portinha de encanto? (risos)*

É. Uma portinha encantada. Você tem que se entregar pra...

*Tem que entrar?*

Tem que entrar. Porque é isso que eu falo. O teatro é... Quando eu assisto peças, assim... Eu fico muito esplêndida, muito... Eu gosto da movimentação, sabe, eu gosto... E às vezes eu penso, como eu já fui... já fiz... eu fico pensando: nossa, eles trabalharam pra caramba, meu, pra fazer isso! E tá certinho! Sabe, eu fico... por esses dois lados. Talvez, um espectador comum, que nunca fez teatro, ele tem a visão, tipo: ah, legal.

*Não tem a noção do quanto é difícil chegar naquele resultado?*

É, entende. Eu já valorizo isso também, me encanta quando eu vejo uma coisa bem feita, mesmo. Eu tenho esse encanto assim. Não é só a história que me encanta. Me encanta a movimentação, me encanta a construção da coisa, mesmo. É uma portinha encantada. (risos)

*Que bom. E pensando no que poderia ser feito que as pessoas em geral fossem mais ao teatro. Se você pudesse dar um conselho ou pros artistas ou pro*



*governo... O que podia ser feito pras pessoas irem mais ao teatro? (pausa. risos)*

*Que é a minha questão de verdade...*

Acho que uma questão assim...

*Questão de todos os artistas!*

Exato. Você teve um pouco contato com o Cruck, né?

*Humhum. Legal.*

E era nossa maior questão, né? Como fazer as pessoas... serem picadas por esse bichinho, sei lá, sabe?

*O tal do interesse, que você falou...*

O tal do interesse. Eu acho que assim... é... voltando a falar... tem pessoas que gostam, mas não é que elas gostam de teatro, elas gostaram daquela peça, que falou com elas. Então, eu acho que o teatro por ser um meio de comunicação... É claro, tem diversas formas... tem diversos métodos... mas tipo, cada um é peculiar e tipo não alcançaria todos, não falaria com todos, mas aos poucos, eu acho que a gente teria que falar a linguagem.

*A linguagem das pessoas...*

Das pessoas que nós queremos tocar. Por exemplo, no Paraisópolis, eu acho que se a gente fizesse uma peça nordestina, que é a maior parte da população ali, tocaria mais eles do que essas outras peças que chegam lá no teatro. (pausa) O teatro tem a ver com você se ver ali. Entendeu? Você tem que se ver, você tem que se imaginar...

*Faz todo o sentido... O que pode despertar é a pessoa assistir uma peça. Se aquilo chegou pra ela, ela pode continuar, se ela achar chato, se não chegou, ela não vai mais ao teatro, porque ela achou chato.*

Exato. Tem um reconhecimento. Não tô achando a forma de...mas é como se fosse isso. Então, depende do público, depende do público que você quer conquistar. Um público de estudantes de Paraisópolis é outro, diferente dos pais deles.

*Tem que saber qual é o seu público...*

Pra você atingir. Não adianta você vir com... Os meninos, eles até que conquistaram bastante, da Cia TP, com o clown...

*Que até é bastante universal, né, também, acho... popular...*

Eles até que conquistaram. As pessoas falam: lá vem eles, lá vem eles, criam essa expectativa. Eu acho que a conquista tá aí.

*O trabalho do Nós Mosaico, por exemplo, é muito bom, mas é mais fechado. Não é pra todo mundo.*

É bem mais restrito. Exato. É pra pessoas que conhecem teatro. O trabalho do Nós Mosaico é esse. O que eu lamento. (risos) O Nós Mosaico tá muito entregue na mão do Marcelo. Eu pouco palpitei. É uma ideia dele que eu, vamos dizer, aderi. Eu aderi e tô junto com ele nessa. Mas não que seja ideia minha...

*Você contribui dentro do que ele já traz como proposta...*

Isso. Eu não proponho, não mudo... É uma proposta dele. E eu vejo que o trabalho do Marcelo é mais isso mesmo, pra pessoas que conhecem teatro, conseguirem entender, conseguirem visualizar a proposta dele.

*Em geral, para conquistar novos públicos você acha que tem que ser uma coisa mais popular? Ou não? A coisa do nordestino ou da Cia TP foram só exemplos? Não necessariamente... Isso que a gente conhece mais como teatro popular, que é a coisa de rua, ou palhaço, comédia...*

Comédia, é.

*As pessoas gostam mais de comédia, parece, né?*

Exato, as pessoas gostam mais de comédia. Mas em Paraisópolis eu citei o nordestino exatamente pelo reconhecimento. Pela História das pessoas que moram aí... Da nossa História. É uma coisa que você foi deslocado. Nós fomos deslocados, saímos do Nordeste e construímos Paraisópolis, que não é o Nordeste e também não é São Paulo. Tá fora. Mas... se uma coisinha faz lembrar a terra natal, sabe, já encanta os olhos. Eu acredito que sim, que encantaria. Tanto que eu tô debandando pro forró, na música. Porque eu percebo que é uma coisa que encanta e é uma coisa que adere muito ao público, as pessoas curtem pra caramba, dançam, enfim...

*Você tá conseguindo na música fazer isso, juntar um trabalho de qualidade com uma coisa mais popular. Legal. Você ficou falando isso e eu lembrando da mostra, o trabalho do Zé Danilo que era do Morte e Vida Severina. Eu acho difícil, assim,*

*trabalhando com muita coisa em verso... e era uma dessas coisas, como eu falei, contemporâneas, quebradas. Era só ele, não fez a peça inteira... então dava pra entender até certo ponto. E ele fez na casa da vó da Cristiane, que é uma senhorinha, que não tem muito contato com teatro também. E quando terminou ela começou a falar das coisas que ela lembrava... dos parentes dela enterrados... carregados em rede pro enterro, coisas que ela foi pescando lá no meio... tem a ver com essa identificação.*

Entendeu?

*Porque eu até fiquei pensando: essa peça para essa senhora não faz muito sentido... na minha cabeça, eu vendo aquilo... Eu achei que era muito difícil, por ser em verso, por não ser linear e tudo, mas teve essa coisa que pra ela pegou.*

Tem que ter essa identificação. Por outro lado, a gente pensa: sempre tem. Mas eu acho que pra quem não conhece muito teatro, a gente tem que forçar um pouco mais, se é pra conquistá-los. Entende? Como eu falei, a identificação sempre existe, independente da peça. Alguma coisa... né, mexe. Alguma coisa... Mas se é pra conquistar a gente tem que forçar. Chegar mesmo com esse propósito.

*É. E bom, acho que das suas opiniões era mais isso. Queria saber um pouco mais do seu perfil, das suas atividades de lazer. O que você faz do seu tempo livre, além de eventualmente ir ao teatro?*

Tempo livre...

*Se é que você tem... (risos)*

Cara, tá difícil agora. Mas assim... Como eu falei, eu tô estudando música, então assim, o meu tempo livre tá dedicado à música. O meu namorado, ele tá gravando na casa dele... então às vezes a gente grava alguma coisa na casa dele.

*Ele é músico também? Ou não?*

Ele é músico. Então, a gente tá tocando aí. E assim, show, de cantores que eu gosto. Sempre... assim, ter contato... E como eu tô nesse meio, sempre tem show de amigos também: ah, a gente vai tocar esse final de semana em tal lugar... Aí a gente vai, então tá sendo dessa forma. Mas, tá sendo bem cansativo pra mim. E como eu trabalho em escola, trabalho em secretaria de escola. Mas assim, é um

trabalho de 10 horas.

*Na parte administrativa?*

Administrativa. Tem quatro anos que eu tô nessa escola. E foi exatamente aí, há quatro anos, que eu não tô mais no Vocacional, que eu não tô mais trabalhando muito teatro. Depois que eu entrei nesse trabalho... Tem hora que eu penso assim... É uma carga horária muito extensa.

*Dez horas, é verdade? E pode isso?*

Não, é que é uma carga horária de 9:48. Na verdade pra eles é 8:48 minutos.

*Porque daí tem uma hora de almoço?*

Isso. Finda que eu trabalho 9:48, faltam 12 minutos pra 10 horas.

*É como se fosse trabalhar de sábado, só que é só durante a semana?*

Exato. Tem 1:12 pra compensar o sábado. A gente trabalha de segunda à sexta, das 7h às 5h.

*Seu cargo é de auxiliar administrativo? Assistente?*

Isso. Auxiliar. Então... mas é cansativo, é cansativo. Fazendo ETEC. Agora essas férias eu pude curtir mais, ter momentos de lazer. Mas, a real mesmo, com a ETEC, eu saio do trabalho, vou pra ETEC, chego meia-noite em casa, fim de semana eu sou só sono. Ah, tem show de não sei quem... ah...

*A ETEC é só o curso técnico pra quem já tem ensino médio?*

Esses cursos são só pra quem tem o ensino médio.

*É profissionalizante, só a parte da música? Você não tá estudando física...*

Não. Essa parte...

*E é dois anos o curso?*

Um ano e meio. Tem uma grade curricular bem interessante. É curso técnico, infelizmente a gente tem aquela situação, tipo assim, é muito rápido. A coisa você passa... a gente já passou por isso, já passou por isso... eu não acredito. Eles só despejam o currículo. Mas é interessante.

*(Depois das respostas do questionário socioeconômico, a conversa continuou, sem direcionamento).*

*Daí surgiu a ideia da mostra... Já que as pessoas não vem nem até aqui, no CEU,*

*aqui dentro, então vamos nas casas, daí as pessoas vão ter que ver... começa a movimentar...*

Mesmo assim... É complicado pensar nisso assim... é quase um enigma mesmo... Como eu tô falando... As pessoas se apegam, por exemplo, a tua peça pode ter tocado alguém... pode ser que a pessoa tenha se identificado, tenha gostado pra caramba. Mas isso não significa que ela vá atrás, vá no CEU. O CEU é um lugar, um terreno muito desabitado em Paraisópolis. Só serve pra esportes. Esportes você vê que a garotada vai mesmo.

*Mas porque tem interesse. Porque deveria servir pras artes também.*

Mas música... exemplo, em dezembro teve um evento. Eu e meus amigos estávamos lá: vamos tocar no palco da prefeitura, super estrutura... não tinha ninguém. Tinha uma turma de dança que frequenta durante a semana, então o professor chamou. Estavam dançando enquanto a gente tocava.

*Eu fui assistir a Ceumar lá, a cantora, conhece?*

Não.

*Ela não mora mais aqui. Público mesmo, tinha umas cinco pessoas.*

Ai, que difícil. Eu não penso que seja só em Paraisópolis. Também o CEU é muito distante, para a maior parte da comunidade...

*Mas para o esporte o pessoal vai...?*

Mas pro teatro não vai. Nem pra música. Teatro, assim, o edifício.

### ENTREVISTA 3 – PEDRO PARAISÓPOLIS (duração: 25 min)

Perfil

Idade: 21

Gênero: homem

Profissão: garçom/ estudante de jornalismo

Escolaridade: cursando superior

Socioeconômico: B2

Já foi ao teatro, mas não frequenta

Já fez cursos na área de artes - teatro

*A minha questão é essa assim... Por que as pessoas vão tão pouco ao teatro, sabe? A gente podia começar com você falando do seu tempo livre, o que você faz de atividades de lazer...*

Tempo livre é uma coisa que pra mim é bem...

*Não tem?*

É, não tem! É raro. Mas nas minhas folgas eu gosto de conhecer lugares novos, principalmente restaurantes, eu gosto de sair pra almoçar, jantar, em lugares diferentes sempre. Família eu também priorizo bastante. Eu gosto de passar um tempo com a família, justamente por não ter tempo pra eles, pra falar a verdade. E se tem algum evento em algum lugar e me chamam eu não me importo de ir também.

*E alguma coisa mais ligada à área cultura, às artes? Música... cinema...?*

Cinema eu gosto bastante. Cinema eu gosto bastante. Eu tô até agoniado porque não assisti... como é o nome do filme que saiu agora? "Os vingadores". Todo mundo já assistiu, menos eu ainda. Eu gosto bastante de acompanhar. Não só esse, todos. Lançou, eu gosto de ir assistir. Música também, shows, eventos.

*Então você costuma ir ao cinema?*

Sim. Cinema sim. Bastante, bastante. Eu só não fui ainda porque tem uma pessoa que quer assistir comigo esse filme e eu tô esperando ela. Normalmente eu já teria assistido.

*Você costuma ir o quê, uma vez a cada... dois meses...?*

No cinema? Não, toda semana. (risos)

*Toda semana?*

É, na folga. Da pra ir... eu costumo folgar na terça e dá pra ir na terça de noite e sei lá, almoçar de manhã e curtir o resto da tarde. E também, de vez em quando vou pro parque. Ibirapuera...

*Bastante coisa. E com relação ao teatro. Você já foi alguma vez, mesmo que seja na escola, na igreja?*

Acho que eu já fui na minha infância.

*Você nem lembra?*

Nem lembro. Eu também já fiz. Eu estudava numa instituição ali, a Cáritas. E eles tinham teatro lá, eu já fiz uma peça, até tenho o DVD em casa. Era O Pequeno Príncipe. Tem uma mensagem assim... Mas eu não... Acho que foi a última peça que eu cheguei perto. Faz tempo. Faz tempo que eu não vou no teatro.

*Você lembra mais de fazer do que assistir?*

Mais de fazer do que assistir.

*Mas com certeza você já assistiu, só não tem uma lembrança?*

Já. Acho que eu lembraria das falas, mas não da história. Por ter participado. Não que eu não goste.... Eu não sei...

*Você fez tipo um curso de teatro?*

A Cáritas é uma instituição... Lá havia uma professora voltada pra essa área... fazia... ensinava... teatro, *pole dance*, esse modo... essa energia de desenvolvimento, assim. E ela colocou na cabeça de fazer esse projeto no final do ano, assim, vamos fazer essa peça.

*Mas foi uma coisa meio curta?*

Foi.

*Não foi um processo muito longo.... Foi mais assim montar uma peça?*

Foi, foi rápida. Não foi tão... não foi "a peça", digamos. Mas foi legal.

*E você acha que você gosta de teatro? Ou gostaria se você fosse assistir?*

Sim, eu curto. Acho assim... É uma maneira diferente. Da mesma maneira que eu me dou bem num filme, eu gosto bastante, eu me daria num teatro.

*E você imagina assim algum tipo, algum estilo que você gostaria mais? Que tipo de coisa você escolheria?*

Eu acho que voltado pra comédia.

*Comédia, né? Quase todo mundo tem essa...*

Aliás, "Minha mãe é uma peça", já viu? Do Paulo Gustavo?

*É aquele que faz a propaganda do Banco do Brasil?*

Nossa! Eu sou louco pra ver a peça desse cara! O teatro dele. Eu já assisti o filme, tal...

*Você já viu o filme?*

O filme já. Mas é que fora o filme ele tem a peça. Que ele atua da mesma maneira, sou louco pra ir, mas só que ele sempre tá longe daqui.

*Você até já procurou...?*

Eu acompanho ele nas redes sociais e ele sempre fala onde tá. O dia que ele tiver perto, por que não?

*É. E você acha que tem alguns assuntos que são mais interessantes? Temas que deveriam ser tratados no teatro? Ou que você se interessaria mais de ver do que outros?*

Hum... Por não acompanhar teatro atualmente, eu não sei tipo o que tá rolando, pra falar a verdade, o que tá na mídia, o que tá agora. Mas acho tudo aquilo que, sei lá, que zelasse pela educação, respeito, contra, sei lá, hoje em dia o que mais se fala, contra racismo, preconceito, essas coisas que estragam nosso país. Seria o ideal, seria, acho o mais bem visto. O que mais seria legal.

*E bom, você não vai. Você saberia dizer por quê? O que te impede?*

Não sei. Acho que eu nunca... Não sei, tipo... Não sei (risos).

*Você nunca nem pensou sobre isso?*

É. Eu nunca acordei e tipo: hoje eu vou ao teatro.

*Falta de interesse, talvez?*

Talvez. Mas não interesse por não gostar... Sei lá.

*Falta de ideia de ir ao teatro?*

É, talvez... acho que isso bastante. Acho que se tivesse algum cartaz informando que ia ter um teatro, eu até iria também. (risos)



*Se alguém te convidasse...*

Se alguém me convidasse. Mas os convites que vem a mim não se relacionam ao teatro. (risos)

*É só de cinema e música?*

Só cinema, música, coisas mais...

*Coisas mais...?*

Que o pessoal mais costuma ir.

*E o que você acha que poderia ser feito para que as pessoas fossem mais ao teatro? Se você pudesse dar um conselho ou pros artistas ou pro governo?*

Agora que eu falei isso, eu até parei pra pensar. Acho que divulgação.... Não que não seja divulgado. Mas se eu andar por aqui, nessa região, eu não vejo muitos... Tipo que vai ter teatro em algum lugar. Isso aparece menos do que a divulgação de um filme. Ou de um cantor que vai cantar na região, algum show...

*Tem pouca divulgação?*

Tem.

*Mas aqui no CEU mesmo tem às vezes? Você nunca ouviu falar?*

Já. Aliás, eu até já assisti um teatro aqui. Não lembro qual. Mas tem tempo também.

*E pensando numa imagem que você tem. Que tipo de pessoas você acha que gosta ou que frequenta teatro? (pausa) Porque se existe, é porque tem gente que vai né? Quem será que vai ao teatro?*

Não sei. Acho que isso é pra todo público.

*Não tem um público específico?*

Eu, por exemplo... Se eu entrasse ali pra avaliar o tipo de pessoa, eu acredito que encontraria de jovens a pessoas mais velhas, adultos. De todo tipo. Acho que vai de gosto. Talvez, as pessoas que estão lá preferem mais aqueles detalhes do teatro do que de um filme. Porque eu acredito que o teatro é algo mais... que nem um livro, um pouco mais detalhado, mais explicado. O filme já corta bastante coisa, por causa do tempo, talvez. E tem gente que gosta mais de detalhe do que... do que da encenação, digamos. Do mesmo jeito, tem gente que gosta mais do livro do que do filme, porque o livro tem mais detalhes, explicação.

*Então, são pessoas detalhistas que gostam do teatro, talvez?*

Sim. Pode-se dizer que sim.

*Você acha que teatro é mais parecido com um livro do que com um filme?*

Ah... isso com certeza. Porque, pelo menos na pouca experiência que eu tive com teatro, eles zelam muito... a atuação, não só em fala, o modo que você fala, o tom que você usa, os gestos que você usa, a maneira que você...

*Então você acha que é mais parecido com o livro o sentido de ter mais cuidado com os detalhes?*

Então, acho que pessoas detalhistas, ou então que valorizam mais esses detalhes do que outras, sei lá, prefeririam um teatro do que um filme.

*Você não costuma muito ler?*

Hoje sim.

*Você falou tipo que o livro é mais interessante do que o filme. Só que você prefere o filme do que o livro?*

Depende. Existem situações... Eu já li livros e acompanhei filmes, o mesmo. O livro é legal, agora tem muito detalhe. Você vai assistir o filme, não conta muita coisa. Você perde muito conteúdo. Só que ao mesmo tempo, o filme ele tem... No livro você só imagina o que acontece. Você lê e vai desenvolver na sua mente o que acontece. O filme não, o filme você já vê, então é mais fácil.

*Já vem tudo mais pronto.*

Mas eu também leio. Ainda mais hoje, estudando, sou obrigado.

*E aí teatro você acha que está mais pro livro, de te dar coisas pra você imaginar também?*

É. Teatro ele trabalha mais a sua mente.

*Se você tivesse que completar a frase: Teatro é coisa de...*

Teatro é coisa de... deixa eu ver... (pausa) ah, não sei... de todos.

*E pensando na palavra teatro, o que vem na sua cabeça, qual a primeira coisa que você relaciona? (pausa longa) Ah, você pensou alguma coisa... (risos)*

Eu tô pensando como pronunciar isso. Como descrever. Acho... Mensagem. É a palavra mais apropriada, mais certa. Teatro tem a ver com mensagem. Porque no pensamento do diretor acredito que sempre tem alguma mensagem que ele quer

passar com aquela peça, com aquele roteiro. Ele sempre tem um pensamento atrás da peça, eu acredito.

*E no filme você acha que não?*

No filme sim. Mas como eu disse o filme corta muita coisa. No teatro não. São detalhes que fazem diferença, são gestos que fazem diferença. Por exemplo, no teatro rola um abraço, um romance, rola um sentimento, olhares. São coisas que são perceptíveis e fazem diferença pra quem tá assistindo. No filme já corta essas coisas. Nem todos os filmes... Por exemplo, se é um filme de ação, eles não vão focar romance. Se é um filme de luta, eles não vão focar em sentimento, sei lá. Eles vão colocar aquilo que o povo quer ver. Se é um filme de guerra, vamos guerrear. Teatro não. No teatro tem esses detalhes.

*E o que você acha que é a melhor coisa do teatro, uma característica positiva principal?*

Eu acho, não sei se é esse ponto que você quer saber... Mas eu acho bonito, um ponto positivo, eu acho muito lindo aliás, o trabalho em equipe para aquele teatro estar formado. Eu sei que não é fácil, tipo, com altos e baixos, todo mundo tem que trabalhar junto. Todo mundo tem que trabalhar com um só pensamento pra satisfazer aquele público que tá assistindo. Tipo, requer de todo mundo.

*Você acha que interfere pra quem tá assistindo, o espectador percebe isso, que é um trabalho conjunto?*

Claro. Até porque se tiver alguém ali, tipo, não me dou com Fulano ou Cicrano, a gente percebe. Sei lá, olhares. Não vou atuar tão bem quanto eu atuo...

*E qual a característica negativa principal?*

Sei lá... deixa eu ver... Não sei. (pausa) Nunca parei pra pensar nisso... Não que não tenha, claro que tem, mas... não sei.

*Nossa! Não tem uma característica negativa? Sei lá, tipo é chato... educativo... o pessoal mexe com a gente...?*

A duração, talvez.

*A duração? É longo, em geral?*

Em alguns casos. Os engraçados são curtos. Os chatos são longos. Acho que depende de gosto também. Porque vai que o engraçado pra mim, não é... acho

que depende de gosto, mas, sei lá... a duração talvez.

*Se você tivesse que dar uma definição pro teatro, uma característica, pode ser boa ou ruim. Uma frase tipo: Teatro é...*

Pra mim é um outro modo de comunicação. Teatro é um modo de, não sei, de se expressar, de falar de uma maneira diferente com as pessoas, com o público, no caso. Um modo diferente de comunicação. O filme, por exemplo, não é tanto como o teatro. O filme acho que não reproduz uma mensagem tão forte quanto a do o teatro. Sei lá, tem pessoas ali, você tá vendo eles fazendo, atuando, se esforçando pro público entender aquela mensagem.

*Do jeito que você fala, para você a mensagem é muito importante?*

Eu acho que é essencial. Se você vai num teatro e não entende... Se eu vou lá tentar assistir uma peça e não entendo, por falta de atenção minha, talvez, aquela peça já não vai servir pra mim.

*E se for divertida, for bonita?*

Mas não é tudo...

*Tem que sair de lá com um aprendizado, parece. Não sei se eu tô entendendo o que você tá falando...*

Imagina se você... Eu já escutei críticas do filme dos Vingadores hoje em dia. Teve um amigo, cliente, ontem que chegou pra mim e falou que as pessoas que criticam esse filme é porque elas não prestaram atenção no filme. Porque existe uma mensagem por trás e você tem que prestar bem atenção pra entender o filme inteiro. Eu reparei que ele prestou atenção no filme e não tem nada a criticar, pelo contrário, ele gostou. Já outras pessoas não prestaram atenção ou não entenderam a mensagem, o que ele quer falar, e criticaram. Então, o teatro, se você vai lá, assiste e por algum motivo não presta atenção, não entende a mensagem que quer ser passada, pra aquela pessoa talvez ele não feche. Pra aquela pessoa talvez seja um teatro ruim. Mas pra outras que estão lá querendo entender aquela mensagem...

*Tem um certo caráter educativo, talvez?*

Dependendo da peça...

*Pode ter ou não. Não necessariamente.*

Por exemplo, não acho que uma de comédia teria...

*Não tem um sentido educativo, uma comédia?*

Eu acho que a intenção do povo que faz é mais divertir.

*E mesmo assim tem uma mensagem?*

Eu acho que sim. Mesmo que seja... Eu acredito que mesmo essas comédias também, sei lá, sempre solta alguma coisa inspirando a gente a fazer coisas... levando a vida pra um lado mais divertido, levando a vida pra um mais... menos estressante, nos inspirando...

*Queria saber assim, você acha que teatro é importante?*

Sim. Com certeza.

*E serve para quê? Para passar uma mensagem?*

É o intuito que mais se destaca nele, é passar uma mensagem.

*Tem mais alguma coisa que você queria dizer sobre isso... alguma coisa que eu não perguntei...*

Eu acredito que as pessoas não vão por achar... ou por não conhecer... por achar que é chato, que é uma coisa de um público mais velho, de um público que não tem o que fazer... Eu não penso assim. Como você falou, eu não vou porque, sei lá, porque ninguém me convidou. (risos) Mas eu não me importaria em ir, de maneira alguma. Gosto até.

*Em geral, você acha que as pessoas têm essa imagem de que é chato?*

Acho que sim. Acho que as pessoas devem achar isso. Talvez eu tenha pensado isso antes de conhecer também, por isso eu tô falando. Até participar. Até participar um dia. Ver a professora cobrando da gente seriamente. Tipo, vocês têm que fazer certo porque, sei lá, tem gente assistindo, a gente tem que mostrar isso, mostrar aquilo... cobrando cada detalhe, cobrando...

*Passar pela experiência te faz respeitar mais.*

Sim, sim. Por ter passado, me faz valorizar mais o trabalho.

## ENTREVISTA 4 – Ângela Paraisópolis (duração: 6 min)

Perfil

Idade: 38

Gênero: mulher

Profissão: desempregada

Escolaridade: fundamental incompleto

Socioeconômico: D-E

Já foi ao teatro, mas não frequenta

Nunca fez curso de teatro

*O que você faz normalmente para se distrair, com seu tempo livre, lazer?*

Fico na porta do bar. Fico na porta do bar, vou mentir?

*Vendo o pessoal passar, batendo papo?*

É, tomando uma...

*E alguma coisa mais cultural?*

Não, ultimamente, não.

*Nem televisão?*

Televisão assisto mais à noite.

*Entra na internet...?*

Não. Nem celular eu tenho.

*No teatro você já foi alguma vez ou nunca foi?*

Já.

*Aqui no CEU?*

É.

*Você lembra o que você foi assistir?*

Não.

*Você num gostou?*

Não tenho muita paciência não.

*Então é por isso que você não vai mais?*

Não. (concordando)

*Pelo menos foi, viu alguma coisa e não gostou... E você imagina que teria algum estilo de teatro que você pudesse gostar? Alguma coisa diferente do que você viu?*

Não.

*Ou talvez algum assunto, algum tema que pudesse ser legal ou ser feito no teatro?*

Não. Eu não gosto dessas coisas não.

*E você saberia dizer que tipo de pessoa que você acha que gosta de teatro, ou que vai ao teatro? Teatro é coisa de...*

Gente fresca. (risos)

*Fresco você quer dizer assim... gay?*

Gente metida. Gay não. Gente fresca. Riquinho, fresquinho...

*E quando você pensa em teatro você relaciona com o quê? Tem alguma palavra que te vem à cabeça... quando pensa em teatro, você pensa no quê?*

Nada.

*Não vem nada na cabeça. E você consegue ver alguma característica positiva, alguma qualidade no teatro?*

Acho legal, pra quem gosta.

*E alguma característica negativa, uma coisa ruim?*

Sei lá. Cada um é diferente, né. Nem todos são iguais.

*Você fala as pessoas ou as peças?*

As peças.

*Se tivesse que dar uma definição, tipo teatro é...? Se fosse explicar pra uma pessoa que não sabe o que é, nunca viu?*

Nem eu sei explicar.

*Nem uma ideia... Não tem resposta certa. É a sua opinião.*

Nem eu sei explicar, que eu não ando assim nesses cantos...

*E você acha que teatro é importante, que serve para alguma coisa?*

Pra quem gosta, é.

*Por que, para que é que serve?*

Incentiva a pessoa. Porque a minha menina faz teatro.

*Ah, é? Olha! (risos) Ela faz aqui no CEU, faz curso, ou na igreja?*

No Einstein. No CCA também.

*E você já foi ver alguma coisa?*

Já.

*E nem o que ela faz não é legal, também?*

É. Gostei do que ela fez.

*E você incentivou ela a ir?*

É. Eu não vou, mas incentivo ela a ir.

*Por que você acha que é bom?*

Pelo menos distrai a cabeça, não fica pensando em fazer o que não presta.

*Tem mais alguma coisa sobre isso que você quisesse dizer?*

Não.



## ENTREVISTA 5 – Lúcia Paraisópolis (duração: 16 min)

Perfil

Idade: 62

Gênero: mulher

Profissão: doméstica

Escolaridade: fundamental incompleto

Socioeconômico: C2

Já foi ao teatro, mas não frequenta

Nunca fez curso de teatro

*O que você faz de lazer, para se distrair, com seu tempo livre?*

De lazer, de vez em quando a gente viaja pra praia, mas não é sempre. Faz churrasco, fim de semana...

*E alguma coisa da área cultural?*

Não.

*Nem televisão? Ouvir música?*

Televisão assisto muito. Ouvir música e televisão. Jornal Nacional, novela.

*Mas já foi ao teatro algumas vezes?*

Já.

*Tipo uma ou duas vezes na vida? Ou vai uma vez por ano...?*

Umas 4 vezes.

*No CEU?*

É.

*Você lembra o que você foi assistir?*

As peças do meu filho, e depois uma amiga dele. Você fala de cultura, nós já fomos também ver arte, no museu. Pinacoteca. Mais de uma vez.

*Mas sempre acompanhando seu filho? Ele que te puxa pros programas ou você que puxa ele?*

Ele que fala: mãe, vamos comigo. Pra ver aqueles quadros de arte. Mas eu gosto também.

*E você gosta de teatro ou não?*

Eu gosto.

*Algum estilo de teatro que você goste mais? Comédia, musical, drama...*

Comédia.

*Preferência nacional... Tem algum assunto, algum tema que você acha mais interessante no teatro?*

De comédia? Eu acho, assim, que na classe pobre, como diz o outro, acho que é importante teatro. As pessoas deixar um pouco aquela vida assim... Pelo menos ri um pouco no teatro, né, se solta um pouquinho.

*É importante para se divertir?*

Isso. Pra se divertir. Porque às vezes a gente fica em casa, fica só pensando nos problemas... Vai pro teatro... Chega lá um pouco, esquece. Levar as crianças...

*E porque você não vai mais ao teatro, já que você gosta, o que te impede?*

Porque eu trabalhava, trabalhava muito, eu entrava às 8:30 e saía 9h da noite. Agora sim, agora já dá mais tempo. No CEU. Embora agora a gente tá meio afastado das atividades do CEU, a gente não sabe quando tem. Mas quando tem assim no CEU, a gente vai.

*O que acha que poderia ser feito para as pessoas irem mais ao teatro? Se você fosse dar um conselho ou pros artistas ou pro governo? O que poderia fazer pra incentivar as pessoas?*

Na comunidade, eles falam muito pouco sobre teatro. Então, se tivesse pelo menos uma aula de teatro pras crianças, na escola... Eles já se interessariam mais, iam chegar pra mãe e falar: domingo tem teatro, a senhora tem que me levar... Porque são crianças pequenas, que às vezes não vai só, de sete, oito anos. Como o meu neto, de nove anos, acho que na escola dele, acho que não tem.

*Às vezes as pessoas nem sabem que tem teatro?*

Nem sabem... Às vezes fala: teatro!? Mas o que é teatro?

*Não sabe nem o que é?*

Aí você tem que falar sobre televisão. Teatro é aquele teatro que a Fernanda Montenegro fez, que essa outra faz assim... Aí eles: "Ah, tá. Mas só passa um

pedacinho...” só propaganda, né, que passa na televisão. Então tem muita gente que conhece, quando passa propaganda. Então, se tivesse em todas as escolas, na prefeitura, uma aula de teatro... Como meu filho, que estudou no Porto Seguro, então tinha, então ele se interessou. A minha neta, que estuda no Porto Seguro já gosta de teatro, já acha que é interessante.

*E você saberia dizer que tipo de pessoa que você acha que gosta de teatro, ou que vai ao teatro? Teatro é coisa de...*

Classe média. É como ela disse: fresca. (risos) Não, mas é que é educativo.

*Você acha que teatro é educativo?*

Eu acho.

*Então por isso é mais coisa de classe média ou rico?*

Classe média. Mas que leva a pessoa a ser feliz. Porque ali no teatro você ri, conversa, fala “olha, que interessante isso”. As crianças gostam muito.

*Quando você pensa em teatro, com o que você relaciona? A primeira palavra que te vem à cabeça? O que tem a ver com teatro?*

O jeito de representar, ou a música, ou o fundo, isso que você quer dizer?

*O que vier à sua cabeça.*

Às vezes quando vou no teatro, eu tô sabendo lá que vai ter uma peça. Mas não sei, porque eu não assisti antes. Então eu vou ficar observando, “ai, nossa, que legal...” assim, acho interessante mesmo.

*E qual a característica positiva, a melhor coisa do teatro?*

Que a pessoa aprende mais.

*Você já falou que é educativo. Por que você acha que é educativo?*

Porque quando a criança... sobre a criança e o adolescente. Se o adolescente tem uma peça pra ir, ele já vai se interessando mais de ir no teatro que fazer outras coisas...

*A mesma coisa que a outra moça falou. Vai se entreter com coisa boa...*

Isso. Vai se entreter com coisa boa e não com coisa ruim. Nessa área é que tem menos gente. A gente foi no teatro no CEU, tinha tão pouca gente... (risos)

*Mas o fato de ser educativo não quer dizer que é chato?*

Não. É divertido.

*E a pior coisa do teatro, uma característica negativa?*

É que eles pagam pouco.

Pros artistas?

É. E tem que estudar muito. Eu falava pro meu filho: Deus me livre! Você vai morrer pobre. (risos) Eu falava: larga desse teatro, seus amigos tão ganhando milhões e você aí nesse teatro... Mas aí eu incentivo ele ir, porque eu vejo tanto as criancinhas que ficam... nas vezes que ele apresentou. Se eu tivesse um pouco mais de dinheiro, eu até incentivava ele ficar mais no teatro. Porque a gente se divertiu muito. Muito mesmo.

*Ele é bom, né?*

É. E as crianças, também... Nossa! Ficam muito felizes de assistir! Pena que eles começam uma coisa e depois termina... Falam: Ah, vou fazer outra coisa.... (risos)

*Se tivesse que dar uma definição, tipo teatro é...?*

É bom.

*E você já falou que teatro é importante, né, que é educativo?*

É, então, se todas as escolas tivessem... tirasse um sábado, uma atividade de teatro, nem que fosse uma horinha.

*E tem mais alguma coisa que você quer dizer sobre tudo isso, que eu não perguntei?*

Não. Só assim mesmo, que eu acho do teatro. Porque as pessoas... Acho que essa semana tem uma peça... O rico, por exemplo, ele vai nesse teatro que o pobre não pode ir, porque é caro. Então por isso que eles deviam incentivar ter na área da periferia, pra todo mundo poder ir.

*Mas aqui tem bastante, ou não? No CEU e no Einstein?*

Tem, mas é mais encaixe. Quando as meninas apresentam. Daí quando você tá mais gostando daquele conjunto, daí a pouco eles já desistiram...

*No Einstein é quase sempre o pessoal que faz os cursos.*

Isso.

*Mas no CEU vem umas peças de fora?*

Vem, vem.

*Mas normalmente nem fica sabendo?*

Não fica. Porque, não tem... Como da parte do rico, já anuncia na televisão, você fala: ai, que interessante. Mas vai ver, o ingresso é uma fortuna. Então você não vai...

*Mas já teve coisa, a gente foi, por exemplo, no musical do Chacrinha. É caro, nem sei quanto custa...Teve ônibus de graça no CEU.*

Às vezes sai. Meu filho vai muito, às vezes ele fala: tô indo pro teatro. Mas eu, trabalhei nesse serviço dez anos, nunca mais acompanhei ele em nada.

## ENTREVISTA 6 – João Paraisópolis (duração: 27 min)

Perfil:

Idade: 29

Gênero: homem

Profissão: professor de artes

Escolaridade: superior completo

Socioeconômico: C1

Frequenta teatro 2 vezes por mês

Já fez curso de teatro - Vocacional

*O que você faz de lazer, com seu tempo livre?*

Saio pra balada, às vezes, quando dá, tenho dinheiro. Vou no parque e faço bastante coisa cultural. Teatro, tudo de apresentação cultural eu tô me envolvendo, tudo que tem na cidade, de graça, claro. (risos) Raramente eu pago.

*Mas você vai onde? Teatro? Cinema você vai?*

Cinema é uma coisa que eu não vou muito. Não sei se é porque paga, ou porque é no shopping... Não gosto de shopping.

*Mas tem cinema de rua...*

É, então, mas não tenho esse hábito, realmente...

*Aqui no CEU tem também umas seções de cinema...*

É, raramente eu vou no cinema. Uma vez, quando sai algum filme que eu gosto muito... Mas é raro. Vou uma vez a cada cinco anos.

*Teatro você vai bastante. Por que você gosta?*

Gosto muito. Vou bastante porque eu gosto, eu amo. Me sinto realizado no teatro, acho lindo. Tudo bonito no teatro. Tudo, até o espaço, os bancos do teatro. Tudo é lindo, tudo pra mim é maravilhoso!

*Olha! Por que será?*

Acho que por ter tido a experiência de estudar dentro do teatro. Ter vivências particulares. Conhecer pessoas, construir minha vida pessoal dentro do teatro. Eu estudei na escola, mas eu não me dedicava tanto quanto eu me dediquei ao

teatro.

*Com quantos anos você começou?*

21.

*E antes disso, você não ia assistir?*

Antes disse, não. Não ia, não tinha contato. Eu tinha ido uma vez no pré, com 6 anos, assisti uma peça linda que era a Cinderela. (risos) Eu tenho uma memória afetiva, porque nessa peça, juro para você, o vestido aparecia na Cinderela e eu não consigo esquecer isso. Como que eles conseguiam fazer o vestido aparecer...

*Como assim?*

Um jogo de iluminação, sabe? Ela tava com a roupa toda rasgada e de repente ela se transformou na Cinderela. Eu fiquei pensando: como eles fizeram isso?

*Tipo uma mágica?*

Uma mágica. E eu sempre fiquei pensando: nossa, que demais isso! Que legal que é esse espaço e fazer isso. Eu achava que era tipo uma realidade, que naquele lugar eu conseguiria fazer coisas. Cresci pensando nisso, mas nunca tive contato com o teatro. Aí quando eu fui ter um contato aqui, no CEU Paraisópolis, eu vi que não era toda essa mágica, que era mais trabalho que... que toda a beleza.

*Algum estilo de teatro que você gosta mais?*

Estilo?

*Comédia, musical, contemporâneo...*

Eu gosto muito de comédia. Mas musical eu gosto muito também, muito mesmo. Mas o estilo que eu gosto mais acho que é... (pausa) Acho que é um teatro político, sabe, que traz uma discussão mais política, das questões contemporâneas. Quando eu vejo uma peça do Coletivo negro, por exemplo, eu amo. Fico besta assim, por dias. Eu assisti uma peça outro dia, das meninas, não sei se você já ouviu falar, da Zona Agbara.

*Não.*

É uma peça que tá super faladinha agora. Um grupo de dançarinas se juntaram. Elas são negras, gordas.

*Ah... Não lembrava do nome...*

O nome da peça é “Vênus Negra – manual de como engolir o mundo”. Muito legal. Eu saí da peça assim, tipo: Meu Deus! Eu tô mexido, impactado com isso tudo que eu vi. E ficou uma semana, com um nó na garganta por uma semana. Eu acho que isso me instiga a pensar coisas sobre a minha vida, sobre coisas que eu faço no dia a dia, que eu falo, e como mudar isso, se isso precisa ser mudado ou não. Então, eu gosto mais de teatro assim, que mexa comigo. Comédia é bom, eu dou risada, mas depois passa, depois eu não fico pensando, não fico sentindo ainda...

*Mas isso tem a ver mais com a temática do que com o estilo?*

É, tem a ver mais com a temática. Às vezes, tem o estilo da comédia que pode deixar isso, mas geralmente não vejo, assim.

*E você vai com que frequência ao teatro? (pausa) Tipo uma vez por mês?*

Não, mais. Duas vezes por mês... Quando eu tô trabalhado quase não vou também. Mas uma coisa, teve uma queda agora nesses últimos meses. Parece que não tá se produzindo tanto teatro... parece... parece que não tá acontecendo muita coisa... Essa questão política mexeu com todo mundo, com todos os grupos. Mas eu tava indo bastante. Como a gente conhece bastante gente, sempre tem uma estreia. Então a gente sempre tem que ir pra dar aquele apoio pros colegas.

*Você vai mais em peça de colega?*

Mais em peça de pessoas que a gente conhece. Daí, às vezes dá pra ir numa peça que a gente ouviu falar que é legal, que tá bem comentada, tá no SESC. E de graça. É um pensamento ruim também. A gente teve essa discussão, você paga pra ver teatro? Como é que você quer receber se você não paga? Porque a gente vai quando é de graça.

*Mas é...*

É uma questão de necessidade, às vezes. Ou pra economizar.

*Ou uma questão também de prioridade? Porque você não paga a peça, mas paga a cerveja, a pizza...*

Tipo isso, acaba acontecendo isso também. Porque a gente sabe que vai ter um dia de graça e fica esperando.

*Mas, sem ser dos amigos, você vai quando a peça é comentada?*

Quando tá comentada, bem falada...



*E quem é que comenta? São também os colegas.*

Os colegas. A gente vê muita divulgação... a rede social... o Catraca Livre, esses sites assim divulgando, colocando matérias.

*Isso é o que gente vê, que vai mais artista... mas pro público comum... O que acha que poderia ser feito para as pessoas irem mais ao teatro? Se você fosse dar um conselho ou pros artistas ou pro governo? O que poderia fazer pra incentivar as pessoas?*

Acho que tinha que ter um fomento do teatro mais pobre, mais barato. Porque realmente teatro é caro. O que as pessoas têm mais divulgação. O que passa na televisão é caro. O público comum assiste televisão. Aí na televisão ele vê uma peça, ele vai pesquisar, se interessar, ele não vai pelo valor. Ele não vai pagar R\$70,00 ou R\$150,00, sendo que ela não tem o hábito de ir nunca. Então deixa pra lá. Ela gerou um interesse primário, só que pelo valor, ela acaba não indo. Se ela fosse, ela diria: quero ir sempre agora. Porque são espetáculos maravilhosos, beleza, o valor vale a pena. Mas a pessoa não chegou a ir.

*Mas você mesmo também não vai? Você que sabe que vale a pena...*

Mas a minha questão é financeira... (risos) Eu não tenho dinheiro pra pagar, senão eu iria. Por isso que eu falo que tem que ter um investimento no teatro mais barato. Pra poder todo mundo ter acesso. E falar, realmente, eu tenho costume de ir e pago pra poder estar sempre lá.

*O que você chama de um fomento ao teatro mais barato?*

Por exemplo, tem vários incentivos. Se o governo der mais incentivo pros grupos de teatro fazer uma peça e que venda mais barato os ingressos e que vá pra lugares mais acessíveis... Os teatros também abrirem as portas pra peças de forma mais acessível, apresenta e não vai pagar nada, mas aí você tem que levar público de não sei onde... Mas aí você tem que ter uma parceria pra ter um ônibus. Isso até tem. No CEU, por exemplo, às vezes acontece. Mas ter sempre, sempre, sempre.

*Existem projetos de fomento... O VAI, por exemplo...*

Existem, mas... Tinha que ter mais, mais, mais. Mas, também tem essa questão do público não ter esse interesse pelo teatro, porque não tem o costume de ir,

então não interessa, não quero.

*Nem conhece?*

Nem conhece.

*Não sei se também tem a questão de as pessoas não ficarem sabendo... Talvez se tivesse uma frequência, sabe que toda semana, naquele lugar. Não sei se isso tem a ver...*

Eu fico louco com isso, no meu pensamento. Acho que todas as pessoas deviam poder ver... Quando eu vejo um espetáculo como O Chacrinha, por exemplo, acho que muitas pessoas deviam poder ver, que era tudo muito bem feito, bem produzido, tudo lindo. Quando assisti da Elis, também. No Chacrinha, eu fiquei pensando que se a minha mãe pudesse assistir, ia tocar muito ela. (pausa) Aí eu penso que as pessoas deviam ter acesso, mas acesso assim, com o interesse da pessoa também. Porque já tem, divulgou no CEU, vem quem puder. Mas não, tem o interesse. Mas não sei como fazer isso, você entende?

*Fomentar o interesse, não só dar o acesso?*

Fomentar o interesse...

*O que você acha que pode ser feito?*

Eu acho interessante ter na escola. Já desde pequeno ter o contato. Eu tive muito essa parte cultural, o gosto pela arte e pela cultura, assim como os meus amigos que estudaram no Porto. Eu tive aula de música no primeiro dia de aula, tinha aula de coral, uma aula mesmo, toda terça, ia pro laboratório de música, pro atelier de artes. Numa escola pública não tem isso, não tem como ter. Teria como, né...? Falava da história da música... Esse contato mais íntimo com as músicas... estudar a letra, o contexto político, a gente tinha essa aula no Porto. Daí você fala: meu, eu gosto disso, quero conhecer mais sobre isso. Na escola pública não tem isso. Em algumas escolas particulares também não. É um contato com a arte muito mais minucioso. Vamos ter contato com a arte pra que gere interesse, desde pequeno. Tinha teatro também no Porto Seguro.

*Você falou que começou a fazer com 21 anos?*

Comecei com 21. Eu tive contato, mas não de fazer. Era tipo quem quiser participar, participa, mas eu não participava. O Porto tem tudo. Mas tem as

creches aqui no Paraisópolis também que tem contato com a arte também, de todas as formas, é interessante demais. Mas isso é pequeno e morre ali, as esferas não se comunicam. O CCA é da Assistência, então ele não tem contato com a Educação, que não tem contato com a Saúde. Se todo mundo tivesse trabalhando em conjunto... mas não tem isso. Eu tô falando mais assim da minha vivência.

*Então vamos falar das imagens que você tem do teatro. Que tipo de pessoa que gosta? Teatro é coisa de...?*

Eu acho que é coisa de uma pessoa mais alternativa mesmo. Não falar de uma pessoa riquinha... Tem muito pobre que gosta de teatro também e muita gente rica que não gosta. Tenho certeza. Às vezes, acho que mais. O teatro é uma coisa linda, mas... tem que gostar... Eu fico pensando que a pessoa rica não gostaria muito de ir... É uma coisa que não é muito prática. É muito visual. Nossa, se eu fosse rico eu não iria no teatro não... (risos) Eu teria um cinema em casa. Ou ia pra shows, umas coisas maiores, mais caros.

*Teatro é coisa de gente alternativa?*

Pessoa alternativa, que gosta de coisas diferentes. Que não gosta de coisa comum.

*O que você relaciona com a palavra teatro?*

Relaciono com vida. Trabalho, movimentação.

*E qual a característica positiva, a melhor coisa do teatro?*

É... a experiência de poder ter o contato. Coisa que a televisão... você não tem esse contato com quem tá fazendo.

*De ser ao vivo, o contato do artista com o espectador.*

É. Real.

*E a pior coisa do teatro, uma característica negativa?*

É a falta de interesse do povo. É horrível isso... (risos) É de matar.

*E uma definição, tipo teatro é...?*

É minha paixão.

*E você já acha que teatro é importante?*

Acho.

*Pra que serve?*

Pra formar senso crítico nas pessoas, formas de pensar... e tudo assim. Tem a ver com lazer, momentos bons.

*E você concorda com isso que várias pessoas falaram, que é educativo?*

Demais. Teatro é muito educativo. Não numa forma de educação padrão, mas de quebrar padrões. É formativo, é...

*E isso não faz com deixe de ser lazer... Não é uma coisa escolar?*

Não. Tirando essa questão de escola, é uma questão mais de conhecimento, o teatro pode dar conhecimento pras pessoas além do conhecimento padrão, escolar. De vida mesmo. De experiência, de saber coisas, de sentir coisas, perceber coisas. É isso, o teatro é importante por isso.

*E tem mais alguma coisa que você quer dizer sobre tudo isso, que eu não perguntei?*

Ah, sei lá. Acho que eu queria ganhar mais dinheiro com teatro, pra ficar de boa. (risos).

*Eu também. Por isso que eu tô tentando descobrir porque as pessoas não vão.*

*Você se sente meio vendedor de enciclopédia, fazendo uma coisa que não interessa pra ninguém?*

Sim, quase sempre.

*Então você tem essa percepção de que as pessoas parecem que não gostam mesmo?*

Até porque as pessoas falam isso. Meu irmão, por exemplo, não é que ele vai ver uma peça quando for boa. Se eu chamar ele não vai. Ele não vai mesmo. Parece de nascença, ele nasceu com isso, não gosta de teatro.

## ENTREVISTA 7 – Lucas Paraisópolis (duração: 17 min)

Perfil

Idade: 16

Gênero: homem

Profissão: passeador de cachorro

Escolaridade: cursando ensino médio

Socioeconômico: C1

Já foi algumas vezes, mas não frequenta

Já fez curso de teatro - Vocacional

*O que você costuma fazer de lazer, com seu tempo livre?*

Vou muito pra casa da minha vó, vou pra praia, jogo bola. O que eu mais gosto é de jogar bola, futebol. De lazer.

*E alguma coisa da área cultural?*

Às vezes eu vou pro teatro. Às vezes eu também ajudo minha prima, que ela faz coisas tipo pra ajudar as pessoas.

*Pro teatro, você fala, é pra fazer teatro, ou pra assistir?*

Pra assistir. Poucas vezes que eu vou.

*E outras coisas... ouve música...?*

Escuto muito música, vejo muito série, documentário, muito, muito.

*Documentário? Na Netflix?*

É. Documentário de guerra, Hitler, Guerra Mundial, Guerra Fria...

*Que legal. Por que isso?*

Sei lá, eu gosto de História...

*E assiste televisão?*

Não gosto de televisão.

*Lê?*

Só quando eu gosto muito do livro.

*Nem revista?*

Leio tipo post do Facebook, sabe? (risos)

*Fica na internet bastante?*

Fico. Só quando eu tô trabalhando que eu não fico.

*Você falou que você vai às vezes ao teatro. Com que frequência, mais ou menos?*

Difícil eu ir, tipo uma vez por ano... Mais quando o Diogo me leva, me chama.

*Mas você já viu bastante coisa, juntando a vida inteira? Tipo umas dez peças?*

Já. Até mais.

*E você gosta de teatro?*

De algumas peças eu gosto, de outras não. Uma que o Diogo me levou, esqueci até o nome, era sobre Cordel, eu achei bem chata. Não gostei.

*Era tudo rimadinho?*

Era. Os caras falando da terra deles, tipo, memórias de Pernambuco. Aí, tipo, eu não gostei muito.

*Tá certo, tem umas que você gosta e outras não...*

Então, eu gosto de teatro, porque eu comecei fazer com o Diogo, naquela época que a gente fazia junto... aí eu gosto.

*Você acha que foi porque você fez o curso que você gosta?*

É.

*Algum estilo de teatro que você gosta mais? Comédia, musical, improviso...*

Comédia.

*Algum assunto que seja mais interessante pra ser tratado no teatro?*

Então, eu gosto muito de comédia. Os piores pra mim são de terror.

*Você não gosta de terror? Mas você gosta de documentário de guerra... Mas você consegue reconhecer temas que você acha que são bons pro teatro. Tipo: assuntos políticos, amor...*

Então, romance e comédia.

*Por que você acha que você não vai mais ao teatro?*

A gente perdeu meio que o costume. O Diogo mudou... aí você parou de fazer com a gente...

*Mas ainda tem aqui no CEU não tem?*

Acho que tem, não sei...

*O que acha que poderia ser feito para as pessoas irem mais ao teatro? Se você*

*fosse dar um conselho ou pros artistas ou pro governo? O que poderia fazer pra incentivar as pessoas?*

Divulgação, precisa de mais divulgação. E incentivar as pessoas a quererem ir. Ser uma coisa interessante pra elas ir. Porque muita gente acha que o teatro é chato, “ah não vou, é chato, o povo vai ficar só falando...” Eles acham isso.

*Você acha que o povo acha que é chato, mas não é na verdade? É uma ideia falsa?*

É.

*Mas por que você acha isso? Você ouve as pessoas falando que é chato?*

Na minha escola, o professor de História deu pra gente um trabalho, tipo pra ganhar a nota do bimestre. E era teatro. A gente fez uma peça do Shakespeare. Eu esqueci o nome da peça... noite...

*Sonho de uma noite de verão?*

Isso. Mas outras salas que tinham outras peças. Mas várias salas ficaram com zero, o povo é muito desinteressado. “Ah, isso é muito chato, a gente não vai fazer isso. Dá outro trabalho pra gente ganhar nota”. Falavam isso. Tipo a minha sala, como tinha várias pessoas que eram de teatro, foi a única que fez.

*E foi legal?*

Foi. Mas a gente errou muito, por a gente não ter muita experiência.

*Mas as pessoas que assistiram gostaram?*

Foram os professores. Gostaram. Eu fiquei com 8 de média. Eu achei que eu fui muito... pelo que a gente fazia lá eu achei que eu fui muito ruim... (risos)

*Mas você fala que falta divulgação, não pra uma peça específica, mas uma divulgação de que é legal? As pessoas mudarem a imagem?*

É. Saberem que é bom.

*Mas como a gente pode fazer isso?*

Internet, televisão. Tipo, quando eu trabalhava com o Diogo, que a gente fazia a peça do *Soldadinho e a Bailarina*, a gente divulgava muito no *facebook*. E sempre enchia o CEU. Tipo “ah, vou levar meu filho”. Aí ia muita gente.

*Então era uma divulgação específica da peça. Mas como as pessoas sabiam que a peça era legal, tinha um videozinho, fotos...?*

Tinha um roteiro e um videozinho. E fotos também. E, tipo, a maioria das pessoas já tinha assistido, aí um recomendava pro outro. Tipo “vai lá que legal, o Diogo e a Cris é muito bom”.

*São mesmo, né? Muito engraçados. E que tipo de pessoa que gosta? Teatro é coisa de...?*

É muito de pessoa mais reservada, sabe, tipo desses casalzinhos assim... Tipo pessoa que tem mais cultura. Não que tem mais cultura, que eu falo assim, tipo igual o Diogo, uma pessoa assim... a gente, sabe? (gesto indicando eu e ele) Pessoa que não sai de casa. Os adolescentes de hoje em dia só quer baile funk. Pessoa que gosta da coisa, que não sai de casa, gosta de teatro, gosta de ler. Os adolescentes de hoje só querem saber de droga e de baile funk.

*Outras pessoas falaram que é coisa de gente intelectual, gente que pensa, gente inteligente. Você acha que tem a ver com isso?*

Tem muito a ver com isso. Coisa de gente intelectual, que gosta de ler, gosta de estudar. Fala “teatro é legal, vou lá assistir isso, pegar meu tempo pra assistir isso”. Os adolescentes de hoje em dia não se interessam nisso. Eu me interessou, porque desde pequeno eu comecei a gostar por causa do Diogo, senão eu seria igual a eles, acho.

*Você acha que você gosta porque acompanhava o Diogo?*

É. Eu comecei a gostar desde pequeno, por isso que eu gosto. Se o Diogo falasse “vamos apresentar uma peça”, eu ia me esforçar muito. Eu gosto muito.

*Você acha que talvez as pessoas que não têm contato desde cedo nem sabem direito o que é, por isso não gostam?*

É.

*E o que te vem à cabeça, o que você relaciona com a palavra teatro?*

Peça. Teatro. Cadeiras. Cinema. Tudo isso.

*E qual a característica positiva, a melhor coisa do teatro?*

É quando você vê o esforço que você fez, os dias que você treinou pra apresentar e tá lá na frente e apresenta.

*O esforço recompensado. E se você pensar como público? Não foi você que fez, você foi assistir...*



Aí, no meu ponto de vista, eu gosto muito de olhar, reparar as coisas, eu sou muito crítico. Aí eu ia criticar... se tá certo ou não...

*Então, você ia reparar do mesmo jeito. Mesmo você não tendo feito, você sabe o processo...*

Isso.

*E a pior coisa do teatro, uma característica negativa?*

Pra mim não tem. Pra mim. Mas pras outras pessoas tem. Algumas pessoas têm.

*E pras pessoas que têm, você acha que é o quê?*

Não sei. Sei lá. Acho que você vai no teatro e tem poltronas ruim. Ou que a peça é ruim. Não é que é ruim, é que não é boa, não é engraçada. É que a maioria das pessoas quer peça engraçada...

*É, daí pode achar chata. Você acha que tem muita gente que acha que o teatro é chato?*

Tem. Tem muita gente. Igual eu te falei, é porque não tem convivência, não sabe, não tem divulgação...

*E uma definição, tipo teatro é...?*

É muito bom, legal.

*E você já acha que teatro é importante?*

É importante, né? É pra pessoa ter uma cultura. Poder falar daquilo no futuro. Falar pro meu filho: eu conheço teatro, eu já fiz teatro. Entendeu?

*Pra que serve, pra desenvolver a pessoa?*

Não sei explicar... Mas serve pra muitas coisas, pra você aprender, pra ter mais conhecimento.

*E você concorda com isso que várias pessoas falaram, que é educativo?*

Muito. Quando uma pessoa desde pequena convive com teatro, ela totalmente muda o sentido de pensar, ela vira outra pessoa quando cresce.

*O teatro ajuda a pensar melhor?*

Pra quem mora na comunidade, sim. Se uma criança pequena for fazer um teatro, quando ela crescer ela não vai ser um drogado, um funqueiro. Não que funk seja ruim, é bom também, pra eles. Mas, pra gente que gosta de rock, não é muito bom...

*Você acha que o teatro ajuda as pessoas a pensarem de um jeito diferente?*

Sim. É muito desenvolvimento, né...

*Tipo, de um pensamento crítico?*

É.

*E o fato de ser educativo, não significa que é chato? Não é no sentido escolar? É divertido?*

É nesse sentido. É educativo, engraçado e legal. Não é chato igual na escola. A gente estuda seis horas por dia. É meio cansativo e chato, ficar sentado na sala, só prestando atenção no professor. Isso é chato. Mas teatro não, teatro você vai se mexer, vai aprender, vai observar, vai fazer...

*Agora, por tudo que você tá falando, você relaciona mais com fazer teatro do que com assistir. Você como artista amador. Você acha que isso é importante pra formação de público também?*

É. Eu também gosto de teatro, porque eu faço. Eu já fiz.

*De alguma maneira, você entende como funciona...?*

Eu entendo todo o roteiro, eu entendo o que eles estão fazendo lá.

*E quem nunca fez, não entende, por isso não gosta?*

É. Fala “ah, é chato, eu não vou ficar lá sentado assistindo aquela pessoa falando isso...”

*E tem mais alguma coisa que você quer dizer sobre tudo isso, que eu não perguntei?*

Ah, eu quero que as pessoas vão assistir teatro, vão pra conhecer. Pra ver que não é chato, porque não é chato. É muito legal.

*E você acha que tem gente que acha que é chato sem nunca ter ido?*

Sim, tem muito isso. Igual, minha mãe. Ela nunca foi e ela fala “é chato, porque vocês vão pra esse lugar”?

*E por que ela acha isso, se ela nunca foi?*

Pois é, não sei. Tem que ter o conhecimento pra falar que é chato ou não... Pra gente é muito legal, porque a gente faz e tal, mas pra ela é chato...

*E você acha que se ela fosse, ela gostaria? Ou, como ela nunca fez teatro, ela não ia entender também?*

Eu acho que se ela fosse ela não ia entender muito, porque ela não presta muito atenção nas coisas... Acho que ela não ia gostar muito.

## ENTREVISTA 8 – Mila Paraisópolis (duração:15 min)

Perfil

Idade: 70

Gênero: mulher

Profissão: doméstica aposentada

Escolaridade: não estudou

Socioeconômico: C2

Nunca foi ao teatro

Nunca fez curso de artes

*(Expliquei que era uma pesquisa sobre teatro)*

O Marcelo cansa comigo pra eu ir. Mas eu... o problema que eu sinto, não posso estar assim no meio de muita gente...

*Ah... Tem...?*

Depressão. Eu assim como nós estamos aqui, tô muito bem. Mas se chegar quatro, cinco pessoas ali naquele meio ali, não me sinto bem, fico agoniada. Eu tenho vontade de ir, mas sei que eu vou passar mal. Nunca fui. E ele insiste pra eu ir, tadinho.

*Mas nem pra ver o Marcelo?*

Não.

*E ele é tão bom! Faz umas coisas tão legais...*

É o amor da minha vida, não sei se é neto, se é filho. Foi o primeiro neto que me chamou de vó. Tenho neto mais velho do que ele, mas era longe. Aquele ali é um anjo de menino, que Deus abençoe e continue assim.

*E o que você costuma fazer do seu tempo livre? Alguma atividade de lazer, pra se divertir...?*

Não, nada. Só em casa mesmo.

*Você trabalha fora?*

Não. Trabalhei muito, agora tô parada. Trabalho em casa. Mas tô arrumando costura, quando a cabeça fica prejudicando eu deixo, depois eu volto.

*Mas não faz nada pra se distrair? Nem assistir TV, ouvir música?*

TV assisto, tem vezes. Som também, quando eu ligo ali bem baixinho.

*E computador, internet?*

Não.

*E não tem outra atividade de lazer? Assim, tem gente que faz crochê, artesanato...?*

Não.

*E alguma atividade cultural fora, também não...?*

Não.

*Tudo por causa do problema de não poder com muita gente?*

É, do problema. Não saio sozinha por nada. Vivo aqui de porta fechada.

*E você já foi ver isso? Tratar?*

Nossa, já faz dez anos que eu tomo remédio...

*Mas isso não foi assim sempre, desde novinha?*

Não. Faz mais de dez anos.

*E nem antigamente, alguma vez na vida, você foi ao teatro?*

Não, nunca fui.

*Nem na Igreja? Às vezes na Igreja tem peça...*

Na Igreja eu ia muito.

*Mas já viu peça na Igreja?*

Não.

*Tipo Semana Santa, Paixão de Cristo...?*

Ah, sim. Já vi.

*Ou, então circo? Antigamente tinha bastante peça no circo.*

É, eu ia, mas já faz muitos anos, muitos anos, sem sentir problema nenhum.

*E, de ter visto essas coisa, mesmo que seja das peças da Igreja, ou alguma coisa na rua, você acha que você gosta de teatro? Ou não? Ou não tem...*

Pelo que falam, eu acho que eu gostaria...

*Algum estilo de teatro que você gostaria mais? Comédia, drama, uma coisa religiosa, musical...*

Eu sou muito religiosa. Vou sempre pra Aparecida do Norte. E lá é gente...

*Lá é gente!*

Mas Deus me dá tanto poder, que eu vou e não me sinto mal. Só por Deus.

*Olha... E daí você acha que você não vai ao teatro, por causa de ficar com muita gente mesmo? Não é pelo teatro em si?*

Não, eu tenho vontade de ir. Às vezes, o Marcelo fala. Mas, eu digo: meu filho, não adianta, chega lá com poucos minutos, eu já tenho que sair pra fora, sair do meio do povo... Daí fica chato.

*O que acha que poderia ser feito para as pessoas irem mais ao teatro? Se você fosse dar um conselho ou pros artistas ou pro governo? O que poderia fazer pra incentivar as pessoas?*

Aí que tá... (pausa) Se eu pudesse falar com...

*É. Eu tô tentando descobrir porque as pessoas não vão... Tô procurando ideias... O que podia incentivar as pessoas a irem mais. É que o seu é um caso específico, mas no geral, porque será que as pessoas não vão?*

É porque eu achava assim, aqueles que não têm problema nenhum, era bom ir.

*Era bom ir, né?*

Muito. Porque se eu tivesse como antes, daí eu ia.

*Você acha que teatro é importante?*

É. É importante.

*Por que, pra que serve?*

Enquanto a pessoa tá ali, tá vendo, tá aprendendo... tá se distraindo.

*É educativo, também?*

É.

E é divertido também?

É divertido.

*E que tipo de pessoa que gosta? Teatro é coisa de...?*

Eu acho que é de gente esperta, que quer saber mais coisas ainda, eu acho.

*Porque tem essa característica de ensinar coisas...*

Pois é.

*O que você relaciona com a palavra teatro?*

Eu penso assim, que vai ser divertido...

*Você não acha que teatro é chato?*

Não. Não pode ser chato.

*Não? Eu tenho a impressão que tem muita gente que acha que teatro é chato...*

Não. Na minha ideia, não. No meu pensamento não.

*E qual a característica positiva, a melhor coisa do teatro? Na sua opinião...*

Eu acho que se eu fosse, eu ia gostar. Se não fosse o problema da minha cabeça... Porque eu vejo que minha filha vai, meus netos...

*E o que eles falam?*

Eles gostam, muito divertido, eles tiram foto, eles acham bonito.

*E a pior coisa do teatro, uma característica negativa?*

Eu acho que é ver como que tá matando, vendo aquele sangue, assim, aí eu fico...

*Se for uma coisa de violência?*

Aí eu fico meio pesarosa. Até na televisão, quando tá passando coisa de chorar, eu acompanho aquela pessoa que chora, eu saio de perto.

*Porque se envolve, né? Eu sei como é...*

Um dia Marcelo tirou uma foto, ele tava todo assim, como se era sangue. Daí o Vitor falou "não, mãe, isso aí é coisa que ele faz"... Eu falei "meu filho, pelo amor de Deus..." (risos) A gente tá vendo que na televisão não é verdade, mas... Eu fico agoniada.

*E uma definição, tipo teatro é...?*

É uma coisa boa. Pra mim, é. Eu sinto muito de não poder ir assistir.

*E você já acha que teatro é importante?*

Acho.

*Pra que serve?*

Pra pessoa ser mais sabida. Quem quer felicidade, faz isso pro futuro...

*Você acha que ajuda a desenvolver o pensamento...?*

Ajuda, ajuda.

*E você concorda com isso que várias pessoas falaram, que é educativo?*

Eu penso que sim.

*Mas, ao tempo é divertido?*

É divertido.

*Porque quando me falaram educativo, eu pensei que podia ser uma coisa chata...?*

Não. No jeito que você tá perguntando... eu já pensei outra coisa. Você acha que eu pensava como?

*Não sei... É que outras pessoas falaram isso de educativo. E eu que pensei que podia ser uma coisa chata, que vão ficar ensinando alguma coisa... e não que seja uma diversão...*

Eu acho tudo que a pessoa faz pra aprender... se é coisa boa... Só coisas que eu não acho certo, Deus me livre, é matar, desfazer das pessoas, ofender alguém... Mas o teatro não. Não tem nada que ver com isso.

*E tem mais alguma coisa que você quer dizer sobre tudo isso, que eu não perguntei?*

Não.



## **ENTREVISTA – MARIANE PARAISÓPOLIS (duração: 30 min)**

Perfil

Idade: 29

Gênero: mulher

Profissão: auxiliar de farmácia

Escolaridade: superior incompleto

Socioeconômico: C1

Frequenta teatro 2 vezes por mês

Fez cursos na área de teatro – Programa Vocacional

*O que você faz com o seu tempo livre, de lazer?*

Ultimamente ou...?

*É muito diferente a sua vida ultimamente?*

Tá um pouco... Mas eu procuro sempre sair dessa bolha que a gente vive aqui. Não gosto de ficar, pelo menos na folga aqui dentro, senão eu passo o dia inteiro em casa. Gosto de ir pra Paulista, é um dos lugares que eu gosto bastante de ir. Assistir peças de teatro, né? Bastante também. E ultimamente tenho ido pra bastante shows.

*De música?*

De música.

*Ir pra Paulista é tipo andar, passear, mudar de ares...?*

Eu gosta da... É que a Paulista é meio estranha, né. Eu vejo duas Paulistas. Tem uma que é aquela Paulista caótica, que a gente encontra de segunda a sexta. Que tem aquele vai e vem de pessoas, que às vezes causa até uma fobia de tanta gente que tem ali. E eu gosto da Paulista de final de semana, Paulista aberta nos domingos, que é bem bacana a diversidade que você encontra lá, de tudo. Gente excêntrica até o povo mais certinho. Música, dança, artes visuais tem bastante na Paulista, uma coisa que a gente não é muito habituado.

*Ah é? Na Paulista aberta?*

Na Paulista aberta.

*Faz tempo que eu não vou...*

Tá tendo bastante. Acho que é isso.

*E você falou que vai ao teatro bastante... é tipo... uma vez por mês?*

Não, umas duas vezes por mês. Isso é bastante, né?

*Super bastante. Acho que não tem nada que eu faça duas vezes por mês...*

*Tomo banho... (risos)*

Que bom, né? Podemos melhorar isso aí. (risos)

*Bom, você gosta de teatro, evidentemente.*

Gosto.

*Tem algum estilo que você gosta mais, uma questão estética, assim... comédia, musical, drama, experimental, performático... ou não?*

Gosto muito de comédia. Gosto muito de peças críticas, sabe? Gosto bastante de peças que tem um tom de drama, mas tem uma questão maior por trás, uma pegada mais social. Que bota meio o dedo na ferida, que te causa inquietação. Quando você vai assistir uma coisa, um espetáculo ou um filme, e sai com aquilo remoendo, e fica com aquilo remoendo até chegar numa conclusão. De repente você muda toda sua visão assim ao redor...

*Você e o João Paraisópolis combinaram essa resposta? Ele falou uma coisa quase igual...*

É que a gente se completa... (risos). Mentira. É que ultimamente a gente tem assistido espetáculos juntos. Meio que as coisas que eu vi, ele também viu. E surgiu essa sensação.

*De assuntos que você acha mais interessantes, é essa pegada mais social?*

É.

*E o que você acha que pode ser feito para as pessoas irem mais ao teatro. Se pudesse dar um conselho pros artistas ou para o governo?*

Boa pergunta.

*Porque você acha que as pessoas não vão muito ao teatro? Ou não vão mais?*

Eu acho que se criou um mito de que teatro é uma coisa elitizada. Eu nem sei, porque eu não frequento esses teatros de elite, então... (risos) olha que contraditório. Eu acho que se criou meio isso. Acho que as pessoas crescem com outras prioridades. E acabam deixando de lado essa questão de vivência mesmo de outras coisas, como teatro, como ir ao cinema, ir num show. Mas falando do teatro em si é um pouco mais difícil ainda.

*Você acha que atividades culturais, em geral, são tidas como elitizadas, mas o teatro mais?*

Sim, porque, por exemplo, na questão da música. Pô, sou super fã de um cantor, então vou querer ir atrás. Ou então, gosto de um estilo de música, eu quero ir atrás, quero ver. O teatro não trás essa sensação. A não ser que você veja uma vez e seja amor à primeira vista. Eu acho que nesses meus 29 anos... Antes de eu fazer teatro, minha mãe nunca falou “vamos assistir uma peça de teatro”. Ou eu fui ao teatro, ou vi uma peça de teatro. Então, isso é uma questão meio que é enraizada de família. Você cresce sem saber o que é aquilo, você não é apresentada pra esse mundo, você não vai procurar. E na comunidade, na periferia, isso é ainda maior, por conta das prioridades. Todo mundo prioriza o seu trabalho, quem tá em casa prioriza cuidar de casa. Se você não vivencia isso, você não proporciona isso ao seu redor. Acho que é meio isso.

*É, porque quando você fala de música, por exemplo. Todo mundo ouve música, mesmo que não vá ao show.*

Filme, você tem uma TV aberta que vai passar alguma coisa...

*Com o teatro não existe esse contato?*

Teatro não tem essa... não é uma coisa comunicável, sabe? Que você fique sabendo. Ou se fica sabendo, não te traz essa sensação de “ai eu quero ver”.

*A ideia de fazer a pesquisa aqui foi por isso, porque tem o CEU, que sempre tem espetáculo. Não só do pessoal daqui, mas vem gente que tem Fomento, Proac...*

Muito.

*E as pessoas não vão.*

Mas entra também acho que o lance da divulgação. E de como levar o público lá, fica meio acomodado. Digo, acomodado o pessoal do CEU. Eu acho que não tem uma divulgação, não chega até a comunidade essa programação. E quando chega é de uma maneira superficial: vai ter uma peça no CEU e pronto. E eu também não consigo ver maneira de como fazer essa divulgação. Tinha uma época que eles levavam a escola, em determinado horário as escolas iam pro CEU. Mas era uma parceria do CEU e escola. Mas na comunidade em geral, você não vê essa divulgação.

*Eu tô falando do CEU, mas também o Einstein tem essa coisa, e tem um público cativo mais ou menos. Acho que eu fui umas duas ou três vezes no Sarau e tinha umas 100 pessoas assistindo... Ou é muito?*

Tem... Tinha. Não tá tendo mais. As pessoas tão perdendo o interesse de ir no Sarau, no teatro... Eles preferem mais ficar na bolha mesmo. Não sei o que é isso... (risos) se é uma questão financeira, se é uma questão política. Eu não consigo ver o porquê disso ter acontecido.

*Então, me dá a sua opinião do que fazer para isso melhorar. Você falou de divulgação...*

Divulgação é importante. Eu acho que, além de tudo, os grupos locais precisam retomar o diálogo, eu tenho conversado com o João Paraisópolis, a gente tá retomando algumas coisas... Eu falei com a Bia Paraisópolis esses dias e ela me alertou que o Sarau vai perder espaço, enfim... Então assim, os grupos precisam retomar esse diálogo que a gente tinha antes, que era bem bacana e um pouco eficaz, não tão eficaz senão o pessoal não teria perdido o interesse do jeito que perdeu. Mas se a galera daqui não se unir de novo, não começar a conversar, não vejo uma solução para isso. (pausa) Uma coisa que a gente já fez é o lance de os grupos se aproximarem do público. O Passa Lá Em Casa mostrou isso, se o público não vai, a gente vai até o público. Isso surtiu... Acho que teve um diferencial, no final, você vê a galera realmente acompanhando os cinco espetáculos, às vezes não ficando até o final, mas assistindo dois, três. Conversando entre si, você via vizinhos “olha, aconteceu isso na minha casa, pessoal maior legal, teve uma peça de teatro, na peça aconteceu isso e isso, foi muito divertido”, sabe, eles fantasiaram, viveram o espetáculo. E ficou reverberando entre a vizinhança. Acho que a ideia é essa, se o público não vai, a gente vai até o público. Mas pra isso a gente precisa... acho que essas leis de fomento, essas leis de incentivo que foram cortadas, prejudicou bastante, meio que brochou a galera. Caramba! Tô trabalhando, tava dando um resultado maior legal, e agora o que que eu faço, sem essa ajuda, sem esse incentivo. Porque, querendo ou não, isso é importante, cara. Pra você fazer um espetáculo, não é barato. Fazer de graça fica meio capenga.

*Então, você acha que uma solução pra isso... uma das coisas é a divulgação, e a outra é ir até o público. Seja nas casas, na rua, nas escolas...*

O diálogo. Sim, estreitar isso. E acho que a escola é uma porta mais fácil. Não sei como é que tá agora... (risos)

*Escola sem partido...*

É... É um espaço aberto, um espaço bacana e conversa diretamente com a arte, com o teatro em si também. A gente já teve oportunidade de fazer nas escolas e foi bem bacana.

*Das imagens que você tem relacionadas ao teatro. Que tipo de pessoa você acha que gosta ou que frequenta teatro. Teatro é coisa de...?*

Complicado... teatro é coisa de muita gente...

*De muita gente? Não tem muita gente no teatro... (risos)*

Mas o teatro abraça várias tribos, eu acho. Desde o roqueiro doidão, até pastor de Igreja, sabe?

*Não tem uma coisa que une?*

Que une... não... Não sei... essa pergunta... posso te responder depois?

*E o que vem a sua cabeça com a palavra teatro. Com o que você relaciona?*

Teatro pra mim... Calma, eu tô tentando fazer uma resposta bem bonitinha... (risos) Cara, pra mim, de verdade, o teatro foi um divisor de águas. Principalmente o teatro, porque eu já experimentei outras estéticas e tal, mas o teatro é uma válvula de escape que a gente tem. Principalmente a gente, nós, a galera da periferia. Tipo, você fica se matando no horário comercial de trabalhar e tem uma peça pra apresentar, quando você vai pra ensaiar não tem cansaço. Ou até tem, mas você consegue lidar com isso super fácil. E quando você passa tipo três horas ensaiando, quando você apresenta, cara, vem uma sensação tão plena, tão gostosa. Pra mim, é uma válvula de escape que acho que todo mundo... Hoje em dia necessita disso. Todo mundo deveria fazer teatro, todo mundo deveria experimentar a sensação de se doar pra uma outra coisa. Tipo emprestar você, seu corpo, sua voz pra outras coisas. Acho que a partir daí você passa a entender e lidar melhor com o outro. Principalmente isso. Você aprende a lidar com o outro.

*Que bonito, Mariane Paraisópolis...*

Porra! Foi foda, foi fundo, parei. (risos)

*Mas isso você fala do ponto de vista de quem faz teatro, não de quem assiste.*

De quem faz.

*Você acha que deveria ser mais difundido isso?*

Pra mim, teatro deveria ser uma matéria obrigatória em escola. E tem a questão também de você ficar mais desinibido, de perder a timidez. Você pega essa molecada maior tímida e bota pra fazer teatro... O moleque se transforma,

sai outro moleque de dentro dele, sabe? Eu acho que deveria ser uma matéria obrigatória.

*Qual é a melhor coisa do teatro, a característica positiva mais marcante?*

Em qual sentido?

*O que você quiser.*

(pausa) Repete a pergunta.

*Qual é a melhor coisa do teatro, a característica positiva mais marcante?*

Talvez o espaço que ele abre pra você pensar e dialogar. Eu acho que rola um diálogo bacana.

*Isso você fala como artista ou espectadora?*

Como espectadora. O teatro em si é um espaço de fala e de escuta muito importante, não falando de uma peça em si, mas o espaço físico. Seja uma palestra, ou um espetáculo... Você fala, você é ouvido...

*Você fala o espaço físico, não o espetáculo?*

O espetáculo também. Todo o universo... O teatro de é um espaço de fala e de escuta muito forte.

*Isso tem a ver com ser ao vivo, com a presença física?*

Também. Muito.

*E qual a pior coisa? A característica negativa mais marcante? (pausa) Deve ter né?*

Tem. (risos) É que é uma lista tão grande... tô brincando. Não sei, espera, calma. Como espectadora?

É.

Talvez... qualidade... não...

*Mas fala o que você pensou. Quem vai escrever a dissertação sou eu, pára de ficar escolhendo... (risos)*

A questão da estética. Tem muita porcaria também que é apresentada por aí. (risos) Acho que entra a questão disso. A primeira vez que você vai ao teatro, você vê uma coisa ruim, que não te agrada. Você fala: meu, se isso é teatro, não vai quere ver isso nunca mais na vida. Então, acho que é uma questão da qualidade do...

*E se você pudesse dar uma definição... Teatro é...?*

Teatro é mágico. (risos) Mas acho que é um universo paralelo sim, de grandes possibilidades.

*Você acha que o teatro é importante, né?*

Claro.

*Pra que serve?*

Porta de diálogo mais... mais simples, talvez. Eu acho que eu falei isso já... Eu acho que é isso, teatro é mágico. Ele te traz muitas possibilidades, tanto dentro quanto fora de cena, como espectador. Uma perspectiva de mundo diferente, de ideias, de transformação. Às vezes você vê uma peça que tem um contexto tão bacana que você quer aplicar isso na sua vida, com as pessoas ao redor. Você se critica, se policia muito também, como ser humano, sabe. É isso.

*Tem mais alguma coisa que você queira falar sobre isso, que eu não perguntei...?*

Acho que não, tô tímida hoje. Acho que é só.

*Algumas pessoas usaram a expressão “educativo”, teatro é educativo. Você falou que te faz pensar... O pessoal mais leigo na área, que não faz teatro, falou muito isso, que é educativo, bom pras crianças. Você acha que isso tem um sentido que é chato ou não? Porque, ao mesmo tempo que falam que é divertido, falam que é educativo. Quando fala que é educativo, eu penso que não é muito lazer... mas não tem esse sentido?*

Não. Eu particularmente não gosto muito daquele teatro didático. Não sei como explicar isso... mas aquela coisa quadrada, tipo palestra, não gosto disso, gosto de uma coisa que você troque. Tanto público quanto ator, eu acho que tem que ter um jogo, pra isso dar certo.

*E esse jogo é de pensamento, você não pode entregar muito, não pode ser uma aula?*

Não, pelo contrário. Teatro você tem que fazer a pessoa espremer mesmo o miolo. Quando você entrega, perde a graça. Acho que a pessoa tem que sair dali pensando “será que você isso que ele quis passar”? E ela passa a semana inteira refletindo naquilo e de repente fala “é isso mesmo”. Ou não, “caramba, eu tava pensando uma coisa totalmente diferente”. Sentar e conversar sobre uma peça que você assistiu também é bem bacana, por isso.

*Isso tá sendo uma crise mesmo pra mim... essa coisa do educativo. Então as pessoas não acham que é lazer...?*

Isso me lembrou duma coisa. Às vezes a escola cancela um dia de aula para ir ao teatro e as pessoas não vão. Tipo é de graça, tem um ônibus, e elas não

vão. Tipo hoje é livre. Talvez a gente chegou no X da questão. A gente sabe que o teatro é educativo, mas qual é a forma educativa do teatro, sabe? Talvez traga sensação de que é uma coisa obrigatória, se for pela escola. Mas se não for pela escola eles não vão.

*É... Que não é um descanso... Não necessariamente que não seja lazer, mas não dá um descanso pra cabeça. É um lazer, mas é um lazer pensante, ativo. Tem gente que gosta, tem gente que não.*

Isso é uma coisa complexa. Como que eu vou gostar de uma coisa se eu não tenho contato com essa coisa? No meu círculo de amizade, são pessoas que gostam de ir. Então eu não tô acostumada a ouvir “ai, Deus me livre, odeio teatro”. Eu nunca ouvi isso da galera.



## ENTREVISTA 10 – Kátia Grande SP (duração: 35 min)

Perfil

Idade: 50

Gênero: mulher

Profissão: dentista

Escolaridade: superior

Socioeconômico: B2

Frequenta a cada dois meses

Fez cursos de música e dança.

*Vamos começar falando da sua relação com teatro, se você já foi, gosta ou não...*

Eu vou ao teatro, não tanto quanto eu gostaria. Eu vou assim, uma vez por mês, uma vez a cada dois meses. Então, às vezes eu não vou pra assistir alguma peça, mas eu vou em algum show. Na minha faixa etária eu gosto muito de show que eu fico sentadinha... (risos) Então, eu e meu marido a gente vai bastante. Eu gosto muito de teatro, cinema. Cinema eu vou todo domingo. Só quando não tem mais nada pra gente assistir, que a gente já viu tudo... Mas teatro eu vou menos do que eu gostaria. Sinceramente, eu acho que um pouco pelo preço.

*É mais caro?*

Com relação ao cinema, que eu vou toda semana, já é um custo maior. Por exemplo, em outubro eu fui assistir “O Fantasma da Ópera”, eu adoro musical. Em setembro, eu fui assistir “Porque os homens mentem”, que é uma adaptação de um livro do Luis Fernando Veríssimo “As mentiras que os homens contam”. Eles pegaram algumas crônicas e adaptaram pro teatro. Então, eu vou bastante, assim...

*Você falou que do seu tempo livre, você vai bastante ao cinema...*

Então, eu vou ao cinema, eu vou bastante na Sala São Paulo. Porque lá eles têm os concertos de música clássica, que eu gosto bastante. Normalmente é na Sala São Paulo. Uma vez ou outra já teve no Teatro Municipal, que eu fui também. Isso que eu quero dizer, nem sempre é uma peça teatral, às vezes concertos, shows...

*E, além desses programas culturais, mais alguma coisa que você faça do seu tempo livre?*

O que eu faço... assim de lazer, você diz? Eu gosto de dançar.

*Você sai pra noite, assim?*

Eu e meu marido a gente gosta muito de dançar música dos anos 40 e 50. *Rockabilly*, que é o rock dos anos 50, a gente gosta. E um pouquinho anterior é o *lindy hop*, que é uma dança mais difícil, porque é muito técnica. A gente não sabe fazer muito bem, mas a gente enrola...

*Você curte a vida mesmo...*

Então, a gente vai em festa. Nós seguimos algumas bandas...

*E você já fez algum curso de teatro, ou outra linguagem artística?*

Não.

*Nem dança...?*

Não, dança eu já fiz. Deixa eu pensar... Isso inclui instrumento musical também?

*Sim.*

Eu estudei violão, quando eu era adolescente, mas como sempre fui voltada pro *rock'n roll*, logo eu passei pra guitarra. Até meu professor arrumou uns barzinhos pra gente tocar. Isso na adolescência, eu aproveitei, depois esqueci tudo. Agora mais madura, eu fiz aula de gaita, porque eu gosto de *blues*. Todo meu gosto é o *rock* e as suas origens, o *blues*... Tá pendente pra mim estudar mais. Mas eu moro em apartamento, acho que eu incomodo as pessoas. De dança, eu fiz na adolescência, fiz *ballet* clássico, que todo mundo fazia, toda mãe matriculava. Mas agora, nesse período da minha vida, mais maduro, fiz sapateado. Cinco anos de sapateado. Eu parei esse ano, fiz até o final de 2017. Mas pretendo voltar, me comunico com a minha turma de sapateado no *whats app* o tempo todo, eu quero voltar. Eu gosto bastante.

*E isso tem a ver com o teatro musical, né? Você gosta de música... Essa coisa do sapateado tem bem a ver com a tradição da Broadway...*

Então, agora aqui no Brasil, eles estão voltando, os musicais. Tanto é que a gente vê vários musicais que eles estão produzindo, a Claudia Raia sempre envolvida com isso, o Falabela também. Mas como a gente tava agora envolvido com a

formatura da minha filha, a gente tava gastando muito, último ano da faculdade. A gente evitou, por causa do preço. Por isso que eu falei pra você, Cris, que o teatro, muita gente não vai porque é um produto mais caro. Mas eu fiquei muito triste de não ter ido nesses musicas...

*Agora tem bastante coisa de graça. Não os musicais... Você nunca se interessou em descobrir coisas diferentes...? De graça ou, assim, R\$ 10,00.*

Em Santo André, eu vou bastante. Apesar de que o Teatro Municipal que tem lá é terrível. Quando tem alguma coisa interessante, eu vou. Mas, o teatro não é bom, a estrutura não é boa. É como se ele fosse caído ao contrário, não é nem plano (risos). Se você não sentar na primeira, segunda fileira, você não vê nada. A acústica é ruim. Mas, como é mais fácil... às vezes a gente tem preguiça de vir pra São Paulo. E aí quando tem, eu vou.

*Então, você gosta de teatro, pelo que você falou?*

Eu gosto, mas eu nunca tive vontade de fazer curso de teatro, porque eu sempre fui muito tímida. Eu nunca achei que eu teria condições...

*De se expor, assim...?*

É.

*Então, de estilo, que você gosta mais é musical...?*

Eu gosto de musical, eu gosto de comédia. Comédia, pra falar a verdade... Comédia e musical são os que eu mais gosto. Porque você sai bem do teatro. Mas, alguns dramas, assim, eu gosto de ver também. Mas comédia é gostoso. Por exemplo, quando eu tenho que levar alguém junto, a gente sempre escolhe comédia. Minha sogra é uma pessoa que já tem 65 anos, por aí, e ela nunca tinha ido ao teatro, nunca. Meu marido tinha uma tristeza com isso. Só que enquanto ela era casada, meu sogro era um outro perfil, então não dava pra ir... Aí, ela infelizmente ficou viúva, aí a gente começou a apresentar pra ela coisas que ela nunca tinha tido oportunidade de conhecer. O teatro foi uma dessas. A gente levou ela numa peça de comédia. Uma pessoa que nunca conheceu teatro, você leva num negócio muito assim, dramático, talvez ela não goste. E comédia não, a gente levou ela numa peça chamada "Um espírito baixou em mim". Muito engraçada. Eu já tinha assistido, ficou anos em cartaz. A gente foi de novo pra

apresentar o teatro pra ela.

*Que legal! E você acha que tem assuntos, temas mais interessantes de ser tratado no teatro?*

Não, acho que não. Acho que todo assunto pode ser tratado no teatro.

*O principal é a forma?*

Isso. O principal é a forma.

*Você falou que não vai mais por causa do preço, né?*

É porque assim... Eu tenho que ser sincera com você... Não que o de graça não seja bom. Mas, muitas vezes, essas peças baratinhas e tudo, não são tão legais.

Daí você sente meio uma perda de tempo, entendeu? Você vai e não se diverte...

*Por não ter uma produção, ou porque os artistas não são tão bons?*

Eu acho mais que é porque os artistas não são tão bons. Porque, se o artista é bom, mesmo não sendo uma superprodução, não tem problema. Mas ali, você vai e vê que a representação não... Tipo um filme que você assiste com o Morgan Freeman ou com outro ator, que não te passa aquela emoção tão grande. No teatro também tem isso, né? Então, às vezes ouve falar de alguma coisa, mas a gente olha... e não vai.

*Porque também tem essa coisa da referência...?*

De um ator famoso?

*É. O pessoal fala que só vai ver peça do ator da Globo. Mas como você vai escolher, se você não sabe nada, não conhece nem o texto, nem os atores...?*

Daí eu acho que teria que ter um marketing maior. Eu acho que não tem. Você quase não vê propaganda na televisão sobre peças em cartaz. Só fica sabendo aquela pessoa que é conectada e busca na internet, no jornal, o que tá acontecendo. Meu marido procura muito, às vezes tem coisa que a gente olha, não é ninguém famoso, é alguma coisa que a gente desconhece, mas a sinopse do negócio é legal e a gente vai. Mas tem que ter alguma coisa que te atraia. E eu acho que o pessoal de teatro não faz muito isso.

*Peca no marketing?*

Eu acho. Por exemplo, se você comparar ao cinema. O *trailer* de um filme é tudo. Antes de você começar o filme tem 20 minutos de *trailer*, mais ou menos. Quando

você assiste, você já escolhe o próximo. E no teatro não tem isso. E mesmo quando tem alguma propaganda na TV, você já reparou como é?

*Bem ruim, né?*

Horrível. Parece propaganda de pasta de dente. Eu sou dentista, eu tenho verdadeiro horror e vergonha alheia quando eu vejo propaganda de pasta de dente. Então, é a mesma coisa, acho que não é uma coisa que atrai. Você olha e fala: ai que legal, quero ir. Não tem isso no teatro.

*O que acha que poderia ser feito para as pessoas irem mais ao teatro? Se você fosse dar um conselho ou pros artistas ou pro governo? O que poderia fazer pra incentivar as pessoas? Uma poderia ser investir num marketing mais eficiente?*

Acho que isso sim. E acho que o governo deveria dar oportunidade para companhias pequenas, que muitas vezes têm um trabalho bacana pra apresentar, mas não tem verba. Por exemplo, tem uma menina que eu conheço que é atriz de teatro. E há uns dois, três meses, ela me mandou um *whats app* pedindo ajuda financeira, porque eles estavam com uma peça, mas não tinham como apresentar porque eles não tinham dinheiro. Depois, fui perguntar pra ela e ela disse que não deu certo, porque eles não conseguiram verba. Então, acho que falta esse incentivo do governo, porque é caro. É caro alugar um teatro. Então eles têm que ir pra uns teatros ruins ou fora de mão, o que dificulta mais ainda.

*Então, o governo incentivar os grupos pequenos, financeiramente?*

É, eu não tô muito por dentro...

*Mas é a sua sensação, mesmo.*

É, eu acho que é isso que falta. Aqui no Brasil, a gente vê que não tem incentivo cultural pra muita coisa. Por exemplo, museu. Quem é que vai ao museu? Quase ninguém.

*Só com excursão da escola...*

Só com excursão da escola. Mas, assim, a pessoa, se programar pra sair de casa com a família e dizer: vamos ao museu... O Museu do Ipiranga, quanto tempo fechado? Isso não é só com o teatro, é com um monte de coisas. Se você vai pra outros países que valorizam mais essa parte cultural, é cheio de museu, tem teatro acessível para um monte de gente. Acho que aqui falta esse incentivo.

*Agora eu queria saber de algumas imagens que você tem relacionadas ao teatro. Que tipo de pessoa que gosta? Teatro é coisa de...?*

Eu acho que tem alguns grupos que frequentam teatro, não é um único grupo, um único perfil. Eu acho que tem aquele pessoal chique, que você não sabe dizer se aquela pessoa tá lá porque realmente ela gosta. Ou porque aquilo dá *status* pra ela.

*Às vezes ela não vai pra ver, vai pra ser vista...?*

Eu não sei se é uma avaliação minha muito crítica. Mas, uma ou outra pessoa, você olha, não parece que ela tá realmente feliz com aquilo. Eu vou usufruir, vou curtir... A impressão que dá é que a pessoa vai porque é bacana, é chique. Isso em algumas peças específicas. Tem esse grupo. E tem o grupo do pessoal que é ligado ao teatro, de alguma forma. Pessoal de humanas, ou que faz algum curso. Você percebe que eles tão ali com um olhar diferente... Assim, eu não sei me expressar, mas quando você olha, você já identifica esse pessoal, ali. Pela forma de se vestir, por tudo assim, né, que é um pessoal mais... (risos)

*Eu tô deixando, pra ver se você acha a palavra...*

É mais ligado ao teatro... Eu ia falar bicho grilo, mas não é isso que eu quero dizer. É um perfil de gente... *cult*. Se você for conversar, é um pessoal que se expressa de forma mais analítica. Eu já reparei isso também. E um terceiro perfil, que eu acho que é o que eu me enquadro. Que não é *cult*, que não é aquela coisa... em falar, em confabular...

*Esse *cult* de humanas que você fala, poderia ser assim, ser intelectuais...?*

É. Intelectuais ou metidos a intelectuais. Nem sempre são intelectuais, mas tão ali tentando se encontrar...

*Curtem esse estereótipo.*

Isso. Curtem esse estereótipo, mais ou menos isso. E aí o terceiro perfil é aquele que vai quando pode pagar, que escolhe aquilo que gosta realmente, acho que tem muita gente assim. E eu acho que eu me enquadro nesse. Por exemplo, na Sala São Paulo, tem muita gente que paga anuidade e eles vão em todos. Normalmente um pessoal de uma faixa etária mais avançada, eles dormem o concerto inteiro. (risos)

*É o pessoal do status, que você fala? Eu tenho a impressão de que nessa área da música erudita tem mais isso de ser chique...*

É... é que é relaxante... dependendo do concerto, você fecha o olho porque você curte, você viaja mesmo. Mas é engraçado ver, porque às vezes você passa o olho e os mais idosos estão todos de olhinhos fechados. Mas não acho que todos são por status, acho que muita gente gosta mesmo. Eu e marido, engraçado, a gente gosta muito de *rock*, gosta de *punk rock*, que não é todo mundo que gosta, mais *hard core*, assim, e a gente ama música clássica também. Faz bem pros nossos ouvidos, a gente dorme ouvindo. Então, não acho que todas aquelas pessoas vão por status. Mas, muitos vão. Da mesma forma, aquele pessoal cult, que é metido a intelectual, às vezes tá lá por isso também.

*É uma forma de status dentro do grupo deles...*

É. E acho que é natural, eu não acho ruim, nem bom nem ruim. Eu acho que é natural, as pessoas se identificam com algum meio, algum grupo, e elas frequentam. Acho que é normal do ser humano mesmo.

*A busca da própria identidade às vezes passa por aí... E o que você relaciona com a palavra teatro? Qual a primeira coisa que te vem à cabeça?*

Lazer.

*E qual a característica positiva, a melhor coisa do teatro?*

Eu acho que, com relação a... não sei se é isso que você tá perguntando... se eu for comparar com outras formas, tipo cinema... é a proximidade com o artista. Isso aí você só tem no teatro.

*É uma característica importante e é positiva?*

Ah... é uma delícia. Você tá ali perto e vendo a pessoa atuar.

*E você não tem medo que tenha participação da plateia?*

Não. Nunca fui chamada. Não tenho medo, mas nunca fui chamada. (risos).

*Porque tem gente que tem pavor, fala: vamos sentar lá atrás, vai que eles mexam com a gente...*

Não, eu não tenho. Acho divertido. Acho que a pessoa tá lá tem que entrar na brincadeira... Por exemplo, naquela peça "As mentiras que os homens contam" tinha muita interação com a plateia. Um dos atores... eles sempre pegam um pra

Cristo ali. E o rapaz, ele tava muito mau humorado, tava sentado na primeira fileira, ficou até chato... teve algumas brincadeiras assim, ele ficou até sem graça... O rapaz não quis participar... eu não lembro direito pra contar... Ele não quis, a companheira dele ficou de cara feia...

*Foi constrangedor.*

Isso, foi constrangedor. Eu nunca me incomodei com isso, eu acho uma delícia. Mas lidar com o ser humano é uma surpresa, às vezes você brinca... E não dá tempo do artista analisar, ele escolhe e é uma roleta russa. O Jô Soares, eu gostava muito quando ele fazia as peças de teatro... Há muitos anos. Eu ia muito, eu adorava, porque é um humor inteligente. Ele passava no corredor, ele sempre ia brincando com as pessoas. Eu torcia tanto pra ele falar comigo... Por causa da proximidade, sabe aquela coisa: ai, ele falou comigo... Mas nunca dei essa sorte. (risos)

*E a pior coisa do teatro, uma característica negativa?*

Eu acho que não tem. Pra mim não tem... Eu acho que se tiver alguma coisa negativa é com relação ao preço dos ingressos, que são caros. Não todos, mas grandes produções são mais caras. Apesar de que... Esses musicais que vieram, eu fui em todos. Eu fui n' "A Bela e a Fera", eu fui n' "A Família Adams", "O Rei Leão", "O Fantasma da Ópera". Mas, assim, eu vou porque eu gosto muito, então a gente investe. Mas eu acho que realmente... pesa no orçamento.

*E esses musicais nacionais você foi, tipo "Chacrinha"?*

"Chacrinha" eu fui. Esse que eu te falei da Claudia Raia, que eu esqueci o nome, que tinha sapateado. E eu não fui, e eu gosto muito de sapateado, porque eu tava apertada.

*E se você tivesse que dar uma definição, tipo teatro é...?*

Ai, Cris... É uma forma de... manifestação da vida, do ser humano, das histórias...

*Que poético... E você já acha que teatro é importante?*

Acho.

*Pra que serve?*

Primeiro, é uma forma de divertimento. Mas também você aprende muito. Dependendo... Não é só diversão, só lazer, dependendo do que você vai assistir,



eu acho que você aprende, você acrescenta na sua vida. Eu acho que você tem que tá aberto na vida, porque tudo acrescenta alguma coisa. Se você for passear e descer no metrô lá no Brás, você não pode achar que aquilo foi uma perda de tempo. Acrescenta, se tiver um olhar aberto, a mente aberta... Porque você vai olhar a arquitetura... No teatro é a mesma coisa. Não sei se eu não sei me expressar muito bem... A gente tem que aprender com o que as pessoas têm de melhor. Ver o que as pessoas têm de melhor, pra você abraçar aquilo um pouco pra você. E o que tem de pior, ao invés de criticar, usar aquilo também como aprendizado. Pra você não fazer aquilo, não se comportar daquela maneira. Então na vida, em todos os lugares e até numa peça de teatro, você tem que estar aberto, porque você tá observando comportamentos humanos.

*Teatro faz bastante isso.*

O teatro usa bastante. Eu sempre faço isso. Não no teatro, mas na vida real... Eu acho que isso no teatro, dependendo da história que você tá assistindo, você pode absorver alguma coisa pra você. Mas também tem as peças que te trazem conhecimento histórico... tem tanta coisa boa, nem sei te dizer...

*E tem mais alguma coisa que você quer dizer sobre tudo isso, que eu não perguntei?*

Não. Eu tô morrendo de vergonha, eu não sei se é isso que você queria... se acrescentou alguma coisa.

*Eu queria a sua opinião. Eu tô tentando descobrir porque as pessoas não vão muito ao teatro...*

Eu também acho que as pessoas vão muito pela moda, sabe, que elas não escolhem muito as coisas que elas gostam de fazer. Por exemplo, se na novela da Globo começarem a falar que o teatro é super legal, as pessoas vão começar a frequentar mais teatro.

## ENTREVISTA 11 – Marcelo Grande SP (duração: 56 min)

Perfil

Idade: 27

Gênero: homem

Profissão: advogado e professor

Escolaridade: superior

Socioeconômico: B1

Frequenta a cada dois meses

Nunca fez cursos de artes, mas é músico amador autodidata.

*Você pode falar o que você quiser, vamos começar falando da sua relação com teatro, se você já foi, gosta ou não...*

Eu gosto. Nesse tempo de estágio, eu tenho um professor que ele participa de um grupo de teatro, então eu costumo assistir os ensaios, é interessante, é engraçado. Eu acho que eu gosto mais do ensaio, a apresentação é linda, mas o ensaio é muito engraçado. Porque o ensaio tem muita emoção ali atrás daquele ensaio. Tem emoção na peça também, não tô dizendo isso, mas no ensaio é diferente, o *feeling* é diferente, a conexão é bem maior. Você tem uma conexão bem maior do que quando você só tá assistindo o final. Quando você pega a peça pronta... você já pega o material pronto, não tem noção da luta que foi pra chegar até ali.

*Você tá acompanhando super?*

Eu fui algumas vezes já, não fui em todas. Eu tô dando aula direto, mas quando é sábado de tarde dá pra ir. Eu costumo acompanhar mais orquestra. Já fui algumas vezes no Teatro Municipal, ali do lado do shopping Light, maravilhoso aquele lugar, acho fantástico. Mas, ainda acho que em termos de acústica nada bate a Sala São Paulo, que é fantástica.

*Você assiste bastante coisa de música?*

Sim, eu gosto de escutar música clássica. Se tiver a Filarmônica Bachiana, eu gosto bastante, quando eles tocam Tchaikovsky foi muito bom também. “Eugene

Onegin” quando teve no Teatro Municipal achei fantástico aquilo. Aquela dava pra chorar junto, só não chorei porque tava do lado da minha e não quis sentir vergonha. Apesar que ultimamente eu ando chorando fácil... Fiquei muito arrependido de não ir ver “O Homem de La Mancha”. Fiquei muito triste de não ter visto. Porque quando eu vi as propagandas, achei fantástico o musical deles. Eu fiquei sabendo, quem foi... “O Rei Leão” que agora veio de novo pro Renault? Tinha uma fila, eu não sabia... Era uma fila para dar ingresso de graça pra professores, eu não sabia, se eu soubesse já tava lá.

*A Rouanet tem isso, um percentual de ingresso de graça...*

Eu não sabia... Era uma fila bem grande, enorme.

*Mas, de toda forma, você vai às vezes ver peças de teatro?*

Vou. Agora eu quero ir ao espaço do Bradesco, no Bourbon.

*Você vai com que frequência?*

Depende muito... Por exemplo, agora, esse semestre eu não fiz basicamente nada, fiquei só por conta de trabalhar e estudar, trabalhar e estudar, uma vida maravilhosa, a pessoa que trabalha e estuda, trabalha e estuda e chora de vez em quando (risos). Eu falo rindo, mas é de desespero...

*Eu tô vendo que você já tá quase chorando mesmo...*

É, tá difícil. Ultimamente anda pesado... Mas tudo bem. Eu tento assim, participar bastante. Eu vi agora que vai ter, eu nunca lembro as princesas da Disney quem são, mas acho que é a Cinderela que vai ter no espaço do Bradesco. Eu queria ver só pra conhecer o espaço. Mas já que é da Disney eu imagino que seja bom, porque eles têm realmente um grupo bom. Mas se tudo der certo eu ainda vou conseguir assistir “O Fantasma da Ópera” cantado em inglês. Ah, era “O Fantasma da Ópera”. Não era “O Rei o Leão”, a fila.

*Você tem uma preferência por teatro musical? Ou não...*

Não adianta falar que não. Eu tenho. (risos) Vamos ser honesto, eu tenho. Eu gosto mais de música.

*Você tem uma relação mais forte com a música?*

Sim, eu sempre gostei de coisas relacionadas à música. Esses meses que eu não tenho escutado música eu me sinto mais estressado, acho que tem relação. Eu

tava estudando educomunicação relacionado à música e vi que o pessoal tava falando que a música ajuda a relaxar e encontrar propriedades para ajudar o aluno a perceber melhor algumas matérias do que outras. E acho que isso tá me deixando estressado. Ultimamente, não tô tendo música nenhuma. Só lendo, lendo, lendo. Não consigo parar para escutar música.

*E você não consegue ler escutando música?*

Não, porque dependendo da música eu paro daí eu presto atenção na música. Daí não dá certo. Ontem eu escutei três músicas. Eu costumava escutar todos os dias. Eu ouvi de novo e percebi coisas novas nas músicas que eu escutava todos os dias. Tem certos pontos que a gente tem que manter... Eu falhei nesse semestre, mas vou regularizar no próximo. Peça, eu também gosto de peças. Mas eu prefiro assistir orquestras do que peças, talvez, a não ser que seja musical. Eu gosto muito de musical, filme com música, aquele d' "Os Miseráveis", achei maravilha... Sabe o Memorial da América Latina? Teve uma orquestra, Jazz Sinfônica. Eles tocaram todos os sambas antigos... muito gostoso. E assim, de graça. Quem não tivesse ingresso podia doar um casaco, pra ajudar na campanha do agasalho.

*Você diz que não tem uma frequência... Mas na vida, quantas peças você assistiu? Tipo umas três, dez...*

Mais de dez, com certeza. Eu gosto dessas coisas. Eu frequento, eu incentivo os alunos lá na escola a fazerem quando tem mostra cultural, sempre a fazerem uma coisa de teatro... E agora com esse professor Renan fica mais fácil. Como ele é do teatro, ele tem uma equipe, ele sabe o que faz...

*E você já fez algum curso de música, teatro, ou outra linguagem artística?*

Não. Eu aprendi a tocar bateria, sou quase intermediário, assim, mas aprendi sozinho, de escutar, pelo menos meu ouvido é bom pra isso. Gosto de música, qualquer instrumento que não seja de corda. Mas... Eu estudo bastante a parte de gameificação.

*O que é isso...?*

Ai que eu tô até com o livro da Flora Alves aqui. É você trabalhar ideias gameificadas, não necessariamente trazer jogos para a sala de aula. Porque o jogo, ele antecede qualquer tipo de conduta humana.

*E o que você faz do seu tempo livre? Além de ouvir música, que você já falou? Atividades de lazer...*

Olha... se for pensar... é que eu considero isso lazer também. Às vezes eu compilo algumas coisas... você não vai me achar muito normal, talvez. Eu tava de férias e fiz um compilado de Língua Portuguesa.

*Como assim, compilados?*

Eu juntei dez matérias recorrentes de concursos públicos que eu fiquei analisando... eu tô falando que eu não sou normal. (risos)

*Olha! Isso é uma atividade lúdica, de férias...?*

Eu não sei o que eu tava fazendo... mas tava todo feliz. Ou então eu jogo. No computador, RPG. Quando eu não tô nessa loucura eu tô jogando.

*Mas você acha que você gosta de teatro? (pausa) Pode falar a verdade...*

Eu gosto, de verdade. Eu queria entender qual o ponto que a gente tá olhando. Por exemplo, talvez uma peça séria não me chame tanta atenção, dependendo da musicalidade que tem dentro dessa peça. Acho que a musicalidade me atrai mais que qualquer outro fator. Dependendo do que for apresentado talvez eu assista, ache bonito, me emocione. Mas eu teria muito mais apreço se tivesse certa musicalidade.

*Então, se pensar em estilo, que você gosta mais é de musical...?*

Sim. Sem dúvida.

*Mais algum outro ponto... comédia, drama?*

Não, não tenho... eu nem sei se eu gosto tanto de comédia. Mas tudo bem...

*Você gosta de coisas mais emocionantes, mais fortes?*

Sim.

*Você gosta de chorar? (risos)*

Provavelmente. Eu só leio Álvares de Azevedo... Lord Byron... a gente vai descendo a ladeira... (risos). Pra você ter uma referência, *Confrontation de Jekyll and Hide*.

*O que é isso? É uma ópera do Médico e o Monstro? Teatro musical?*

Sim. Eu não sei a nomenclatura correta. Mas é uma peça. Ele volta sozinho pro palco e ele começa a cantar e ele começa sendo Jekyll. Mas é interessante o

posicionamento dele pra luz, porque enquanto ele tá desse lado a cara dele tá limpa, mas quando ele vira e joga o cabelo pra frente do rosto, ele se transforma no monstro pela sombra, a sinestesia daquilo é muito forte, então é muito bom. E a música é fantástica, porque ele altera a voz...

*E você viu onde?*

Pela internet. Isso é só no exterior, ainda não tô...

*E você acha que tem assuntos, temas mais interessantes de ser tratado no teatro?*

Não sei se tem temas... Você diz, assim. Algo que seria de mais impacto...?

*Você falou da forma, musical. Mas com relação ao tema... assuntos que devem ser tratados ou não? Ou tudo pode ser...?*

Eu penso assim, que teatro é arte. Então, pelo fato dele ser arte, deve ser representado da forma mais artística possível seu ponto de vista frente a alguma coisa. Se for realmente uma arte formada em cima de uma opinião, isso tem que ficar claro. Porque na nossa sociedade tem uma dificuldade muito grande de entender o que é opinião e o que é regra... (risos). Porque você vai querer fazer uma peça pra falar de discriminação, por exemplo. Mas o que vai ser tratado? Sobre qual ponto? Acho que precisa de pelo alguma coisa, um *briefing* pra explicar do que se trata. Tem que deixar bem claro. E ainda assim, isso vai causar problema, porque o pessoal tem dificuldade de leitura, também. Mas eu acho assim, qualquer tema pode ser tratado, desde que explicado. Acho que a gente tá numa sociedade que tá cada vez mais aberta pra falar de qualquer coisa. Tem que ser conversado, não dá pra ser imposto. Se você não consegue ter um diálogo sério... Não tô falando que o teatro não seja sério. Mas se você conseguir ver isso na arte, de uma maneira mais clara, talvez seja mais engrandecedor. O teatro pode ser muito mais esclarecedor do que uma palestra de duas horas.

*Você acha que o teatro pode ser educativo?*

Com certeza. Cada pessoa tem uma facilidade para assimilar conteúdo... cada um assimila de uma forma, se a pessoa consegue assimilar com arte, com teatro... então ela que busque mais disso pra acrescentar pra ela.

*Você falou que nunca estudou, mas acompanhou a montagem de um espetáculo.*

*Você acha que mudou a sua visão do teatro?*

Muda um pouco. Pela percepção que a gente tem do trabalho dos outros, porque a gente vê as coisas prontas, a gente não sabe o valor das coisas. A gente não sabe quanto de suor foi dado naquilo ali. Tempo, na verdade. Quanto tempo aquela pessoa levou pra chegar naquela desenvoltura...

*O espectador comum não tem noção do trabalho que dá, né?*

Às vezes, você acha que tá bem mais ou menos. Mas às vezes você viu alguém que é fantástico naquele quesito... Mas quando você vê uma pessoa que saiu do nada e chega numa desenvoltura mediana, mas do ponto que ele saiu e do ponto que ele chegou... Desde o início, é uma mudança de comportamento muito grande. É muito interessante.

*Você passa a valorizar mais, num certo sentido?*

Sim, eu acho muito legal.

*E porque você acha que não vai mais ao teatro?*

Esses dias aqui? Tempo. (risos). Eu fico de segunda a sábado por conta de aulas. Sábado à tarde é o único dia que eu tenho pra ver minha namorada... Domingo já tô preparando aula...

*E, se sobra um tempo, você vai ver alguma coisa de música, que você gosta mais..?*

Sim. Eu queria ter visto o filme do Queen...

*Eu também... E o que você acha que poderia ser feito para as pessoas irem mais ao teatro? Se você fosse dar um conselho ou pros artistas ou pro governo? O que poderia fazer pra incentivar as pessoas?*

Agora a pergunta é complexa. Veio muita coisa na cabeça agora. Eu podia dar uma resposta padrão, tipo aumenta a divulgação. Mas isso não resolve, aumentar a divulgação não adianta. Aumentar a divulgação não significa que você vai aumentar o interesse. Se aquela comunidade, aquele microterritório não tiver hábitos de seguir pra essa tendência, você tá gastando recurso pra nada. Talvez, dependendo dos temas que forem tratados, se for algo mais perceptível pra... Por exemplo, esse professor tá fazendo teatro com temas mais voltados pros jovens, de coisas que eles passam. Ele tem um público, porque esse público sabe do que se trata, então eles sabem discutir. O que eu mais vejo quando tem alguém lá

participando, eles não querem ficar lá como seres inanimados, eles querem discutir. Querem ter uma opinião sobre isso. Sei lá, não tô desmerecendo ninguém... mas se você pegar uma pessoa que não teve acesso a educação, e colocar ele pra assistir um “*Nutcracker*” da vida, primeiro não vai saber o que é.

*Eu tô aqui pensando...*

“O quebra nozes”.

*Ah...*

Ele não vai nem colocar no Google, porque não vai ter nem essa ideia. Até ele entender o que tá se passando ali, já acabou, ele vai achar muito chato. Então, acho que se o assunto for lógico e compressível desde o início, talvez isso puxe... Aí é um trabalho progressivo, claro, não tô falando nem de meses, nem de anos. Tô falando de muito tempo. Mas a cada um que você puxe, vai falar pra mais um que é bom, vai trazer um amigo.

*Você tá falando de casar um pouco, o espetáculo com o público.*

Sim.

*E talvez se essa divulgação for mais focada num público específico?*

Sim, pra você direcionar a divulgação pra certos pontos. Se tiver esse cuidado de anunciar uma peça que seja de uma realidade que pode ser percebida pelas pessoas daquele lugar onde a peça vai acontecer, aí essa divulgação pode ser pesada. Como você falou, uma divulgação centrada, aí beleza.

*De fazer a coisa fazer sentido... Agora eu queria saber de algumas imagens que você tem relacionadas ao teatro. E que tipo de pessoa que gosta, que frequenta? Teatro é coisa de...?*

Essa pergunta é mais difícil que a anterior... (risos). Porque essa pergunta, não sei, me parece um julgamento. (risos)

*Porque tem gente que vai ao teatro. Existe um tipo de público? Ou não tem, também?*

Analisando historicamente, talvez antes tivesse. Hoje, acredito que tenhamos bastante curiosos... você quer ver um ponto preconceituoso que eu vou levantar? Teatro Municipal. Quando nós fomos, nós ficamos no camarote do governador, porque minha tia trabalhava no governo e ela conseguiu ingresso. E o governador



não vai. Isso pode deixar na gravação, o Alckmin não ia ao teatro. (risos) Isso é pra publicar. Assim, as pessoas que iam lá, muita gente ia por uma questão de status. Mas eu não via como status, porque aquilo é do palco pra pessoa que tá assistindo. E não do público... de mim pra quem tá ao meu lado. Isso não vai me fazer melhor que o pessoal que tá lá. Mas talvez a peça me faça melhor do que quando eu cheguei. Talvez, a gente tenha bastante curiosos... Por exemplo, vestimenta. Preconceituoso, eu já disse. Mas é verdade. Eu fui de camiseta polo, calça jeans, e sapato, de propósito. Outro ponto estranho da minha vida. Eu também faço esses experimentos sociais, às vezes. Eu fui desse jeito e as pessoas te olham estranho, como se você fosse um idiota, num lugar pra gente esperta. Esse é o primeiro erro. Porque a gente tá julgando a pessoa, a gente nem sabe quem tá por trás daquela vestimenta. A gente vê muita gente ali que nem sabe o que está acontecendo... Essa que a gente foi vê era "Eugene Onegin". Aí você chega lá a pessoa tá toda montada na pomposidade, olha pra você com desprezo e a pessoa diz que foi ver uma peça de Mozart. A pessoa nem sabe quem é Tchaikovsky. É muito triste. Você não sabe o que tá fazendo aqui...

*Nesse mundo da música erudita tem isso também, que é chique...*

Exato. Esse é o ponto, é chique, então eu vou. Porque é status, mas status pra quem? Mas tinha muita gente que foi com roupa normal, tranquila. E o pessoal discutia a peça de forma plena. Sabia quem eram os personagens, o contexto histórico... Tem muita gente que vai no teatro porque é chique. Por que conhece as peças...? Não sei. Não posso afirmar porque não dá pra escutar todo mundo falando. Mas pelas experiências que eu tive nem todo mundo que sabe o que tá acontecendo ali não. Tem muita gente que vai porque acha fino. E quer participar daquilo... quer parecer que é elite. E nessa aparência de elite, fala um monte de besteira...

*Isso é uma parte do público? Você diria que teatro é coisa de gente metida...?*

Teatro é coisa de gente sensível, na realidade. Você precisa ter uma certa sensibilidade pra assistir uma peça. Não pode ser um coração de pedra e chegar lá... achando que aquilo não vai te acrescentar nada vida, não sei porque foi. Tem que chegar lá com a cabeça aberta pra receber outras leituras. Se não tem

sensibilidade para apreciar uma arte, melhor ficar em casa...

*E o que você relaciona com a palavra teatro? Qual a primeira coisa que te vem à cabeça?*

Eu preciso definir numa palavra?

*Qual a relação que você faz...*

Eu colocaria como emoção, de uma forma geral. Independente de qual ela seja, seja uma, seja outra. Talvez aquilo que foi mostrado pra você, talvez você não goste. Perfeitamente aceitável.

*Sua emoção pode ser de raiva de ter ido ver aquela peça ruim...*

Sim. Eu assisti "Édipo Rei" com a minha mãe lá no SESC, ela odiou, eu adorei.

*Você lembra de quem era...?*

Não lembro, era um grupo com três pessoas. Eles fizeram uma releitura, mas eu achei que ficou bom, a desenvoltura do pessoal eu achei muito boa. Minha mãe estava esperando a peça do Sófocles, feita, tal qual a original. Eu já imaginei que era uma releitura, daí eu li lá na porta que era uma releitura, minha mãe não leu. Por isso que eu falo... Então ela ficou brava, eu não fiquei. Mas acho que é emoção, seja positiva ou negativa.

*E qual a característica positiva, a melhor coisa do teatro?*

Como eu vou colocar isso pra você.... Eu acho que um ponto positivo é aquilo que eu falei no começo... você se tornar uma pessoa melhor do que quando você entrou. Esse é o ponto de você apreciar uma arte... Você conseguir enxergar detalhes, talvez se você conseguir assistir uma peça várias vezes, que nem sempre é possível... talvez você vá observar coisas diferentes. Talvez esses pontos te façam um melhor apreciador. A gente vai amadurecendo a ideia, e a gente vai notando coisas que a gente não notava.

*Então a característica mais importante é, de alguma maneira, você evoluir?*

Sim.

*E isso tem a ver com ser educativo...?*

Sim. Eu não vou conseguir te dar uma ideia pronta de como montar um teatro pra ser educativo, mas... talvez um acompanhamento pedagógico... Qual nosso objetivo? Pra quem?...

*Mas não necessariamente é isso? Quando você fala aprender alguma coisa, não é necessariamente nesse sentido objetivo...*

Você diz no sentido de matéria, que a gente vê na escola, aprender diretamente...

*É, isso pode ser também? Mas não necessariamente é isso. Pode ser aprender num sentido mais sensível, mais artístico... que de alguma maneira isso vai te transformar?*

Sim. Também acho que transforma. Porque quando você cria uma sensibilidade pra receber certos conceitos que você não tinha antes, você acaba por quebrar preconceitos. Isso é bom, isso te faz crescer. Se você pega uma peça que retrata a cultura de um país, você cresce. Ainda que você não perceba, você cresce, porque você entende porque aquilo é normal pra eles. Porque a gente critica, fala mal, julga, mas tem uma história por trás.

*E a pior coisa do teatro, uma característica negativa?*

Pior coisa? De característica técnica... ou qualquer coisa?

*Qualquer coisa.*

Eu não lembro de passar perrengue no teatro... Uma vez teve um atraso. Mas isso não é do teatro, é mais uma coisa pessoal. Que nem eu tinha comentado. Se você vai fazer uma releitura que vai expressar mais a sua opinião do que um ponto pacífico, se você não deixar isso bem claro, vai conseguir uma dor de cabeça. Dependendo do público, vai levar um processo, que o pessoal hoje em dia gosta de processar todo mundo. Tem que deixar as coisas bem claras. É uma releitura, é uma representação tal qual? Que nem essa informação do "Édipo Rei", não tava no site, tava na porta.

*Talvez esse seja o avesso do que tem de melhor. Ao invés dele te ensinar alguma coisa, ele também pode, digamos, te ensinar bobagem, trazer uma opinião equivocada...*

Eu não sei se isso que a gente tá conversando agora entra na parte do teatro em si... é mais na organização...

*É da impressão que você tem... da sua experiência...*

Ah, tá.

*A motivação pra essa pesquisa, foi "por que as pessoas não vão ao teatro, ou não*

*vão mais”? As pessoas falam coisas parecidas, assim, num filme, a pessoa conhece o ator, ou o diretor, já sabe o que esperar; e no teatro normalmente não. Ou até tem, eu conheço esse texto, daí chega lá e a pessoa fez qualquer coisa com aquele texto...*

Isso, se você vai ver um filme do Tarantino, você já sabe que vai ter sangue a torto e a direito. Se você vai ver uma peça e você sabe que é da Broadway, a pessoa já tem um momento anterior...

*Isso funciona pra tudo, se você vai comprar um livro, você não vai comprar qualquer um... alguém indicou, ou você conhece o autor, ou no mínimo, vai olhar a capa e falar “nossa! Tem algo aqui que me interessa...”*

É... a gente acaba muito comprando a obra pelo autor.

*E se você tivesse que dar uma definição, tipo teatro é...?*

Se eu falar que é vida fica meio clichê. Mas se eu colocar emoção, sensibilidade, eu tô repetindo alguma coisa que eu já falei. Não sei... no sentido vida, não é tipo, é tudo o que a gente precisa... Não, é vida porque você cria alguma coisa do zero. Você monta uma pessoa do zero. Ele cria essa personalidade.

*É vida, no sentido de criar vida, de dar vida...?*

Isso. Quando eu digo vida é nesse sentido de emoção e sensibilidade. Eu quis juntar os três sem ser clichê... Você conseguir criar um cenário, personagens... recriar um entendimento sobre a mesma história... é realmente dar vida a alguma coisa.

*Você nunca fez curso de teatro, mas você joga RPG, você sabe como funciona...*

Sim. A gente tem que criar personalidades também.

*E você acha que o teatro é importante?*

Sim. Diante de todo o exposto...

*Pra que serve?*

Bem, aí depende do foco pra onde vai ser direcionado. Se for educativo. Ou uma manifestação de arte... Se a pessoa tiver pra receber um tipo de informação, ela vai crescer. Isso não quer dizer que ela vai sair mais esperta.

*Pode sair mais confusa...*

Pode sair mais confusa. Ou indignada. Ou refutando o que ela viu. Mas mesmo

assim, ela cresceu. Ela tem que tem fundamentação pra refutar alguma coisa, tem que se dar ao trabalho de analisar isso...

*E tem mais alguma coisa que você quer dizer sobre tudo isso, que eu não perguntei?*

Não. O que eu vejo bastante no pessoal mais jovem, parece que a moda agora, é você parecer que é bandido. É querer parecer o mais à margem da concepção normal da sociedade. Porque na minha época, a moda era querer ser playboyzinho, ser riquinho. Acho que as pessoas tem que parar de criar modelos pra seguir... Você vai deixar de fazer alguma coisa porque o outro faz. Por exemplo, ele faz porque ele rico, eu não sou rico, não vou fazer... tipo: Você vai ao teatro? "Você acha que eu tenho dinheiro?"

*Você acha que tem gente que acha que teatro é coisa de rico?*

Ah, tem. Muito. Pelo menos no meio que eu passo, eles acham que teatro é coisa de rico. Eles acham que custa uma fábula um ingresso. Nem sabem que tem muito ingresso de graça. Então, o pessoal tem um certo preconceito. Estigmatizaram isso: pra entrar no teatro, você tem que ter dinheiro.

*Também já ouvi gente dizer que é coisa de intelectual, gente estudada. Você acha que tem isso também?*

Eu já ouvi isso também. Em entrevista, na TV... Por exemplo, numa escola na pública que eu trabalho, o pessoal nem sabe o que é teatro. A escola nunca conseguiu levar. Eles não vão porque acham que é coisa de rico. Eles não vão porque acham que é chato. Eles acham chato um negócio que eles nunca foram.

*Tem gente que acha que é chato sem nunca ter ido...*

Então... Você já comeu? Não, é ruim. Chega num ponto que você não consegue discutir. Porque é chato. É ruim porque é chato. Você já foi? Não, porque é chato. O diálogo não abre...

*É uma imagem que eles têm. De algum lugar veio... Pelo que você fala tem a ver com uma ideologia dominante, a identidade deles... porque não é da moda... eu não faço parte desse grupo que vai ao teatro, eu sou do grupo dos maloqueiros, ou eu sou pobre...*

Os alunos lá falam que não vão ao teatro porque não tem dinheiro. Mas quando

eu falo que tem coisa de graça, não adianta. Já tá com isso na cabeça, alguém já colocou isso na cabeça. Eu acho isso triste. Se fosse uma pessoa de 70 anos falando que é chato, você tem uma análise, mas de sétima, oitava série...

*De onde será que vem isso?*

Então, eu fico tentando entender. Não sei se é de casa, ou se algum professor já falou também...

## ENTREVISTA 12 – Paulo Grande SP (duração: 30 min)

Perfil

Idade: 58

Gênero: homem

Profissão: tradutor e professor

Escolaridade: superior

Socioeconômico: A

Frequenta a cada três meses

Nunca fez cursos na área de artes.

*Eu queria saber da sua relação com teatro, se você já foi, gosta ou não... Você pode falar o que você quiser, mas basicamente sobre os seus hábitos de lazer. E como o teatro entra nisso.*

Então, eu sou casado. Nós gostamos muito de sair, nós dois, a gente não gosta muito de sair em turma. Às vezes isso acontece também. Por exemplo, a gente reserva do final de semana, da sexta à noite, sábado e domingo, pelo menos um dia pra sairmos nós dois. E a gente gosta de teatro, cinema e sair pra jantar. Em geral, a gente sai pra jantar, porque nós dois trabalhamos, ficamos fora, então sair pra jantar pode ser uma coisa mais íntima... mais de nós dois. E também de cinema. A gente mora num bairro muito próximo de um shopping, em São Caetano, a 50 metros do Shopping. Então o cinema tá do lado. Só que, às vezes, os filmes que eles tão exibindo são filmes que a maioria curte, então, se a gente quer alguma coisa um pouco melhor, a gente tem que sair da rota do Cinemark. Então a gente vem aqui pro Frei Caneca, ou até no Cinesesc ou no Itaú. Então, a gente vem aqui pra São Paulo. E quando a gente vai ao teatro, a gente procura assim, nas avaliações, alguma coisa assim que agrada. Que não seja, como eu posso dizer... uma comédia escrachada, que a gente não gosta muito. A gente prima pelo texto, então, se nem for tão engraçado, mas for uma coisa bacana, bem elaborada, e com pelo menos algum ator que tenha feito um trabalho anteriormente de porte, a gente prefere. Então é isso.

*Alguma referência, seja o texto ou um ator...*

Isso. A última peça que a gente assistiu foi “Morte acidental de um anarquista”, com o... quem tava encabeçando o elenco era o Dan Stulbach. E foi bacana e tal. Mas, às vezes eu fico chateado porque eu percebo que, às vezes, eles associam a presença de um ator, principalmente global, a uma produção que não é boa.

*Ah, é...?*

É. Então eles pegam uma peça que tem um ator que tá na mídia, mas a peça não é boa. É só um chamariz pras pessoas irem. E você pega às vezes peças com atores totalmente desconhecidos e que são excelentes. Principalmente no Centro Cultural. Tem um teatro também na Mooca, na Paes de Barros, chama Teatro Artur Azevedo, se não me engano, também tem peças boas lá, que é perto de casa, de São Caetano. Eu percebo isso, também. Tal pessoa e grande elenco. Quem é o grande elenco, cara pálida? Porque não põe o nome dos atores. Tudo bem que pode ser que eles não sejam tão conhecidos, mas coloca o nome das pessoas.

*Então você escolhe por coisas que você conhece, ou pelo ator ou pelo texto?*

Isso. Alguma coisa conhecida. Se vão montar uma peça conhecida...

*No Centro Cultural, por exemplo, que você falou...*

É. Mas faz muito tempo que eu não vou lá.

*Mas é porque alguém indicou...?*

Em geral, você procura na internet, vê o que tem lá... às vezes tem alguma coisa razoável. Mas não é sempre. Normalmente a gente vai na região da Paulista, no Teatro Gazeta, ou aquele na Augusta lá embaixo, o Procópio Ferreira. E tem aquele na Bela Vista num lugar horrível, o Ruth Escobar... Ou é o Maria della Costa... Aquele teatro deveria sair de lá. E tem uma casa nova agora, que é o Porto Seguro. O teatro é ótimo, mas a região é horrorosa. Você tem que ir só pra ir ao teatro. Sair depois pra comer alguma coisa, a pé, não dá. Tem que sair de carro e voltar pra um lugar melhor.

*E você costuma ir ao teatro com que frequência? Tipo uma vez por semestre...?*

Um pouquinho mais. A cada três meses, assim...

*Até que é bastante.*



Por ser entretenimento assim... Eu sei que produção de teatro é muito cara, mas às vezes acho que tem abuso.

*Você iria mais se fosse mais barato?*

Eu acho que sim. Tem espetáculo que é muito caro. No Frei Caneca, por exemplo. No Centro Cultural costuma ter peças a R\$ 20,00... No Artur Azevedo também, às vezes até de graça...

Sim.

*Mas daí você não tem a referência...?*

Isso. Não tem a referência. Mas... Tem um bom também que é o Sérgio Cardoso. Acho que é subsidiado...

*É do Estado.*

O que eu assisti lá que eu adorei? Não lembro... Uma peça com o Paulo Betty e Cristina Pereira... “A Aurora da Minha Vida”. Excelente!

*E outras coisas que você faz do seu tempo livre...? Normalmente cinema, sair pra jantar...*

Leitura. Gosto de cozinhar, também. Às vezes a gente recebe amigos pra jantar. Às vezes até almoço. As pessoas, às vezes, se programam pra outras coisas, mas pro almoço elas não se programam. Então é comum a gente receber amigos pra almoçar e à noite todo mundo fica livre. Não tem aquele compromisso de sair à noite... Porque hoje em dia, o aspecto de segurança é muito importante.

*Você curte bastante a vida...*

Mais ou menos.

*Faz bastante coisa. É que normalmente as pessoas falam que gostam, mas não dá tempo...*

Agora tava marcando uma *paella* com um casal, e um show de música flamenga. Eu sou uma pessoa que procura muito lugares com qualidade e preço numa relação boa. Porque você ir a lugares caríssimos e bons é super fácil. Lugares baratos e ruins, também é fácil encontrar. Eu até sou, como eu posso dizer, famosinho entre meus amigos por isso. Quando eles querem alguma coisa, eles me ligam e falam “você tem algum lugar pra sugerir...”

*Você podia virar colunista... (risos) E tem algum estilo que você gosta mais?*

*Comédia, musical...?*

Eu não gosto muito de comédia. Eu acho que existe uma tentativa, na minha opinião, do humor a qualquer preço e acho que às vezes são tiradas meio infelizes. Do tipo de humor daquele, na minha opinião, pseudo humorista, que fez o comentário totalmente descabido com a menina que tava grávida... Rafinha Bastos. Eu sou mais engraçado que ele, porque você fazer humor desse jeito é fácil...

*Mas, por exemplo, "A Morte Acidental de um Anarquista" é uma comédia, mas uma comédia...*

Sim, claro. Eu gosto mais da ironia, engraçada do que o humor escrachado mesmo. De caras e bocas, tombos, de brigas... Quando o humor parte pra esse lado... O texto é engraçado. Tem uma série de televisão que não está mais sendo exibida, "Seinfeld", aquele humor eu acho sensacional. Agora você pega, por exemplo, o "Big Bang Theory" tem hora que eles fazem um humor que é mais um escárnio. Tipo o rapaz que é meio assexuado. Ele fala "tô me relacionado com tal pessoa". "E vocês já chegaram às vias de fato"; "como assim vias de fato". Sabe, um humor meio forçado, uma coisa idiotizante... A pessoa é *nerd* e ao mesmo tempo, é um imbecil.

*Então você não gosta muito de comédia. Mas do que você gosta?*

Eu gosto de uma peça política, eu gosto assim, que fale de aspectos culturais, de outros povos, por exemplo. Que retrate uma pessoa da Europa na década de 40... Esse tipo de coisa me interessa. Eu achei bacana, também, eu vi a primeira vez que foi encenada, assisti "Visitando o Sr. Green", eu vi com o Paulo Autran... Eu assisti peças fantásticas... Tem um monólogo da Fernanda Montenegro...

*Sobre a Simone de Beauvoir? "Viver Sem Tempos Mortos"?*

Isso! Maravilhoso!

*E você acha que tem assuntos, temas mais interessantes de serem tratados no teatro?*

Agora não me ocorre nada...

*Por que você não vai mais? Você falou do preço...*

O preço é um fator que é importante, não vou negar. Mas às vezes não dá tempo

por causa dos horários. A minha sogra mora no meu antigo apartamento e tem as cuidadoras dela, porque ela tem demência. Então, pra eu poder esquematizar meu fim de semana, eu tenho que ver com as cuidadoras. Porque às vezes eu tenho que ficar lá entre a saída de uma e a chegada de outra, e às vezes esse período é de 6h.

*Então seria tempo, e também dinheiro...? O que acha que poderia ser feito para as pessoas irem mais ao teatro? Se você fosse dar um conselho ou pros artistas ou pro governo? O que poderia fazer pra incentivar as pessoas? Uma poderia ser investir num marketing mais eficiente?*

Acho que a divulgação nas universidades é muito pequena. Porque tem mural e tal e você nunca vê nada de teatro. Uma coisa que é legal é convidar os alunos pra fazerem uma tentativa de ir ao teatro, porque às vezes é falta de hábito. Eles não vão porque eles nunca foram, não sabem bem o que é... Talvez divulgar entre as pessoas mais jovens. Outra coisa que eu acho que funciona é fechar grupos com empresas, porque às vezes as pessoas não têm companhia. Fazer um pacote, de ir e voltar até certo ponto, muita gente iria. Tem uma empresa, eles trabalham só com teatro, seguido de jantar, para a terceira idade. Tem muita gente que tem dinheiro pra gastar, mas não tem quem leve. Tem mais de uma empresa que faz isso. Tem sessões só pra eles. Eles só têm que pagar, mais nada. Se você for no Viena, você vai lá de domingo à tarde tá cheio de gente tomando chá. Pessoas de idade, pessoas que tem dinheiro, tão bem vestidas, perfumadas, de cabelo arrumado... E essas pessoas é que vão ao teatro. Só que às vezes os filhos não saem mais com essas pessoas, saem com gente da mesma idade.

*Você falou que esse tipo de gente que vai ao teatro... Pensando nisso... que tipo de pessoa que gosta? Teatro é coisa de...?*

De gente antenada. De gente que tá participando do processo cultural. Porque você se alienar é muito mais fácil. Você assiste Jornal Nacional e acha que tá bem informado...

*Algumas pessoas usaram expressões assim: gente intelectual, gente inteligente...?*

Tem espetáculo pra todo tipo. Tem besteiro, também. Então, você vê lá, faz as

avaliações... Tem até espetáculo infantil de qualidade, mas a maioria é muito ruim...

*E com a palavra teatro? Qual a primeira coisa que te vem à cabeça?*

Ah... eu acho que emoção.

*E qual a característica positiva, a melhor coisa do teatro?*

Eu acho que é instigante, te faz pensar.

*E a pior coisa do teatro, uma característica negativa?*

Negativa? Eu acho que é a qualidade dos teatros mesmo, do ambiente. Bolor, cadeira quebrada... Nossa! Eu fui outro dia num teatro na Brigadeiro... Teatro Brigadeiro mesmo. Pelo amor de Deus! Todo mundo espirrando... ácaro assim... aquele estofado enebado... um horror, uma falta de consideração com o público absurda!

*E se você tivesse que dar uma definição, tipo teatro é...?*

Teatro é uma manifestação cultural ao vivo. Até os erros fazem parte.

*E tem mais alguma coisa que você quer dizer sobre tudo isso, que eu não perguntei?*

Eu fico um pouco chateado porque eu percebo que é uma atividade cultural que poucas pessoas conseguem aproveitar. O acesso, de alguma maneira, é dificultado. O estacionamento às vezes é complicado, você tem teatros, às vezes, mal localizados, e o preço é alto. Nem sempre você tem uma avaliação ou uma matéria de jornal bem feita, eu acho que a divulgação devia ser mais forte, com todos os meios. Apesar que você pega uma revista como a Revista Veja, tem a Vejinha que tem várias avaliações, é falta de interesse mesmo.

*A minha motivação pra esse trabalho é meio isso. Eu trabalho com isso há anos, e eu vejo que tem pouca gente que vai ao teatro.*

São sempre as mesmas pessoas.

*Por que será? É porque é chato, falta de hábito...*

Tem coisa que é desagradável. Quando eu fui assistir "Morte Acidental de um Anarquista", o saguão do teatro não tinha lugar pra ficar todo mundo esperando sentado. O bebedouro mal cuidado, não tava limpo. Eu fui tomar tava todo embaçado... eu fui comprar uma garrafinha de água, R\$5,00.

Tem a coisa do hábito, desse lance de estacionar...

## ENTREVISTA 13 – Tati Grande SP (duração: 30 min)

Perfil

Idade: 31

Gênero: mulher

Profissão: advogada e professora

Escolaridade: superior

Socioeconômico: B2

Frequenta duas vezes por ano

Fez curso de ballet na infância, por pouco tempo.

*Vamos começar falando da sua relação com teatro, se você já foi, gosta ou não...*

Gostaria de ir mais do que eu vou, acho que é a resposta de todo mundo, porque é uma experiência incrível. Eu acho. Ia muito quando era criança, com as coisas da escola. Tinha excursão. Depois a gente vai crescendo, vai estudando... acaba ficando uma coisa... deixa de lado. Às vezes a gente vai nas férias ver um espetáculo. Que nem no Teatro Renault, mas às vezes é muito caro, você não consegue ir. Então, questão de gostar, eu gosto muito. Mas vou menos do que eu gostaria. Ultimamente, eu tenho uma colega que ela tem um grupo de teatro de rua, que é muito interessante, então eu acabo indo nessas coisas mais populares. Não sei se posso chamar de popular... Como eu trabalho em escola, então a gente vai... em coisa organizada por grupos pequenos... que às vezes vão nas escolas. Hoje eu vou menos do que eu gostaria. Quando eu era mais nova eu ia mais.

*Você fala mais populares por serem mais baratos?*

Acho que sim. Por ser mais barato sim. Pelos locais. Às vezes são nos bairros, em associações de bairros, na praça, na rua. Essa minha amiga se apresenta na praça com o grupo dela. Quando eu falo mais popular é porque é mais acessível, digamos assim. Se você for pensar nas grandes companhias de teatro, às vezes o ingresso é R\$ 100,00. Às vezes estudante é mais barato. Mas daí só você é estudante, alguém com quem você quer ir, não vai...

*Mas tem bastante coisas de graça ou tipo R\$ 10,00...; R\$ 20,00.*

Tem. Mas às vezes, o que eu acabei vendo, é que às vezes esses mais baratos são em horários que, pra quem trabalha, não consegue ir. Ou às vezes você chega e são poucas vagas, digamos assim... No Teatro Municipal não sei se tem teatro, já fui lá pra ver orquestra. Mas tem, existe, é fato.

*E, no geral, o que você faz do seu tempo livre?*

Ih... Hoje... Então, eu também tô fazendo mestrado. Então, não tô tendo tempo livre... Se eu tivesse tempo livre... (risos) Ah, eu sairia com as minhas cachorras pra passear... Iria mais em cinema, teatro, que eu não vou. Cinema, não lembro a última vez que eu fui, por exemplo, porque não dá tempo. Ver a família, que eu também não tô vendo. Você sabe como é que é...

*De atividades culturais, você ia mais em quê...cinema?*

Cinema e show. O último show que eu fui foi em 2015...

*Tá bom, fazendo mestrado, não dá. Mas com que frequência você ia ao teatro?*

Um ou duas vezes por ano. Quando eu era mais nova a gente ia bastante. Eu morava no ABC e lá tinha bastante coisa, inclusive gratuita. Mas a gente ia bastante, tinha um incentivo. Depois eu entrei na faculdade, saí de lá e a vida mudou. Mas eu ia bastante, gostava bastante.

*Agora, de programas culturais, você não faz mais nada? Nem assistir TV, ler...*

Não tenho televisão em casa... Ler, sim. Mas eu leio pra... É que tudo que eu leio tem a ver com o que eu estudo. Acaba sendo fruição, mas não é só pra fruição... Quando eu leio um livro de Literatura Brasileira, tá ligado com o estudo. Já leio com o pensamento...

*Você já fez algum curso de teatro?*

Não.

*Outras artes? Música...*

Não, nada.

*Pintura? Ballet...?*

Ballet sim, quando era pequenininha. Toda menina fez. Achava bárbaro.

*Por pouco tempo?*

Por pouquinho tempo. Só quando era criança mesmo. Mas eu acho muito

interessante. Eu tenho vontade de fazer um dia teatro, pra ter uma consciência do corpo, do espaço... Assim, tomar consciência do nosso corpo, que a gente vai aprendendo... Na Pedagogia a gente fala muito isso, inclusive nesse semestre, sobre arte e corporalidade, eu tava lendo sobre isso. Que a gente não tem consciência corporal, e o teatro, a dança daria isso. Eu tenho vontade de fazer pra me enriquecer mesmo.

*Agora, você gosta de teatro...*

Gosto.

*E tem algum estilo que você prefira? Comédia, drama, musical, de rua, bonecos...*

Comédia e musical. Mas se for escolher entre um ou outro, comédia.

*Mas você foi em algum desses musicais? Desses da Broadway...*

Desses últimos que teve, não. Nunca fui.

*É mais uma impressão...?*

Isso. De ver na internet um pedaço... “Ai, que lindo”. Eu vi aqui o simples, mais popular, que pequenas companhias fizeram, há muitos anos. Eu vejo no Youtube. Sou apaixonada por aquele “Cats”, por exemplo.

*Legal! E você acha que tem assuntos, temas mais interessantes de serem tratados no teatro?*

Não, acho que qualquer tema é importante. Desde que provoque reflexão. Acho que arte... também pode provocar reflexão. Então, quando você sai do teatro refletindo, é muito legal.

*Você falou que não vai mais por causa de tempo...?*

Tempo e dinheiro.

*O que acha que poderia ser feito para as pessoas irem mais ao teatro? Se você fosse dar um conselho ou pros artistas ou pro governo? O que poderia fazer pra incentivar as pessoas?*

Acho que a indústria... toda a mídia, a indústria cultural, não dá o devido valor ao teatro. Então, acaba criando-se um senso comum, de que teatro é coisa de gente rica. E às vezes, mesmo que tenha peças gratuitas, ou R\$ 5,00, R\$ 10,00. Eu vi um grupo que tá fazendo “pague quanto puder”. Um grupo de mulheres, artistas, que tá em algum lugar aqui da Bela Vista e elas pedem contribuição voluntária.



Mas assim... criou-se uma barreira como se o teatro só fosse pra um grupo de pessoas. E algumas outras não vão porque acham que aquilo não é pra elas. E elas não vão entender... Isso eu já vi falas... Eu acho que tem uma construção, até da mídia, não sei explicar por que. Mas eu vejo essa ideia, um senso comum, como se o teatro fosse uma coisa de elite.

*De gente rica e intelectual...? As duas coisas?*

Rica e intelectual. "Nossa, você vai ao teatro? Que chique!" Não é chique. Deveria ser algo comum... eu acho interessantíssimo. Mas não, quando você fala que vai ao teatro, é "Nossa, você vai ao teatro." Criou-se essa ideia.

*Você não sabe de onde vem isso? Você tem alguma ideia...?*

Bom, como muitas coisas, acredito que tem toda uma construção da mídia. Fato. Porque se você for pensar... eu estudo a ditadura no mestrado. Então, na ditadura houve uma destruição do teatro, porque o teatro levava reflexão para as pessoas. E era um contraponto à televisão, à Rede Globo, ali. Então já começou ali.

*Então, foi uma coisa ideológica...?*

Foi. Completamente ideológica. Completamente. Então, assim, eu não vou fomentar algo... tinha o... Centro de Cultura Popular... esqueci o nome... que eram aqueles teatros itinerantes que foram censurados. Começou ali, eu acredito. Porque antes tinha um movimento grande do teatro. Mas aí a televisão... acabou ali naquela briga que... Acho que tem também é uma questão financeira... Porque a televisão tem patrocínio e tem comercial e o teatro... Acho que tem muitas coisas envolvidas. Mas acho que a ditadura contribuiu pra muitas coisas ruins que têm no Brasil hoje.

*Patrocínio, mas não só. A propaganda da Globo fala que são milhões, você é um único no nosso um milhão, alguma coisa assim. E no teatro... se tiver cem pessoas é bastante.*

Exato. Tem toda uma questão de estudo da indústria cultural. É interessante o teatro pra indústria cultural? Não.

*Porque é muito artesanal...*

É artesanal. O lucro envolvido... Não é pra lucro. O artista não vai crescer fazendo teatro.

*A pessoa fala assim: quero ganhar dinheiro, vou fazer teatro... (risos)*

Não vai... Pra grande mídia, pra grande indústria cultural o teatro não vale nada. Vale o cinema, vale a televisão. Infelizmente...

*Você falou que tem gente que acha que teatro é coisa de elite. E você acha o quê? Que tipo de pessoa que gosta e frequenta? Teatro é coisa de...?*

Não, teatro é pra todo mundo. Deveria ser.

*Deveria...*

Deveria ser pra todo mundo. Só que o que hoje a gente vê, que infelizmente, o teatro chega pra algumas pessoas como uma coisa muito pequena. Muito assim... chega pra alguns grupos. Não chega em qualquer lugar como a televisão acaba chegando.

*Deveria ser pra todos, mas não é. É pra quem...?*

Acaba sendo pra elite. Pra quem tem dinheiro e pros intelectuais. Acaba sendo assim... Eu vejo pelos meus pais. Meu pai nunca foi ao teatro.

*E ele poderia? Poderia pagar?*

Se pra ele fosse algo importante, ele pagaria. O problema é que a construção... o mundo em que ele foi... construído, ele não consegue entender aquilo como importante. Porque ele cresceu ali... foi jovem na ditadura. Então na cabeça dele aquilo não tem a mínima importância. Pra que eu vou assistir aquilo? Assisti uma novela. Você até fala, mas pra ele é uma quebra de paradigma muito grande. Minha mãe a mesma coisa. Ela até acha bonito, mas "ah não..." Não consegue entender a importância do teatro na cultura. É uma questão de educação.

*E qual você acha que é a importância do teatro na cultura?*

Nossa Senhora! É demais. O teatro promove reflexão, é uma forma de arte. É uma das linguagens artísticas. E é uma linguagem artística que usa dança, música, tem a questão corporal, e ela promove reflexão, leva mensagens, pode ser usada pro bem e pro mal, como qualquer arte. É algo que ensina, educa e faz a pessoa refletir...

*Você acha que o teatro necessariamente leva uma mensagem, ensina e educa...?*

Ele leva uma mensagem, agora depende do que você vai entender por ensina e educa. Existem várias formas de ensinar e educar. Sim, você pode, por meio do

teatro, que pode ser usado como uma ferramenta positiva, você pode levar uma mensagem de repressão. Vai depender do texto que está sendo trabalhado e das intenções. Mas, sim. Depende da forma que o teatro vai ser usado.

*E isso não distancia da ideia de lazer e de fruição. O fato do teatro ter uma característica educativa, não faz ele deixar de ser diversão?*

Eu acho que não, mas talvez pra algumas pessoas, sim. Pra mim, não. Porque pra mim a ideia de reflexão tá muito ligada à fruição. (risos) Mas pode ser que “ai, não quero pensar”... Tem gente que fala “eu quero assistir um negócio pra não pensar...” Pra mim, não faz muito sentido isso. Mas... é... pode ser que pra algumas pessoas afaste.

*Eu tenho essa dúvida mesmo... porque muita gente fala isso, que é coisa de intelectual, que teatro ensina. Será que pra essa pessoa não é lazer?*

É verdade. Porque eu tô procurando isso, mas outras pessoas pode ser que não estejam. Tem que entender porque ela acha que a fruição não pode ser reflexão também, ou por que refletir não é fruição. Mas, sim, pode ser que dependendo do assunto, a pessoa pode achar que aquilo não é fruição. Pra algumas pessoas pode afastar sim.

*E o que você relaciona com a palavra teatro? Qual a primeira coisa que te vem à cabeça?*

Nossa, que interessante... Me vem um palco, imediatamente eu penso num palco. Uma história... acho que é isso... e me remete a coisas boas. Melhor do que cinema, por exemplo. Teatro eu tenho uma memória mais afetiva. Por eu ir quando era criança e fazer teatro na escola. Tudo bem que o teatro que a gente faz na escola não é muito teatro...

*Você nunca fez curso, mas fez teatro na escola...*

Ah, é... é que a professora de Português juntava com a professora de Educação Artística e... clássico, né? Juntava, pegava uma obra e a gente tinha que encenar isso. Mas era uma coisa que... não tinha uma reflexão... Hoje eu sei um pouquinho porque eu estudo isso na Educação. Mas não se ensinava o que é teatro, pra que serve... Então era: vocês vão fazer uma peça. Pegava lá um texto, normalmente Shakespeare. Eu fiz Sonho de uma Noite de Verão. “Você vai ser fulano, você vai

ser beltrano"... decorava as falas, arrumava umas roupas ali, fazia um cenário. Mas não se entendia o que era, o que podia ser, não tinha uma reflexão...

*Mas mesmo assim era legal, pelo que você falou...*

Era super divertido! Mas é que hoje como professora, poderia ser usado... eu lembro... Mas é que cada momento... Isso faz uns 20 anos, era outro sistema de educação. Mas era bem legal. Teatro me remete a coisas divertidas, assim. Mesmo que eu tinha muita vergonha, mas era legal.

*E qual a característica positiva, a melhor coisa do teatro?*

Eu vou falar de novo... levar cultura e reflexão. Você leva mensagens, você conhece... Eu acho muito emocionante. Mesmo quando eu assisto a peça que foram gravadas. Eu acho muito emocionante o artista fazendo aquilo ao vivo e daquela forma. Eu acho muito emocionante o trabalho, o esforço que o artista tem pra fazer aquilo na frente de um monte de gente. Não ter cortes...

*O fato de ser ao vivo é importante...*

É.

*E a pior coisa do teatro, uma característica negativa?*

Nossa, nunca parei pra pensar. Acho que hoje, mas daí não é culpa do teatro, não é todo mundo que vai. Acho um desperdício, é uma experiência... Eu tive pouca, hoje eu não vou, mas eu conheço, eu sei que é bom. Mas tem gente que nunca foi. Meu afilhado, por exemplo, tem dez anos e nunca foi.

*Um programa pra você fazer com ele... (risos) E se você tivesse que dar uma definição, tipo teatro é...?*

Teatro é forma de expressão, uma linguagem artística que é bem completa porque junta várias linguagens, dança, música... E pode levar mensagens positivas ou negativas, e de novo, que se a pessoa se entregar pra aquilo... no meu caso, une fruição e reflexão.

*E tem mais alguma coisa que você quer dizer sobre tudo isso, que eu não perguntei?*

Acho que não.

*Só pra contextualizar, o meu impulso pra fazer essa pesquisa, eu trabalho com teatro desde sempre e eu tenho a sensação de que as pessoas vão muito pouco.*

*Muita gente fala: “eu adoro, eu fiz teatro na escola.” E o que você viu ultimamente? “Ah, eu não vou muito...” Por que não, né? E ao contrário, umas pessoas que não gostam, que acham chato, mas que nunca foram... De onde vem essa imagem? Você tem alguma ideia? Você falou a coisa da ideologia.*

Se você for olhar, tem uma indústria cultural, tem teóricos que falam sobre isso. Sobre o que a indústria dita como o que vai ser aceito ou não vai, o que vai ser assistido e o que não vai. E você tem que se enquadrar naquilo. Senão você vira o tal do *outsider*. Teatro não deve ser interessante pra alguém. Porque, talvez, em algum momento, percebeu-se... pelo menos no Brasil, não sei como é isso nos outros países... na ditadura houve um movimento teatral muito forte. E uma repressão muito grande. Eu tô estudando o CCC. Então, o Comando de Casas Comunistas... a direita extremista não queria, porque eles levavam uma mensagem de reflexão. Aconteceu com o “Roda Viva”. Então, dali foi um caminho ideológico que já foi sendo construído pela mídia. Mas daí tô falando do meu olhar. Aparece muito na ditadura a repressão ao teatro. À música, a outras artes também, mas ao teatro foi... com violência.

*O teatro tem muito a ver com essa reflexão que você tá falando...*

Porque gerava. Tinha peças mais de reflexão, mas tinham atores e peças que eram atacadas simplesmente porque falavam palavrão. Tinha uma atriz lá que apareceu no jornal na minha pesquisa. A peça dela nem era uma peça muito assim...

*Política...*

Não. Mas era porque ela falava palavrão. E aí sequestraram a mulher e enfim... Mas parece que a grande mídia não dava cobertura. Noticiava o que acontecia no teatro, “olha aconteceu isso, os atores foram espancados...”, mas ficava por isso mesmo. E aí foi se construindo essa ideia de que o teatro era coisa de comunista, de gente de esquerda, subversivo. Então acho que essa ideia foi construída.

*E tá voltando de novo...*

Tá super voltando. Os artistas... Os professores... Então essa ideia eu acho que ficou no imaginário popular. Que o teatro é coisa de intelectual, não é algo pra quem trabalha. Ideias que ficam andando ali... e aí se criou esse imaginário

popular do teatro. Porque de fato, tem sim teatro que é super acessível... tem teatro de graça. Tem teatro caro, tem o Renault, tem o teatro Abril, que é super caro, mas tem teatros mais baratos. Por que as pessoas não vão?

*Uma coisa que eu acho, que tá aparecendo na pesquisa, é a falta de referência. Por exemplo, no cinema, ela conhece o ator, ou é o mesmo produtor de... E no teatro é muito loteria, se não for um ator da Globo ou um musical da Broadway...*

Quando vai sair um filme no cinema, eles começam a falar um ano antes... falam, falam, todo mundo vai, aí a pessoa vai assistir porque todo mundo foi, é uma massa. O teatro não tem isso, esse cuidado... da mídia mesmo, de falar da peça, explicar o que é, não tem. Então, é esse pequeno grupo que vai. Por exemplo, se eu for ao teatro, na minha família com quem eu vou falar disso? Ninguém mais vai. Então não tem isso do cinema... “você viu tal filme?” No teatro não tem... “Você viu tal peça?...” Então tem essa construção de verdade.

*E a parte da divulgação mesmo, é bem mais complicada. Primeiro porque não tem esse dinheiro da indústria cultural. Depois porque falta referência... Mesmo eu que sou do teatro, às vezes falo: vou assistir alguma coisa. É difícil escolher... Você lê a sinopse... mas não é a história que vai dizer se a peça é boa ou não. Aí, se você não conhece a equipe...*

Exatamente.

*Eu fico pensando nisso, na prática, o que se pode fazer? Dar um conselho pros artistas ou pro governo... O que fazer pras pessoas irem mais? Não sei se passa pela divulgação.*

Não sei se só divulgação adianta. Divulgação já ajudaria muito. Mas, às vezes até tem divulgação, mas... em rede social, tem a ver com as coisas que eu acabo interagindo, acaba aparecendo mais pra mim. Mas, acho que não existe uma valorização. Não sei se pela divulgação vai acabar tendo uma valorização no futuro... A sociedade não valoriza o teatro. Eu enxergo assim. A sociedade acha que o teatro é coisa de gente rica, intelectual. Será que se divulgar... não sei. Algumas pessoas vão ao teatro em peças famosas. Pessoas que às vezes nem gostam... nem dão valor ao teatro. Mas vão, por exemplo, no “Rei Leão”. Porque é chique, a pessoa vai... Eu não fui, mas acredito que deve ser maravilhoso

também... Mas a pessoa vai naquilo, mas ela não tem a dimensão do que é o teatro. Ela não vai numa outra peça. Ela foi naquela porque acabou virando um produto cultural interessante falar que foi ao "Rei Leão"...

*Porque é Disney, porque é Broadway... Porque é super produção...*

Isso. Mas não é o teatro. Ela não tem a dimensão do que é o teatro. Que tem peças maravilhosas, mas que não são famosas... mas tem uma história, tem um enredo... Mas não sei se é a divulgação... (risos)

*Então, na prática, como mudar isso? Como fazer as pessoas irem mais ao teatro? Ou não tem que fazer mesmo?*

Então, essa minha amiga deve ter essa mesma indagação... ela fala: o teatro vai até as pessoas. Ela fala: já que as pessoas não vão até os artistas, então a gente vai. Então ela vai em escola, vai em praça, ela vai... Eles param numa avenida e fazem uma peça em cinco minutos, não sei como chama...

*Esquete. Eu fiz uma mostra de teatro em casas, por exemplo...*

Isso. É essa mesma ideia. Ela tem essa mesma inquietação. Eles tinham um espaço e ninguém ia. De graça. Eu esqueci o nome...

*Como chama o grupo?*

Os Goliardex. Eles são da zona Norte. Eles fazem clown, malabares e também peças. E às vezes ela chega numa praça e não tem ninguém pra assistir... As pessoas não param. Eu vejo muito uma construção...

*E o que poderia mudar isso é mesmo educação, a médio prazo...*

É. Médio, longo prazo... Os professores conscientizando da importância do teatro, pra as crianças começarem a enxergar o teatro como possível. Entender o que é, o que pode ser o teatro. Que não é só uma peça que vira uma encenação. Pra quem sabe essas crianças crescendo, refletindo, querendo ir... Hoje, só divulgando... Realmente não acho que seja só divulgação. Acho que seria importante a divulgação. Mas pra mudar toda essa situação, que as pessoas não têm noção do quanto o teatro é importante pra cultura, é a longo prazo mesmo.

## **ENTREVISTA 14 – Fátima Grande SP (duração: 38 min)**

Perfil

Idade: 52

Gênero: mulher

Profissão: professora

Escolaridade: superior

Socioeconômico: A

Frequenta uma vez por ano

Fez curso de teatro e cinema.

*Vamos começar falando da sua relação com teatro, se você já foi, gosta ou não...*

Então, eu tenho uma afinidade muito grande com teatro porque, primeiro eu fiz dois anos de teatro e dois anos de cinema com pessoas especializadas no assunto. Não tenho a certificação, mas eu estudei em cursos livres com esse pessoal. Inclusive eu li muito Artaud, Brecht. E, que acontece? Como é na área de educação, eu acho isso bárbaro. Porque mesmo na sala de aula, você sendo professor, você faz a teatralização para dar aula. Você tem que ter expressão na voz, nos olhos, no corpo, movimentos, chamar a atenção. Então, é um teatro, uma teatralização na sala de aula, da postura do professor. E a própria teatralização do falar, do estar com o outro. Então, isso é um ponto chave que eu acho impressionante. Outra situação que vai levando... eu fiz mestrado na de linguística, especialmente psicolinguística. E, para ver a expressão e o desenvolvimento da fala da criança. Especialmente, eu trabalhei com fantoches com crianças. O teatro de fantoches. Então, eu estudei muito como na França eles usavam o fantoche na sala de aula, que aquilo já é um objeto comum pra eles, que tem tá ali. Aí eu fiquei seis meses numa escola de educação infantil trabalhando com fantoches pra mostrar a importância, que tinha técnicas. Há técnicas de trabalho com isso. E como uma criança entre quatro e cinco anos pode aprender a mexer nos fantoches e o que desenvolveria. Então, eu cheguei numa pesquisa muito bacana, li alguns artigos, alguns livros da própria França em



relação a fantoches, a esse trabalho de teatro, de expressão com fantoches. E a importância disso dentro da educação. Eu acho fundamental.

*Que bacana!*

Por isso, quando eu assisti você, o seu trabalho, achei bárbaro! É uma maneira de cutucar esses jovens pra esse tipo de leitura que não tá dentro especialmente do contexto deles. De uma forma assim mais... de posturas dos personagens, de postura da sociedade, mas que a gente faz releituras com o atual. Mas são eventos, situações meio complicadas. E, ao mesmo tempo, fazer com que ele tenha essa leitura do antigo pro novo. É diferente de você tá mostrando... eles estarem assim... amando mangá, Harry Potter que teve uma febre assim... Então, como levar essas leituras de uma maneira mais gratificante, exemplar e crítica pra eles. Principalmente do Ensino Médio, essas leituras dos cânones pro Ensino Médio. Porque eles são adolescentes. Então... são posturas e situações de problemas do adulto. Então é diferente. E eu acho divino isso. E é muito difícil da gente levá-los ao teatro. Embora hoje, no Brasil, tá muito mais fácil o acesso. A gente tem o Centro Vergueiro que tem coisas maravilhosas ali. Mas o duro é assim: vamos marcar, vamos todo mundo pra lá... vai todo mundo pro shopping. (risos) E isso eu falo por minha conta também. “Vamos no teatro?” “Ai, qual teatro? Onde? Onde põe o carro? Não sei o quê...” Então a gente acaba indo pro cinema, que eu vejo que o cinema é uma expressão dramática em imagens, em mídias digitais, em filmagens... É onde a gente acaba indo. Embora essa expressão do teatro e do palco, esses atos de fala, de significação são muito interessantes e maravilhosos no dia a dia. Mas ainda nós pecamos, ainda não frequentamos com assiduidade esses espaços.

*E você acha que isso é por quê? É essa questão prática? Estacionamento...*

Exatamente. Esse dia a dia do paulistano, é um corre pra cá, corre pra lá. E se você não se organiza pra ir... que os lugares ainda estão centrados num foco difíceis de chegar, de acesso, de preço de estacionamento. E também de adquirir o próprio ingresso. Parece que tem toda uma burocracia pra você... E, ao mesmo tempo, quando tem algo livre, de graça, você não fica sabendo...

*É um problema de comunicação mesmo, aí? Divulgação...*

Um problema de comunicação, divulgação... E daí você não sabe. Nossa, essa peça é gratuita, eles podem ir, tal. E depois ainda tem bate papo, uma conferência aberta... E aí, você não fica sabendo. Essa divulgação cultural que você não tem na mão. Porque, por exemplo, no meu caso, tô dando aula... Você corre pra lá, corre pra cá. Quando eu vi... onde eu vou conseguir peça de teatro, onde tá passando? Aí vai digitar no Google, vamos pesquisar... Você não recebe essa informação, assim, chegou... por email... Acho que essa divulgação ainda peca. Nessa vida agitada de São Paulo, a gente não tem... isso não vem ao nosso encontro. É lazer, e a gente acaba não fazendo esse lazer. Um lazer assim... com uma cultura que não é pra todo mundo. Não é todo mundo que tem acesso... ou sabe que é um acesso hoje mais simples. Mas mesmo assim, quem conhece também não vai, como é o meu caso.

*E você acha que não é pra todo mundo por as pessoas não terem o hábito? Localização...?*

Acesso. O hábito e a educação para isso. Você pergunta em sala de aula quem foi ao teatro? São poucos. Quem assistiu a novela? A maioria. Quem foi ao cinema? Todo mundo.

*Porque existem coisas de graça. E nos bairros, nos CEUs, em casas de cultura, não só no centro... E mesmo assim, as pessoas não vão. Ou porque não sabem... Ou porque não tem o hábito...*

Eu acho que é: não sabem. Por exemplo, eu sei que tem, mas... que horas vai ser...? A gente recebe tanta coisa no email, tanta coisa no whats app. Mas você tem que ir atrás disso pra saber o que tá passando... que horas seria? A divulgação deveria ser mais ampla. Deveria ter, nesses públicos, não pagos. Deveria ter alguém trabalhando com muita ênfase pra divulgar pra todo o povo. Que nem o Metronews, tá lá o jornalzinho. Eu acho que é algo cultural, de hábito. E o teatro deveria tá localizado no shopping. Porque todo o povo vai pro shopping. *Agora tá tendo cada vez mais. Mas, em geral, são caros.*

É, eu já vi fechando, por conta disso. Eu acho que é o hábito, ainda não é nosso hábito.

*Você já foi várias vezes, mas não vai com frequência.*

Fui. Mas agora não.

*Faz tempo que você não vai?*

Faz, muitos, muitos anos que eu não vou. Pra falar que eu não fui, o ano passado eu assisti uma peça, fui numa peça gratuita, na zona Norte. E uma peça na escola do meu filho, há dois anos. E por isso que eu tô falando, dessa peça gratuita, eu não sabia. Eu tentei levar pra escola do meu filho. Nossa, foi um caos! Todo mundo quer saber de onde, o quê, por quê, não dá tempo... Nossa, é uma superprodução... tem um palco, é só colocar. Tantos obstáculos. Ele só conseguiu porque ele foi insistente, porque eu já tinha desistido. Ele ficou insistindo no pé de alguém pra poder passar a peça. Eu acho que é muito cultural. A gente vai no shopping, fica procurando um filme, tá lá à disposição. E a gente não fica fazendo isso no teatro.

*E, no geral, o que você faz do seu tempo livre?*

Tempo livre? Você quer saber? Eu durmo. E aí, eu fico cutucando meu esposo pra gente viajar pra alguma cidadezinha do interior. Pra ver paisagem, pra ver mar, pra não ver esse tumulto da cidade de São Paulo... ele não gosta e eu não gosto mais também. Dessa agitação da cidade de São Paulo. É isso que quando sobra um tempinho a gente faz. Fica vendo os bichos, adoro os animais. A minha família toda gosta de bicho, a gente fica pensando nos bichos... Eu cutuco muito os alunos pra adquirir esse hábito de ir ao teatro. As atividades complementares também ajudam a gente a fazer isso. Como eu trabalho com as licenciaturas, pra que eles façam isso nas escolas. Porque são múltiplas linguagens, saberes, muitos conhecimentos, muitas inter-relações que acontecem.

*De atividades culturais e artísticas, você não tem feito nada... cinema, show de música, ouvir música em casa, assistir televisão?*

Televisão eu nem chego perto. Eu não consigo mais ficar sentada vendo. Eu leio mais e assisto alguma coisa no celular, no computador, Youtube. Coisas mais rápidas. E a própria leitura. Mas sair assim, vou ao teatro... Nem cinema vou mais. Mas os jovens vão ao cinema.

*Você falou que fez um curso de teatro, mas foi só teórico? Ou você chegou a montar alguma coisa?*

Não, teórico e prático. Atuamos...

*Você acha que mudou sua relação com o teatro, como espectadora?*

Não. Eu acho que mudou... não mudou nada. Acho que me fez uma pessoa mais crítica e interpretativa.

*Pra vida, no geral?*

É, no geral. Eu li muito Brecht, Artaud... E a questão... Na época eu não tinha muita noção desse interpretar com a relação da vida, o social. Hoje eu tenho essa visão, é claro. E você pagava muito pouco... Eu tive um aluno que também fez teatro. E por que você fez? "Ah... foi bacana." Mas falta... levar isso pras escolas e passar... o profissional passar como é importante pra vida, isso estar presente na vida. Ler, mesmo literaturas cânones, estar aprendendo essa postura. Isso falta. Você tem artes, o pessoal só fica pintando. Não que não seja bom, claro, artes visuais. Mas o teatro ajuda no desembaraço da questão do discurso. Tanto do discurso oral quanto no saber expressar, que é um educar para a vida e para a sociedade, que hoje eles estão exigindo. Com as novas leis, os parâmetros e o novo currículo, eles estão exigindo essa postura sócio emocional. Teatro ajuda muito. São posturas do saber lidar com outro, com si mesmo, de conquistar espaço, de saber se expressar... o teatro faz tudo isso. Que tá dentro da questão das linguagens. Mas tá faltando uma visão mais crítica, mais científica do assunto. Ah, vamos fazer um teatro... Mas eles saberem o quanto isso é importante e bom pra vida deles.

*Entender o que tá fazendo também...*

Entender o que tá fazendo. Exatamente. Pro desenvolvimento deles. Não é só um lúdico. É um lúdico que amplia o seu ser, em todos os sentidos. Assim como aquela minha pesquisa com as crianças. Você acredita, eu fiquei seis meses com elas. A diretora falava: Não vai ter aula hoje de teatro com fantoches? Elas desenvolveram a postura com o outro e a postura linguística de uma maneira excepcional. Elas não tinham um roteiro, lógico, nessa idade não tem um roteiro. Elas criavam as histórias e ainda tinham alunos que participavam da história, iam criando a dramatização. Na nossa escola eles não sabem trabalhar com teatro de fantoche. Aí eu descobri que nas escolas públicas eles recebem fantoches, que

ainda é muito caro e ficam lá encaixotados...

*Ou usam pra brincar, pra distrair um pouquinho...*

É, como se fosse um boneco. E são materiais caros. Então realmente tá faltando esse lúdico, pra mim.

*E como espectadora, tem algum tipo, estilo que você prefira? Comédia, drama, musical, bonecos...*

Não tem nenhum em especial. Tem o bom. Se aquilo for assim... enrolação. Mas eu nunca assisti um que fosse enrolação. Mesmo aquele que foi um show que todo mundo assistiu... uma comédia... "Trair e Coçar..." que ficou anos em cartaz não sei quantos anos... Eu fui uma das espectadoras iniciais. Eu achei uma comédia muito interessante. Hoje eu não sei se eu teria essa mesma visão. O Jô Soares também, eu adorava ver os monólogos do Jô Soares.

*E você acha que tem assuntos, temas mais interessantes de ser tratado no teatro?*  
Não. Tudo pode ser importante, em se tratando dessa linguagem teatral.

*E você não vai mais, você falou que é por causa dessa organização, da loucura da cidade, e por falta de tempo...?*

E voltar a essa rotina, de ir a esse tipo de situação... lúdica. Tá faltando isso. Eu tenho teatro, eu tenho também essa opção... do lúdico, do sair de casa... Que é um lúdico que transforma, como todo lúdico... bem utilizado. Tá faltando estabelecer isso no meu dia a dia. Mas uma coisa que eu acho que também para um pouquinho é essa falta de divulgação. Porque ele é divulgado para quem tá naquele rol. Se você não tá naquele rol, você acaba não tendo a informação. Diferente do cinema, que você vai no shopping, você vê. Ou então aparece na televisão.

*O teatro não tem esse apelo...? Você tem que querer, buscar...*

É. Eu acho que falta esse apelo. Nas escolas, ambiente de trabalho, nas empresas. Aqui tem esse monte de empresa... Se todo esse público fosse ao teatro não teria teatro suficiente...

*Pois é, mas não vai... O que acha que poderia ser feito para as pessoas irem mais ao teatro? Se você fosse dar um conselho ou pros artistas ou pro governo? O que poderia fazer pra incentivar as pessoas?*

Divulgação. Porque mesmo os projetos da prefeitura, que eles pagam pra elaboração de um teatro... não é?

*Os fomentos.*

Isso. Então, você não descobre que tem. A não ser que você entra lá pra ver... Então, eu acho que a questão da divulgação mesmo. Porque os preços eu acho que são bem acessíveis. Por exemplo, eu não vou assistir uma peça de R\$ 300,00. Eu me nego. (risos) Não sei se eu tô certa ou errada. Pagar 300, 400 pra ver um espetáculo...

*Eu não vou também...*

O pessoal acaba indo pro barzinho. Já pensou, quinta feira tem um teatro, vamos organizar a empresa toda pra ir. É uma maneira de confraternização...

*Mas você acha que é uma questão de divulgação, mas também de ter uma referência? Por exemplo, eu vejo muita gente falando que vai quando tem um ator da Globo. Ou se é um musical da Broadway. E às vezes, ir numa peça que eu não sei de quem é... não sei se é boa...*

Eu tenho o seguinte princípio... eu não penso assim. Se tem uma peça ali, ela parte de uma produção muito longa, porque nada se faz de uma hora pra outra. Então, é uma peça pra você tá assistindo...

*Talvez porque você fez teatro, você sabe o trabalho que dá.*

Pode ser. Mas assim, se me falassem que tem alguém da Globo ali... "Ih... vai ter propaganda ali... vai ser uma chatice... lembra daquelas novelas" Peça da Broadway, nem pensar. Melhor ir na Broadway... (risos). Então, engraçado isso não me atrai. A não ser, por exemplo, Antônio Fagundes, eu acho que ele não ia fazer nenhuma porcaria.

*Pois é. Fernanda Montenegro... As pessoas falam mais nesse sentido de ter referência. Por exemplo, pra cinema, se eu leio uma sinopse eu já percebo que aquilo é uma comédia romântica. Eu sei o que eu vou esperar daquilo... E às vezes, teatro não, a pessoa vai completamente às cegas.*

Então, nosso mundo é *whats app* e *email*. A gente não recebe. Não tem um Black Friday de teatro... (risos) Eu acho que o pecado maior é ficar no mundo de quem faz essas produções, não expor pra um universo maior, de uma maneira maior,

um marketing mais agressivo.

*E quem você acha que são as pessoas que frequentam teatro? Teatro é coisa de...?*

Não sei te dizer hoje. Porque mesmo quando eu frequentava... Era estudante, trabalhava o dia inteiro e estudava à noite, aí fim de semana ia ao teatro. Fui muito no teatro aqui do Centro Cultural Vergueiro. Gostava, achava bacana, me entretia. Mas hoje, eu não sei... O jovem não conhece esse acesso ao teatro. Eu tô muito com os jovens... Porque minha referência era o CCSP, mas hoje tem os SESCOs também. Aí, você pergunta. Ninguém vai.

*É, acho eu isso que você falou, que fica muito ali no próprio meio...*

É, os artistas, a família dos artistas, os amigos dos artistas. Acaba ficando ali. Então, é o hábito. Como eu vejo isso? Pelos meus alunos. Você não assina uma atividade complementar de teatro.

*É mesmo? Já aconteceu de irem numa peça minha e me pedirem o ingresso ou "assina que eu vim..." E o que você relaciona com a palavra teatro? Qual a primeira coisa que te vem à cabeça?*

A qualquer ícone, o triste e o alegre. Às comparações... o bonito e o feio... A cena se desenvolve pelas contradições.

*E qual a característica positiva, a melhor coisa do teatro?*

Hoje, mesmo indo pouco, eu percebi que tem uma interação bem maior com o público. Tá parecendo teatro shakespeariano. Porque o público quase que vai, quase que vai não, vai... entra dentro do palco... Então, eu acho que esse processo de interação é muito bacana, muito interessante. Então, o processo de diálogo, também. Porque o teatro não termina ali, nos atos e nas cenas. Quando você discute, cria um link com os artistas... acho bem bacana pros nossos jovens hoje.

*E a pior coisa do teatro, uma característica negativa?*

Nós temos que ter espaços melhores. E muito mais espaços.

*Espaço físico mesmo?*

Físico. Porque precisa. E, também, a gente precisaria, pensando na questão da divulgação desse tipo de arte... Não precisa de um espaço de palco. Embora, o

palco é um item desse gênero teatro. Mas esse palco poderia ser qualquer espaço. E isso poderia ir além daquele espaço apropriado. Você poderia ter teatro numa empresa.

*Ter mais trabalhos na rua, em casas, escolas...*

Não penso muito na rua não. Na rua não sei como seria trabalhar isso. Mas levar um grupo de teatro pra um lugar onde não tenha palco. Porque um espaço de teatro é caro. Uma sala de teatro, embora seja nobre, algo impressionante, que causa... certa nobreza... Então, os artistas, os produtores, deveriam ir para as empresas, para as escolas... Porque eu já vi assim: "ah, tem palco? Então não dá." Porque é caro você alugar o espaço, depois pagar, ter a recompensa... Precisaria ser mais móvel...

*E se você pudesse dar uma definição. Tipo: teatro é...?*

Teatro é encantador. Ele leva você a mundos fantásticos e desenvolve a sua inteligência e a sua expertise em várias áreas. Ele, para existir, ele precisa de todas essas áreas. É uma arquitetura, uma engenharia muito impressionante.

*E tem mais alguma coisa que você quer dizer sobre tudo isso, que eu não perguntei?*

Quando é que você vai trazer a peça pra nós? Quando vocês vão trazer alguma coisa... Aqui tem teatro. (risos)

*Você acha que teatro é importante pra quê? Por que os alunos deveriam assistir?*

Primeiro que ele é lúdico. O lúdico desperta prazer bem estar. E dentro desse lúdico você desenvolve, dependendo das situações e da sua cultura e das suas posições, consciências críticas, análise, interpretações de fatos e te dá um multiletramento. Leva a muitas conquistas.



## ENTREVISTA 15 – Rita Grande SP (duração: 40 min)

Perfil

Idade: 56

Gênero: mulher

Profissão: atriz

Escolaridade: superior

Socioeconômico: B1

Frequenta a cada dois meses

Fez curso de teatro e música.

*Vamos começar falando dos seus hábitos de lazer, o que você faz do seu tempo livre?*

Atualmente, neste meu momento de vida, no meu tempo livre, eu durmo, assisto filme no Netflix e brinco com os gatinhos.

*De atividades culturais, fora o Netflix, você não tem feito nada...?*

Tem rolado muito pouco. Às vezes, assim, ir assistir peça de amigo, aí sim. Aí você fala assim, “não, dos amigos, tem que ir”.

*Então, quando você sai, assim, pra fazer alguma coisa, é só teatro mesmo?*

Cinema acho que eu fui esse ano já, com a Helena. É, cinema também.

*E ao teatro você vai com que frequência, em média?*

A cada dois meses. É que, às vezes, eu fico três meses sem ir, daí assisto três peças num final de semana. Eu tenho ido muito ou em peças de amigos, ou, por exemplo, uma peça infantil que eu tenho uma referência ali, alguma coisa, e quero assistir, mas também porque tem a ver com a minha pesquisa, como eles trabalham com aquela linguagem.

*Não é muito tempo livre, é um pouco mais trabalho... é um mix?*

É que como a gente faz teatro, acho que mistura um pouco isso. Parece que tá trabalhando. Você fica vendo com outros olhos...

*Os cursos que você já fez na área de artes... teatro, música...?*

Bacharelado em Artes Cênicas, Licenciatura em Educação Artística, e fiz Escola

Macunaíma e muitas oficinas de teatro de animação. Eu estudei piano quando era criança, depois fiz curso de canto, depois mais recentemente esses treinamentos de canto, mas já mais direcionado pros trabalhos.

*Mas você, como espectadora, gosta de teatro?*

Gosto (risos).

*E tem algum tipo, estilo que você prefira? Comédia, drama, musical, bonecos, performances, teatro de rua...*

Bom, bonecos principalmente, porque eu trabalho com isso e acho uma linguagem muito interessante... Depois, comédia e drama sim. Performance, algumas. Tem coisa que às vezes eu acho um pé no saco, mas algumas coisas acho interessantes, também. Então... eu não tenho preferência por um gênero. Tem que ser uma peça boa. Umás coisas que me incomodam mais, eu falei performance nesse sentido, umas coisas que são muito cabeção... muito modernoso... Se bem que às vezes tem coisas que me emocionam muito. Já vi umas coisas performáticas que têm uma coisa poética muito forte. Mas eu gosto mais de ter uma história, acompanhar uma narrativa bem feita. Um trabalho criativo de encenação, um trabalho legal de ator... Seja comédia, seja drama, qualquer estilo...

*E você acha que tem assuntos, temas mais interessantes de serem tratados no teatro? Ou que não devam ser tratados...*

Não. Temas que não devam ser tratados, acho que nenhum. Tudo cabe. Temas mais interessantes, não sei... N conflitos humanos, ou questões políticas... Acho mais que a forma como é feita, se é feita com poesia, com inteligência, com sacadas interessantes... Mais isso do que exatamente a temática. Acho que cabe qualquer coisa. Eu não gosto assim, de uma comédia idiota. Sei lá, tem umas coisas mais comerciais, mais bobonas...

*Tem que ter algum assunto... Não pode ser, por exemplo, besteiro... é disso que você fala?*

Tem besteiro que até podem ser interessantes... Mas tem um humor apelativo, tipo imitando a televisão, umas piadas idiotas... E que não tem sentido nenhum.

*E por que você não vai mais ao teatro, o que te impede...?*

Então, atualmente, é mais meu momento de vida. Eu ando cansada (risos), deprimida, meio desanimada. Teve uma época que ia muito mais. Eu pegava o Guia da Folha e lia todas as sinopses e “ai quero ver isso, quero ver isso”... Então, acho que é mais uma coisa pessoal, um momento de vida do que não gostar. Eu tive uma fase que eu ia muito.

*E o que acha que poderia ser feito para as pessoas irem mais ao teatro? Se você fosse dar um conselho ou pros artistas ou pro governo? O que poderia fazer pra incentivar as pessoas?*

Pro governo, dar mais apoio à cultura. Ter mais verba pras produções, ter mais espaços culturais... Isso é uma coisa que eu acho. Hoje a gente apresentou no SESC, tava cheio. E era aquela coisa, a gente fez teatro para bebês, os pais que iam passear com as crianças no SESC. Aí no meio da apresentação a gente via os pais sorrindo, curtindo. Tanto as crianças quanto os pais. Então acho assim: as pessoas gostam. Quando veem um trabalho que comunica. E quando chegou pra elas. Era de graça, no SESC onde eles já tavam, lá em Interlagos... O pai que mora em Interlagos não vai sair de lá e vir pro centro pagar uma fortuna num ingresso. E acho que também a linguagem. Então, investimento de apoio aos grupos, e ter muitos espaços culturais em todos os bairros, com programação o tempo todo. E uma divulgação disso. Facilitar o acesso. Porque quando as pessoas têm acesso... Talvez esse pai que foi assistir em Interlagos, se fosse no centro assistir uma peça cabeção, ia dizer “não gosto de teatro, não entendo, não sei quê”, mas outro trabalho ele gostaria, mas não tem acesso. Esse trabalho que o SESC faz, tinha que ter... a cada bairro tinha que ter três casas de cultura pelo menos, dependendo do tamanho do bairro, mais ainda. Pra que o acesso fosse muito fácil e isso ser corriqueiro, “hoje vai ter um negócio lá, vamos?” Porque as pessoas vão passear no parque, vão no SESC e aí tem lá, assistem e elas gostam. A questão é que não existe interesse em incentivar à cultura.

*Mas você falou das casas de cultura. Mas, muitas vezes o que tem... de casas de cultura nos bairros, bibliotecas... muitas vezes não funciona... as pessoas não vão. Então... Sabe o que eu acho? Tem que ter um projeto de governo muito claro e um comprometimento das pessoas. Por exemplo, a gente fez no ano passado*

umas coisas nos CEUs, de contação de histórias, final de semana, e foi isso, tinha meia dúzia de pessoas pra assistir. E aí você via algumas pessoas das bibliotecas falando: “Puxa, não vem ninguém”, ou “não adianta, pra quê...”. E eu sempre comentava assim... Quando começaram os CEUs, a gente foi contratado na época, aqueles teatros de 400 pessoas, lotavam. Então, o que mudou daquela época pra agora? Que não tem 50 pessoas...? Naquela época se implantou um projeto sério de formação de público. Tinha coisa o tempo todo acontecendo. Tinha gente divulgando isso, ia fazer um trabalho... Eu não acompanhei direito, mas que eu saiba tinha isso, ia na escola conversar, preparava as pessoas pra assistir a peça...

*O projeto Formação de Público mesmo, você tá falando?*

É. Por que antes eu ia apresentar uma peça lá no CEU e lotava. E hoje, eu vou no mesmo CEU e tem meia dúzia? Porque aquele trabalho morreu, não teve continuidade... Aí o ano passado tentou se fazer alguma coisa, mas sem esse trabalho, sem essa divulgação, aparece meia dúzia de gato pingado. E mesmo assim, a maioria das pessoas das bibliotecas “não funciona, não adianta”... Então, é melhor fazer durante a semana pra escola e pronto. Até pensei: será que a biblioteca não abre, então agora tão tendo que trabalhar final de semana porque agora resolveram contratar. Mas é obrigatório a biblioteca abrir, então o funcionário vai ter que estar lá mesmo. Então, por que não? Mas lá foi feito um trabalho muito sério de formação de público. Mas... Começa um projeto, entra outro governo, aí para tudo de novo... O que eu via naquela época que me emocionava muito. Eu cheguei a ver uma família assim com uma senhora que devia ter uns 78, 80 anos de idade... com a filha, o marido, o neto... E veio falar com a gente depois “ai, que legal, eu nunca tinha visto teatro na vida”. E foi com o netinho, sabe assim... A gente fez uns dois meses aos domingos, acho, não lembro bem, faz tempo. Mas todos estavam lotados. E todos você via isso, a família ia assistir.

*Com um espetáculo infantil?*

É.

*Você lembra que época, que ano?*

Foi quando a Marta fez os CEUs e aí começou com esse trabalho. Eu lembro que a primeira leva a gente não foi contratado, foi na segunda. Na segunda leva, que contrataram grupos, a gente já entrou.

*O espetáculo que você fazia tava dentro do Projeto Formação de Público?*

O começo foi lá no João Caetano, você lembra disso? Contrataram atores, montaram uns clássicos da dramaturgia brasileira... levavam escola. Depois disso. Aí começou um projeto assim... todos os CEUs nos finais de semana tinha espetáculo. Domingo à tarde, em vez de ficar assistindo o Faustão, a gente vai no CEU que é aqui do lado, e vamos assistir uma peça, se divertir... Então, eu acho que com um trabalho sério, funciona. Mas é de longo prazo.

*Você falou no começo, que tem ter essas casas de cultura, mas com uma programação frequente. Porque essa coisa intermitente, o pessoal não vai também...*

A programação frequente e uma divulgação. Eu frequentava mais uns saraus em Pinheiros, mas tem, por exemplo, a Cooperifa, lá na zona Sul. Que diz que foi crescendo muito... então o povo não gosta de poesia? Gosta! Uma coisa que foi crescendo, foi incentivando as pessoas a escreverem... A questão é que o povo não tem acesso. Se levar uma coisa com certa frequência... Tem que ter uma seleção, nem sei que tipo de trabalho são mais adequados, parece até uma coisa de censura... Mas acho que até isso, se começar a levar uns trabalhos mais “acessíveis” e depois aos poucos levando umas coisas um pouco mais difíceis, mais herméticas... Você vai criando uma...

*Só fazer uma observação. Do gesto... Ela falou “acessíveis” entre aspas.*

É, porque parece uma coisa preconceituosa... Mas não adianta você levar pra uma pessoa que nunca assistiu teatro, uma performance super... quer dizer, você tem que ver qual a linguagem. De repente, depois de um tempo... a pessoa começa a ver com outros olhos... É isso também, uma educação para a arte. Isso tem que ser uma coisa governamental.

*E que tipo de pessoa gosta... quem você acha que são as pessoas que frequentam teatro? Teatro é coisa de...?*

(Risos) Ai, que difícil. Eu acho que teatro é coisa de gente sensível e inteligente.

(risos) Eu acho que pega por aí. Esse pai que eu vi com um sorrisão hoje... bateu na sensibilidade dele... ele tava pirando com o nosso jogo, e com a reação das crianças.

*A coisa da inteligência não tem nada a ver com estudo nem com bagagem cultural...?*

Não, não...

*É a inteligência, a sensibilidade de entrar no jogo...?*

É.

*E o que você relaciona com a palavra teatro? Qual a primeira coisa que te vem à cabeça?*

Eu sou suspeita, porque eu adoro fazer teatro, mas acho que tem a ver com o jogo. O homem não perder a capacidade de jogar, é o que mantém a humanidade dele... não sei, eu sou apaixonada por isso... mas essa possibilidade de brincar, de jogar, seja jogar você fazendo ou de entrar no jogo. Você tá jogando também, acionado essa capacidade de imaginar, de fazer relações, de se surpreender com uma coisa...

*O espectador joga também...?*

Sim.

*Mas você pensou primeiro como artista, né?*

É.

*E qual a característica positiva, a melhor coisa do teatro?*

Eu falei a coisa do jogo, né? Mas acho que a comunicação e a presença.

*A coisa de ser ao vivo?*

É. A presença. Ali se estabelece um contato humano...

*E falando do ponto de vista do espectador? Ou dos dois...?*

Dos dois.

*E a pior coisa do teatro, uma característica negativa?*

Me ocorreu uma coisa agora, mas nem sei se tem tanto isso... Não tô achando um termo... Mas acho que um endeusamento. Como achar que o ator... e que fazer aquilo é muito difícil... Um distanciamento. Não Brechtiano... (risos) Como achar que fazer teatro é... colocar o ator num pedestal. Uma coisa assim...

*Talvez seja o avesso dessa relação que você falou...*

É. Parece uma coisa muito... Mas é isso, colocar num pedestal, distanciar e parecer que é um ser especial, muito importante...

*Uma glamorização, talvez...*

É. Mas hoje em dia isso tem mais na televisão. De... celebridades. "Aquela pessoa é mais importante..." Eu acho que isso distancia... E é mentira (risos).

*Você acha que ainda tem isso no teatro hoje em dia...? Talvez com os atores famosos...*

É. Não sei se tem... Eu tenho essa impressão, principalmente assim, uma pessoa que tem menos costume de ir ao teatro... De uma classe... Parece que tudo que você tá falando é preconceituoso.

*Qualquer opinião é um preconceito... (risos)*

Uma pessoa mais simples, de uma classe social mais baixa, que tem menos acesso a isso... então, parece que é uma coisa inalcançável pra ela, ela coloca num pedestal. Eu acho que isso é ruim, e ainda acontece um pouco.

*Você falou outro dia do cara que disse: eu não tô com roupa pra ir ao teatro... do namorado da sua amiga....*

É.

*Você acha que tem isso, das pessoas acharem que teatro é coisa de elite?*

Sim. Acho que tem.

*Pensam que quem vai ao teatro é rico ou intelectual?*

Sim. É uma coisa que não é pra mim... Por isso eu acho que é legal esse trabalho de ir na periferia... E ver como comunica... você quebrar isso...

*De onde vem isso? Teatro como uma coisa de elite. Tem alguma base na realidade...?*

Eu acho que tem, né...? O teatro foi muito popular no Brasil, na época da Revista, do Procópio... Eu lembro do meu pai falar que ia ao teatro aqui no largo da Concórdia... Será que depois TBC era uma coisa mais elitizada e afastou as pessoas? Claro, a Revista, não sei o quê, tinha uma linguagem que era mais popular mesmo... Também a televisão... Precisaria fazer uma pesquisa histórica, mas eu tenho essas impressões... (risos) Será que a televisão afastou...? A

geração do meu pai. Ele e o irmão moravam aqui e trabalhavam... O que eles iam fazer, dois mocinhos, à noite? Mas, depois, começou essa coisa da TV, e talvez a linguagem foi ficando mais... A TV supria essa necessidade de lazer, à noite... e era mais barato. E talvez a linguagem, também. As peças do TBC, os clássicos do TBC eram acessíveis a essa população? Acho que já era mais elitista... Diferente do que o Procópio fazia. Tô tentando pensar... Depois meu pai não ia nunca mais ao teatro. Mas, quando jovem, ele ia.

*Isso pode ter a ver com a época da ditadura? Certa demonização da arte...? Ou foi anterior?*

Eu acho que foi anterior. Mas acho que talvez tenha acontecido, como tá acontecendo agora, né? Demonização da arte... Não tinha pensado, mas... Eu era muito criança, você nem tinha nascido, no começo da ditadura, então a gente não tem esse registro, como a gente vê o que está se fazendo hoje... Mas pode ter acontecido muito.

*Uma das pessoas que eu entrevistei falou sobre isso. Ela tá fazendo uma pesquisa sobre a época da ditadura... Ela colocou como um motivo.*

Bem possível, como está se tentando fazer agora. Já não tem muito, mas estão tentando acabar com tudo. Eu tô falando coisas muito pessoais. Mas uma coisa era o meu pai solteiro, morando em São Paulo. Depois ele casou, foi morar mais longe, depois teve filho... Mas eu lembro quando a televisão chegou na minha casa, eu já era nascida. Vários anos eles não tinham televisão...

*E se você pudesse dar uma definição. Tipo: teatro é...?*

Jogo. Eu já falei sobre isso.

*Você acha que teatro é importante, né?*

Muuuuuito! Muuuuuuito! Tinha que ter muito teatro, as pessoas fazendo, as pessoas vendo... Tinha que ser uma coisa que fizesse parte da vida das pessoas.

*E pra quê serve?*

Porque o teatro faz parte... Esse jogo serve pra gente elaborar coisas pessoais, emocionais. Serve pra gente ler o mundo, pra gente experimentar. Não, se fosse por aqui, se fosse por ali... Peraí... Eu tô com uma ideia equivocada, eu tô jogando com o outro, o outro me apresenta outra ideia... Eu acho que faz parte da



linguagem humana. A gente não joga quando a gente a criança? Eu acho que nos torna mais humanos. E o jogo no sentido de você elaborar questões intelectuais, de raciocínio, elaborar questões emocionais. Estar perto pra se relacionar com o outro e ver como você reage... Eu acho que tudo isso está no cerne do teatro. Então, se a gente tivesse mais esse hábito tanto de assistir quanto de fazer, acho que é isso, porque você elabora inclusive a relação com outro... eu acho fundamental.

*Engraçado que você coloca meio junto o assistir e o fazer... como que é isso? Pra ser público é importante passar por isso...?*

Eu acho que pra ser público não precisa passar pela experiência. Mas, eu acho que o teatro como exercício... ter na escola direto, é fundamental pra formação do ser humano. Da relação... Isso é uma coisa. O teatro com uma função... pedagógica? Nem sei se é pedagógica... é mais do que isso, é de vivência mesmo. Agora, também, a questão da apreciação artística é outro prazer. Então, você não necessariamente precisa fazer pra apreciar. Porque também é muito bom apreciar e ser tocado pelo jogo que o outro tá fazendo, ser tocado pela poesia que o outro tá fazendo. Você ser tocado pela reflexão que o outro tá fazendo e você ser levado a refletir também. E também se divertir... dar umas boas risadas, ficar encantado... Eu já tive umas experiências de estar com preguiça, deprimida, ai não vou. E acabar assistindo um trabalho e depois me sentir tão melhor! Então parece que foi uma coisa vital. Puta, preciso vir mais. Porque parece que tem uns trabalhos que te tocam muito, então parece que te revigora, como público.

*Então você acha que as duas coisas são importantes, fazer e assistir, mas não relacionadas necessariamente.*

Eu, você, a gente optou por fazer teatro como profissão. Nem é o barato de todo mundo e nem deveria ser. Mas passar por essa experiência do jogo... isso faz parte da formação de qualquer ser humano. Que deveria estar na escola, nos grupos de Igreja, de comunidade... Mas não precisa ter uma proposta estética, é o jogo... pela questão de se relacionar, de se expressar...

*E você acha que muda a relação da pessoa como público, ela tendo passado pela*

*experiência?*

Eu acho que sim. Eu acho que... imagino que ela entenda mais, que consiga ter uma empatia maior com o ator. Acho que o tipo de envolvimento é outro. Até de perceber, por exemplo, naquela cena o ator se virou assim... como é que ele fez...

*E tem mais alguma coisa que você quer dizer sobre tudo isso, que eu não perguntei?*

Acho importantíssima a sua pesquisa, espero que você consiga apontar caminhos.

*Ai, brigada...*

É muito importante isso, por que não se atinge. E quais são os canais para que a formação de público seja um trabalho efetivo... Eu acredito que as pessoas gostem de teatro. Mas é que elas... não chega pra elas, e se chega é muito esporádico. Então não cria essa coisa de fazer parte da minha vida...

*Você acha que tudo isso tem bastante a ver com divulgação...?*

Acho que tem a ver com divulgação. Mas acho que a maior questão é isso mesmo, de não ter formação de público. E, infelizmente, é isso... O que é oferecido às massas é uma TV de baixa qualidade, uma música de baixa qualidade. Que tem a ver com essa questão... de um projeto cultural pro país, que não existe. Mas, a gente viu nos CEUs, no Formação de Público, em pouco tempo, num trabalho muito pequeno, a gente viu resultado. Acho que é questão de divulgação, sim. Por exemplo, nos CEUs ano passado... Algumas bibliotecas não fizeram nenhum esforço. Algumas falaram: a gente fez cartazes e pôs no comércio da região, a gente falou nas classes pros alunos... É uma questão que leva tempo... Mas acho que só divulgação... Claro, que se tiver uma divulgação na grande mídia... Tem uma coisa que é surpreendente, Cristiana, você já viu isso? Na Brigadeiro tem aquele teatro do musicais... Fila! Ônibus parando! Lotado! É um trabalho empresarial... Uma coisa empresarial mesmo... ônibus de excursão do interior... Eu fico pensando, o que leva essas pessoas...?

*Essa coisa que eu falei da divulgação tem a ver com a referência... Por isso eu acho que essa coisa dos atores globais, ou agora os musicais da Broadway... A pessoa acha que vai ter uma qualidade, dentro do que ela espera... Como é que você vai escolher uma peça...*

Pois é... mas aí só com patrocínio mesmo. Ou, tem que ter na esquina da sua casa, em qualquer lugar...

*Esses trabalhos fomentados, por exemplo, nem sempre tem um pensamento voltado para público. Às vezes as peças recebem um fomento por ter um interesse artístico, de pesquisa, mas não bate com as opções do público.*

Mas aí a questão é que tem pouca verba pra fomento. Porque esses trabalhos precisam de apoio. Uma linguagem mais difícil de conseguir patrocínio, de conseguir público, mas precisa ter essa pesquisa. Mas também precisa ser feito esse trabalho de formação de público... Mas isso é uma política... que precisa ter outro governo nesse país. Mas eu entendo isso, de repente as pessoas leem uma sinopse, elas não têm referência, porque elas vão...

## ENTREVISTA 16 – Antônia Grande SP (duração: 17 min)

Perfil

Idade: 75

Gênero: mulher

Profissão: bancária aposentada

Escolaridade: superior incompleto

Socioeconômico: A

Frequentou muito, mas não vai mais

Fez curso de piano.

*Podemos começar falando dos seus hábitos de lazer, o que você faz do seu tempo livre?*

Eu trabalho um pouquinho (risos). Vejo TV, normalmente. Ou jogo baralho. Às vezes um passeio, uma ida no shopping. E brinco com os netos.

*De atividades culturais, só televisão...?*

Se é que isso é cultura...

*E ao teatro você já foi algumas vezes...?*

Fui, algumas vezes.

*Você tem ideia de quantas...? Tipo umas 10 vezes na vida?*

Umas 50, acho.

*Bastante. Então você ia muito?*

Eu ia com meu marido bastante. Tudo que tinha de novo, eu ia. Comédia, porque ele não gostava de coisa séria. Eu vi a do Chico Buarque, porque ele foi enganado.

*O que você viu do Chico Buarque?*

Como era o nome...? Dos bolinhos envenenados...

*Ah... a Medeia... A Gota d'Água? Com a Bibi Ferreira?*

É.

*Legal?*

Legal. Depois eu vi um com ela, só com ela. Também não lembro o nome. Nem foi

com meu marido, não sei como foi que eu fui... Tinha voltado à moda uma atriz dos anos 50. Joan Collins. Numa série de TV ela voltou, e toca retocada, com plástica. E fazendo papel de... sabe aquela coisa de carregar uma cestinha de flores... como se fosse um menininha.. ela tinha de 50 pra 60 e fazia isso. Então, a Bibi Ferreira falou pra gente que ela ia fazer isso, fazer aquilo... “Afiml, cada país tem a Joan Collins que merece.” Ela fez essa piada. Eu lembro disso da peça dela...

*Mas você ia mais por causa dele. Não era uma escolha sua?*

Não, eu gostava. Mas... não ia sozinha...

*E não era você que escolhia?*

Não. Vi Jô Soares, vi Juca Chaves, vi Antonio Fagundes mais que uma vez. Vi o Ney Latorraca e aquele outro...

*O Mistério de Irma Vap? Tão bom, né?*

É. A Claudia Raia, com 17 anos... Eu vi umas 50 peças na minha vida.

*Mas faz mais ou menos quanto tempo que você não vai ao teatro?*

Que eu ia bastante faz uns 30 anos. Mas a última vez faz uns cinco, sete anos.

*Você já fez cursos que você já fez na área de artes... teatro, música...?*

Piano. Estudei bastante. Aula de música, desenho e artes a gente tinha na escola. Aprendi a bordar na escola...

*Mas você gosta de teatro?*

Gosto.

*E tem algum tipo, estilo que você prefira? Comédia, drama, musical, bonecos, performances, teatro de rua...*

Comédia, eu gosto. Foi o que mais assisti na vida. Musical eu fui também...

*O da Bibi Ferreira, era musical...*

Um infantil... Foi ótimo. A Bela e a Fera.

*A Gota d'Água era musical. Mas isso não significa que você goste de musical...*

Eu gosto de musical. A Bibi Ferreira. Vi a Marília Pera também. Um drama, assim... Eu gosto de qualquer coisa. Vi o Chico Anísio.

*E você acha que tem assuntos, temas mais interessantes de serem tratados no teatro? Ou que não devam ser tratados...*

Não. O bom do teatro é a surpresa, assim...

*É mais a forma do que o assunto?*

A forma como é colocada... Eu ainda sinto um negócio que eu sentia quando eu era pequena. Eu ia no circo com meu pai. E no circo sempre tinha um teatrinho. Eu gostava era do teatrinho, porque tinha a mocinha bonita, o moço bonito. Sempre era uma historinha de amor, assim. E desde pequena eu gostava. Palhaço vá lá, era engraçado. Mas o que eu esperava mesmo era o drama, que eles chamavam. Que era essa coisinha de teatro. Então, quando eu vou, eu ainda sinto esse negócio de quando eu era criança. De pensar: "Ai, o que será que eu vou ver?" É isso que o teatro me dá.

*Uma expectativa...?*

Uma expectativa de uma coisa boa, uma surpresa assim...

*E por que você não vai mais ao teatro, o que te impede...?*

Acho que comodismo. Televisão... Você tem filme em casa, tem tudo em casa, você acaba não indo...

*E o que acha que poderia ser feito para as pessoas irem mais ao teatro? Se você fosse dar um conselho ou pros artistas ou pro governo? O que poderia fazer pra incentivar as pessoas?*

Eu penso que tinha que acabar com muita televisão (risos). Eu acho isso, é a televisão que estraga, não tem jeito...

*A grande concorrente do teatro é a televisão?*

Pra você fugir da realidade, serve, qualquer coisa serve, aquela sensação... Então, você vê qualquer coisa que não é boa, mas serviu.

*E que tipo de pessoa gosta... quem você acha que são as pessoas que frequentam teatro? Teatro é coisa de...?*

Culturete. (risos)

*O que é isso? Pessoa metida a intelectual?*

É.

*Não é uma pessoa inteligente ou intelectual de verdade...? Explica pra mim o que é culturete?*

Pode ser aquele que quer se dizer culto. E pode ser culto também. Mas acho que

a pessoa muito inteligente não vai muito, ela lê mais, eu acho. Não sei se é assim, mas é o que eu penso.

*E qual a característica positiva, a melhor coisa do teatro?*

Uma coisa também importante, que as pessoas gostam, é de ver os ídolos assim de perto, parece que conversando com a gente. É o que é legal no teatro.

*Mas só quando é gente famosa?*

Mesmo quando não é. É um ator, um artista. E a comunicação mais direta.

*A coisa de ser ao vivo, de ser próximo?*

É.

*E mesmo se for um ator que você não conhece...?*

Sim.

*E a pior coisa do teatro, uma característica negativa?*

É difícil pra ir, pra estacionar o carro, os horários... São Paulo dá problema isso... Então eu acho isso. A localização dos teatros. Tudo que envolve, assim, uma ida ao teatro.

*Essa parte prática... E uma definição? Tipo teatro é...?*

Teatro é drama. Dramatização.

*No sentido de representação, né? E você acha que teatro é importante, né?*

Acho.

*E pra quê serve?*

Pra essa interação que existe entre os artistas e... que a TV e o cinema não têm. É uma coisa muito fria. O teatro é uma coisa mais próxima.

*E tem mais alguma coisa que você quer dizer sobre tudo isso, que eu não perguntei?*

Não. (pausa) Teatro tem também uma aura de romantismo, de... de romantismo mesmo. Entende como?

*Um glamour...? Ou é um romantismo no sentido de amor...*

Não. Romantismo no sentido de fuga da realidade, de ver coisas bonitas... diferentes... É isso.

*Mas isso é a mesma coisa do cinema, da TV, em princípio? Ou não? O teatro tem mais?*

Não, tem mais.

*Por que será? Mais?*

Por causa da proximidade dos atores com o público.



## ENTREVISTA 17 – Léo Grande SP (duração: 34 min)

Perfil

Idade: 49

Gênero: homem

Profissão: administrador e professor

Escolaridade: superior completo

Socioeconômico: A

Frequentava muito, mas não vai mais.

Fez curso de piano.

*Podemos começar falando dos seus hábitos de lazer, o que você faz do seu tempo livre?*

Meu tempo livre, de lazer, eu dedico ao sono, em primeiro lugar. (risos) Mas, outras coisas... brincar com as crianças e cuidar dos gatos... sair dificilmente acontece, depois que as crianças nasceram. Antes era diferente, antes a gente curtia cinema, teatro, saia pra passear, exposições, museus... mas agora...

*Você considera cuidar dos gatos lazer?*

Pra mim sim. É uma coisa que pra mim não é uma obrigação, é uma coisa gostosa de fazer.

*Mais pra área cultural tem alguma coisa que você costuma fazer? Ou desde o nascimento das crianças...*

O entretenimento, de maneira geral, mudou muito. Porque o tempo que a gente tem pra fazer coisas assim já não é mais o mesmo. Por exemplo, mesmo no processo de gravidez, leitura era uma coisa voltada pra gravidez, e agora nem isso. Mal dou conta de fazer os meus... o que eu leio é voltado pro trabalho. Leitura pra lazer, sumiu. Tem algumas coisas que eu consigo fazer ainda, que é ver TV, alguns filmes, seriados. Mas as crianças atrapalharam um pouco isso. Mas acredito que isso vai mudar, agora, com eles crescendo um pouco. A gente pode recuperar esse tempo perdido... Uma coisa que eu acho que é cultural são os cliques de música, tipo "Palavra Cantada", essas coisas. É um entretenimento,

entretenimento infantil que eu fui apresentado agora, por causa das crianças e é muito legal, muito gostoso, eu acabo curtindo também. E daí a gente foi descobrindo vários...

*E ao teatro você ia bastante, antigamente...? Ou nunca foi frequente?*

Sempre tinha muita vontade, e faltava oportunidade de fazer mais. Eu sou professor e trabalho à noite. E normalmente o teatro funciona à noite...

*Mas com que frequência... Tipo ia uma vez por ano...?*

Mais. Uma vez por mês, mais ou menos. Alguns que são célebres. Eu fiquei tão contente quando eu fui ver “A Família Adams” um tempo atrás, porque foi meu primeiro musical. Achei o máximo, muito legal! Um tema infantil, é verdade, mas amei, adorei, me deu vontade de ir em mais. Mas ainda não consegui. Eu era professor de Eventos, então tinha muitos alunos que eram da área cultural. Então “Os Monólogos da Vagina” ganhei muitos ingressos. Outros tipos de performances, que os alunos convidavam... Alguns dos trabalhos que os alunos faziam eram da área cultural. Tinha desfile de moda afro. Pessoal que vivia em comunidades, fazia mostra cultural das comunidades... às vezes eu não conseguia ir, eles gravavam e mandavam CDs pra gente. O trabalho me envolvia nisso também. Às vezes, eu consegui fazer uma visita técnica com todo grupo... Por exemplo, a cada dois anos a Bienal, era obrigatório. Quando tinha alguma exposição interessante, como Leonardo da Vinci, aquela do corpo humano, que era com cadáveres liofilizados, dissecados... não sei. Tinha um só com posições de esportes, tinha um jogando tênis, outro jogando futebol, andando de bicicleta. A gente fazia muitas dessas visitas também.

*Você já fez cursos na área de artes... teatro, música...?*

Eu fiz um de teatro, mas eu era adolescente, na escola, depois nunca mais.

*Mas foi um curso mesmo, ou montou uma peça na escola...?*

Foi um curso pequenininho, uma atividade da professora de técnica de redação.

Foi uma coisinha pequenininha, alguns encontros no período da tarde.

*E outros... música...?*

Música, eu fui no conservatório durante cinco anos. Eu tocava piano, e minha professora Mercedes, quando eu voltei lá pra fazer matrícula, ela falou: chega,

basta. Eu não saí da primeira lição, durante cinco anos...

*Você não curtia muito?*

Eu não ouvia o que eu fazia, eu ficava tão em desespero com as pautas, com as músicas, que eu não tinha ritmo... Nossa! Era um sofrimento pra minha professora, tadinha... (risos) Aí desisti. Nunca mais.

*Mas você, pelo jeito, gosta de teatro?*

Gosto.

*E tem algum tipo, estilo que você prefira? Comédia, drama, musical, bonecos, performances, teatro de rua...*

Não, não. Não tenho nada que me diga que eu goste mais de um ou outro estilo. Por exemplo, eu vi uma peça muito legal com o Zé Celso lá no Centro Cultural. Foi a primeira vez que eu vi uma encenação de uma peça inteira com os atores nus. Eram 3 homens, o Raul Cortez, o Zé Celso e o outro eu não lembro o nome. Todo mundo pelado, eram homens e os papéis femininos. Eu saí de lá tão impressionado, porque aquilo me abriu a cabeça. “Nossa, a vida é muito mais”. Eu era adolescente. Foi muito bom. Naquela época eu ia bastante, muito mais do que eu vou agora. Frequentei muito o Ruth Escobar... Assisti várias vezes o “Trair e Coçar é só começar”. Umas 3. Mas é muito divertido, se tivesse de novo, eu ia. Eu vi uma com a Fernanda Montenegro e a filha, daquele Gerald Thomas. Esse eu saí de lá e não entendi nada. Porque eram as duas no palco e não tinha muito diálogo, elas ficavam grunhindo, se arrastando, brigando uma com a outra... um pouco chato. Mas foi uma das poucas experiências que eu de fato não entendi. Mas teve uma com a Irene Ravache, até levei minha tia, lá na sala São Luis.

*“Uma relação tão delicada”? Era lindo. Com a Regina Braga, também.*

Isso, maravilhoso, maravilhoso! Eu acho que o teatro ele tem uma força e uma capacidade de mostrar um tema, ou discutir algumas coisas com uma propriedade que outros veículos não têm. Outra que eu achei interessante foi uma com o Juca de Oliveira, com aquela Fraga...

*Denise.*

Ela era funcionária dele e ele era um senhorzinho surdo. Ai, que delícia que foi aquela peça! Muito legal. Ele era surdo, mas nem tanto. Ela falava com ele, falava

tudo que ela tinha que falar, que ele não poderia ouvir, e ela sabia que ele era surdo, então ela falava em voz alta mesmo. E ele ouvia tudo. (risos) Era muito bom...

*E você acha que tem assuntos, temas mais interessantes de serem tratados no teatro? Ou que não devam ser tratados...*

Não. Não sei. Eu acho que teatro não tem, não deveria ter esse tipo de limitação. Ele é pra falar da vida humana, eu acho, e sendo da vida humana sempre vai ser alguma coisa interessante. Teve um que foi uma coisa muito interessante. Com aquele Antônio... Sabe um que dança, ele não é de verdade um ator, ele é um artista, eu acho. Ele faz performance, mas ele é músico... ou dançarino...

*Antônio Nóbrega? Brincante?*

Isso. Na Vila Madalena. Nossa! Que delícia que foi! Que coisa maravilhosa, aquela foi muito bacana. Porque tinha tudo no espetáculo, tinha música, tinha dança, tinha texto... E não é uma coisa com plateia, todo mundo sentadinho num canto, a gente fica junto com eles. Foi muito interessante, muito diferente, gostei muito.

*E você não vai mais ao teatro por causa das crianças...?*

Agora por conta das crianças, mas nos últimos anos por conta de trabalhar à noite. Mas antes de ser professor, antes de 2.000... Pelas peças deu pra perceber... (risos) Eu tinha uma vida mais agitada, mais... Que eram programas interessantes, são programas gostosos... Eu saía, assistia o teatro e já ficava pra jantar. Então, sempre tinha um restaurante que a gente ia depois. Ai, o "Irma Vap", acho que eu fui mais do que no "Trair e Coçar..." Lá no Cultura Artística. Teatro maravilhoso. A gente descia a pé, ia até a Família Mancini, comíamos, conversávamos... Uma das vezes os atores foram pra lá também, não ficamos na mesma mesa... mas praticamente o teatro encheu o restaurante. Foi muito legal. Adorei o "Irma Vap", muito bom!

*Também gostei muito. E o que acha que poderia ser feito para as pessoas irem mais ao teatro? Se você fosse dar um conselho ou pros artistas ou pro governo?*

Eu posso dizer pra você... que eu não sou da área, eu não tenho muita propriedade pra dizer o que deveria ser feito. Mas, acho que muitas vezes, pra

quem dá aula, como professor, uma noite no teatro vale mais do que as aulas que os alunos têm cotidianamente. Se o aluno for ao teatro uma vez por mês, ele não tá tendo prejuízo, ele tá tendo aprendizado. Podia haver aí algum tipo de parceria entre as escolas, as universidades, e os teatros. Acho que isso seria uma política de fomento ao teatro, porque é muito importante. A gente fez aí umas tentativas, que não foram muito bem sucedidas, mas foram interessantes, de fazer isso com o cinema. Passávamos uma bateria de filmes e fazíamos uma discussão dos filmes sob a luz daquela disciplina. Era muito legal, funcionava bastante. Mas, economicamente, é uma equação difícil de fechar. Mas a gente acha que é possível. Alguém com mais criatividade poderia tentar viabilizar isso. Mas eu já vi várias discussões... Normalmente eles fazem quarta, quinta, sexta, matinê sábado, domingo e à noite também, era uma vida muito puxada pro artista...

*É difícil ter espetáculo assim hoje. Precisa ser muito bem sucedido. Antigamente era assim...*

Mas quando eu ia, ficavam filas... Outra coisa é que os teatros são muito concentrados no centro, alguns na Vila Madalena... Os nossos alunos, a gente pergunta pra eles, eles dizem “professor, é muito longe, pra voltar muito tarde, quando acaba já não tem metrô...” Então, parece que ficou uma coisa meio elitizada. Os espaços de teatro... Mas você fala, tem, por exemplo, Alfa, Credicard Hall, lá em Santo Amaro... longe pra caramba. Não sei, acho que tem que se pensar mais nessa coisa...

*Mas isso não seria uma coisa boa? Esses de Santo Amaro atenderiam as pessoas daquela região?*

Mas são caros, né? As peças que passam neles não são baratas... você tem instalações de super qualidade. É Tom Brasil, ainda?

*Não sei...*

Passou pra HSBC Hall, aquele espaço super legal, mas tem um custo disso. Então, não é todo mundo que tem essa verba pra...

*Você acha que os problemas maiores seriam distância e valor?*

Eu acho. Distância e valor.

*Então, aquele lance que você falou da temporada de quarta a domingo, eu não*

*entendi o que tem a ver...*

Então, os dias que eles fazem mais cedo são sábado e domingo... que as pessoas não podem ir. Tinha que ser pensado um pouco... não tenho a receita pronta, não sei o que é. Mas eu vejo que é uma dificuldade minha a coisa do horário. Às vezes, eu perdi peças porque não tinha mais, fim de semana acaba antes...

*Mas o governo poderia subsidiar uma parte desses ingressos...? Porque existe, por exemplo, nos CEUs, na periferia...*

Nunca fui, não conheci ainda... Mas tem o SESI, tem os SESC's. Barato. Fui em muitos, muito legais. Mas acho que, de alguma maneira, a gente deveria ter... não sei se é uma cultura de ir ao teatro. Por exemplo, meus pais acho que nunca foram. Minha mãe foi ao cinema várias vezes. Depois desistiu, dormia. Ela dorme vendo TV, não consegue fixar a atenção, dorme. Meu pai também não vai. Então, não é uma coisa que se aprendeu em casa, aprendi isso na escola. Eu acho que a escola deveria incentivar. E nem sei se foi na escola, acho que foi mais os professores que eu tive que fizeram isso, que apresentaram o mundo do teatro pra mim. Porque se eu olhar pra família... Primos, tios... Não era um lazer reconhecido, não tinha isso não. Pelo contrário, era mais ou menos aquilo... "ai, é artista".

*E você acha que as pessoas tem essa imagem que é uma coisa elitizada? Porque tem esses mais baratos, mas parece que fica mais essa imagem...*

Você tá falando com um cara que tá desatualizado praticamente duas décadas. Mas eu acho que sim. Eu tenho na minha lembrança que é uma coisa elitizada. Uma coisa que tava presente na minha família, que era um lazer nosso e dos primos era o circo. Circo era um lazer que eu conheci dentro de casa. Éramos apresentados aquele mundo mágico. Era muito lindo. Só depois que eu cresci é que eu percebi que aqueles animais sofriam, que era uma coisa horrorosa. Mas era. Quando o Circo de Soleil veio ao Brasil, a gente teve vontade de ir. Mas meus pais acharam caro demais... Mas isso eles aceitariam ir, porque é circo.

*Engraçado, porque você já não é dessa geração do circo. Mas talvez essa coisa do interior...*

É. Em Tremembé, o circo ia todo ano. Se instalava na praça e era uma delícia.

Nossa! Era muito legal. Todas aquelas atrações circenses tradicionais. Parque de diversões, com aqueles brinquedos, barraquinhas. Mas o teatro não tava entre elas. Não era uma coisa que a gente fazia. Por uma educação mais tradicional, interiorana mesmo. A gente participava de procissões, Corpus Christi, desenhava tapetes de palha colorida, tinha que levar o andor com o Santo... era uma festa. Essas festas eu tenho gravadas na minha memória. Mas o teatro, não, não tá lá. *E mesmo assim, você acabou virando público de teatro... E que tipo de pessoa gosta... quem você acha que são as pessoas que frequentam teatro? Teatro é coisa de...?*

Pergunta difícil. Eu acho que não tem um público pra teatro.

*Ninguém vai ao teatro? (risos)*

Não nesse sentido. Qualitativamente, você caracterizar um perfil de quem assiste teatro, eu acho difícil. Porque eu acho que uma vez que uma pessoa entra e assiste a uma peça, ela sai de lá transformada. Então não importa qual origem socioeconômica, geopolítica que ela tenha. Se ela assistir o teatro, isso vai de alguma forma mudá-la, transformá-la. E ela vai começar a frequentar teatro. Então, talvez, algumas pessoas, talvez as mais escolarizadas, que tiveram apresentações de infância, que tiveram contato com outros meios, sei lá, conservatórios, escolas de circo, escolas de arte... talvez tivessem uma predisposição pra isso. Mas eu acho que não tem um público. Algumas peças fazem pensar, elas são mais densas, porque elas... às vezes mesmo sendo comédia, te fazem pensar. Elas provocam esse tipo de reflexão. Outras não. Mas desopilam o fígado, você fica contente, sai de lá leve, é muito bom. Então, eu não tenho certeza que exista um público só pro teatro, não acho que seja por aí...

*É que você mesmo tinha comentado que talvez fosse uma coisa meio elitizada... Mas não necessariamente?*

Acho que não. Por exemplo, a minha tia é psicóloga e assistente social. Quando eu a trouxe pra São Paulo, no teatro, pra ela aquilo foi um evento... marcante mesmo. Minha tia tem uns 20 anos mais que eu, por aí. E eu adolescente já tinha uma história com teatro muito maior do que ela. Entrar num teatro como foi a Sala São Paulo, que é toda organizada, que tem o sinal nos intervalos, a disposição

das cadeiras, o respeito ao ritual do teatro, o silêncio, é uma coisa mágica, é muito lindo. Às vezes as pessoas têm... é outro mundo... aquilo assusta. Posso levantar, posso sentar, onde é o banheiro? Parece que você foi na casa da tia rica e você não sabe se aquilo é decoração ou é de comer... você não sabe onde pôr as mãos. Há um desconforto. Então, existe no teatro uma cultura muito longe do cotidiano das pessoas. Hoje eu não tenho mais esse embaraço. Mas eu lembro dessa sensação, de estar entrando num mundo que não era meu.

*E o que te vem à cabeça com a palavra teatro. Com o que você relaciona?*

Não consigo uma única coisa, mas são coisas boas. Teatro tá ligado pra mim a lazer, prazer, qualidade. Fazer uma coisa de qualidade com o tempo. Nunca é jogado fora quando você vai numa peça de teatro. É um investimento...

*E qual a característica positiva, a melhor coisa do teatro?*

Eu acho que é essa de fazer pensar. Eu não sei se pelos tipos de peça que assisti eu acho que é isso. Pode ser que tenha gente que tenha opinião diversa. Mas como a opinião é a minha... (risos) Eu acredito que o teatro faz pensar. É um jeito inteligente de você pensar o mundo. E alguns autores são assim fora... Normalmente as peças de teatro são muito inteligentes. Elas são muito bem pensadas. Então você vê o texto, a entonação, a marcação, o cenário. É tudo muito inteligente, uma orquestração de vários elementos. Eu, por exemplo, nunca assisti um ensaio aberto. Tinha muita vontade de assistir um ensaio aberto, porque aquilo tudo construindo, deve ser muito interessante. Mas, não sei, acho que é isso, fazer pensar.

*E a pior coisa do teatro, uma característica negativa?*

Acho que a pior coisa do teatro é a gente perder uma oportunidade por problemas de horário, ou de preço. Isso eu acho o fim. Teve uma série na televisão que televisionava os espetáculos, acho que era da Cultura. Esse eu assisti, mas não era a mesma coisa.

*Você acha que o fato de ser ao vivo é importante?*

Eu acho. Eu lembro que em algumas peças, essas que eu assisti mais de uma vez elas eram diferentes, porque a reação da plateia era diferente e os atores mudavam. Alguns não tinham a ver com a plateia, tinha a ver que eles... eles



chamam de caco... colocavam alguma coisa que saia um pouco diferente da outra que você viu... Deve ser o tédio de fazer tudo igual. Anos, quase dez anos eles ficaram em cartaz, o "Irma Vap"... Eu lembro que uma das vezes que eu assisti, o Ney Latorraca mandou uma pessoa da plateia ficar quieta porque tava atrapalhando. Outra vez, ele falou uma coisa sobre aplauso, eu já tinha assistido e eu sabia que tinha bater palma. Mas eu não quis bater palma, pra ver se outra pessoa fazia. Mas demorou tanto... ele ficava repetindo aquela fala até o povo acordar e bater palma... Eu achei tão divertido, eu sabia que tinha que bater palma, mas eu não bati, só pra ter a oportunidade de sentir aquilo.

*Você sacaneou o ator? Jogou junto.*

Teve uma, acho que era aquela do Antônio Nóbrega. Foi a mulher dele. Mas ela chegou pra mim, era pra fazer alguma coisa... Eu olhei pra ela, ela tava esperando a resposta. Eu dei a resposta, mas não foi a resposta que ela queria. E ela falou assim: você me sacaneou... Mas ficou dentro do contexto. Eu gosto, não sei...

*Você gosta quando tem interferência com a plateia?*

Eu acho o máximo, eu gosto.

*E uma definição? Tipo teatro é...?*

Eu acho que o teatro é o espaço das emoções humanas.

*Que bonito.*

É. Acho que é isso que é bonito nele.

*E você acha que teatro é importante, né?*

Nossa! Acho.

*E pra quê serve?*

Ah... não é pra escola. É o contrário, é pra vida. Teatro ensina pra vida.

*Aquilo que você falou, de reflexão...?*

Isso. As histórias que se contam no teatro, seja pelo drama, seja pelo terror, seja pela comédia... é da vida humana. Fazer o teatro dos átomos... o elétron gira em torno do átomo, não tem sentido. É do humano mesmo, né?

*E tem mais alguma coisa que você quer dizer sobre tudo isso, que eu não perguntei?*

Não, acho que não.

## ENTREVISTA 18 – Isa Grande SP (duração: 23 min)

Perfil

Idade: 48

Gênero: mulher

Profissão: professora

Escolaridade: superior

Socioeconômico: A

Frequentava em média 2 vezes por anos, mas não tem ido mais

Fez curso de dança quando criança.

*Podemos começar falando dos seus hábitos de lazer, o que você faz do seu tempo livre?*

Atualmente eu não tenho tempo livre. Não é exagero dizer isso. Mas até pouco tempo atrás eu tinha... Na verdade, eu também andava trabalhando muito, andava muito cansada, tava mais vendo televisão... Na verdade nos últimos anos eu não tenho saído muito. Mas quando saía de casa era mais encontrar amigos pra jantar... conversar. E é o que ando fazendo hoje, encontrar amigos pra comer e conversar.

*De coisas culturais mais TV?*

É. Eu ouço muito rádio, quando tô dirigindo.

*E ao teatro você já foi algumas vezes...?*

Já.

*Mas nunca frequentou muito?*

Nunca.

*Você tem ideia de quantas peças na vida...?*

Não vamos contar essas de escola... Umas 40, será? Por aí...

*É bastante. Então você ia tipo uma vez por ano, mais ou menos?*

Numa época, ia mais... umas duas vezes por ano. Ultimamente, menos.

*Você já fez cursos que você já fez na área de artes...?*

Teatro não. Dança, essas coisas de menina.

*Artesanato, né?*

Artesanato, sim. Mas acho que não é arte.

*Mas você acha que você gosta de teatro?*

Eu não diria... Se eu fosse fazer uma lista das coisas que eu gosto, jamais entraria teatro. E eu acho que eu nunca fui ver nenhuma peça que eu tenha convidado alguém pra ir. Eu sempre fui porque alguém me chamou... Eu nunca vi um anúncio que eu falasse “nossa, tô louca pra ver essa peça”. Embora acho que eu tenha gostado de quase todas que eu assisti. Mas, ainda assim...

*Então, você também não pode dizer que desgoste de teatro...*

Não. Quando eu vou, eu gosto.

*E tem algum tipo, estilo que você prefira? Comédia, drama, musical, bonecos, performances, teatro de rua...*

De boneco, não. Comédia, eu não vejo assim muito sentido em ser teatro... Não sei. Eu gosto muito de comédia, mas... Mas algumas peças que eu gostei muito na minha vida, pensando bem, eram comédias... do tempo do “Ubu Rei”, do Ornitorrinco...

*Ubu Rei, você gostou muito?*

Gostei muito. Fui mais de uma vez. Verdade, assisti mais de uma vez.

*Então, na verdade, talvez comédia? Ou nenhum estilo em especial...?*

Alguns dramas... Eu lembro que uma peça que eu gostei muito... misturava com... era musical... “Nijinky”.

*Linda! Então pode ser comédia, drama... E musical? É que musical quando a gente fala musical hoje parece aquela coisa Broadway...*

É... Mas talvez, pode ser sim. Pode ser as três coisas.

*E você acha que tem assuntos, temas mais interessantes de serem tratados no teatro?*

Eu acho, mas não sei se eu sei explicar... Acho que são questões mais introspectivas. Não tanto narrativas, histórias... Mais reflexões. Mas pode ser que eu esteja tendo preconceito. Porque eu acho outras linguagens têm mais recurso pra isso.

*Pra parte narrativa? Tipo cinema...?*

É. Literatura. Principalmente literatura.

*E por que você não vai mais ao teatro...?*

Várias razões. Hoje, falta de tempo, né? Mas eu tenho a impressão que é um programa que exige certo planejamento, que me dá preguiça. Já me aconteceu de ir assistir uma peça e ser cancelada, porque o ator principal não tava bem... Essas coisas, eu tenho certa preguiça, um bode, não sei... Acho que é caro. Se não for cara a peça, o estacionamento é complicado... Não é que nem no shopping...

*Agora tem mais teatro em shopping. Mas geralmente são caros. E o que acha que poderia ser feito para as pessoas irem mais ao teatro? Se você fosse dar um conselho ou pros artistas ou pro governo? O que poderia fazer pra incentivar as pessoas?*

Eu sinto que existe uma distância mesmo. As pessoas não conhecem bem... Eu acho que algo se sente... uma coisa elitizada. Tanto financeiramente quanto intelectualmente. A gente sente que vai e “será que eu vou acompanhar...?”

*Você pensa isso?*

Eu não penso isso. Mas eu penso que eu sou capaz de chegar lá querendo um pouco de distração, entretenimento e encontrar uma coisa...

*Chata?*

Chata. Cabeça demais. Eu acho que quando eu busco... às vezes no meu tempo livre, eu quero me distrair. Eu não quero alguma coisa que vá... Porque eu acho que o teatro tem essa... que pode te provocar emoções muito fortes. Eu acho que eu não busco essas emoções muito fortes. Eu nunca fui num jogo, por exemplo, que as pessoas vão pra se matar de... Eu não gosto. Nunca fui. Nunca iria. Não me passa pela cabeça. E outras coisas, outras situações... Carnaval. Qualquer lugar que as pessoas ficam muito emotivas, muito agitadas, isso não me agrada. E acho que o teatro me dá essa impressão, de que é um pouco... que pega pesado. Inclusive já fui assistir coisa que... eu falo “ai... Zé Celso... Pra que isso?” Mas quem sou eu, né... Agora o que podia fazer pra aproximar? Acho que talvez as escolas... Mas ter um trabalho com teatro de verdade nas escolas, não aquela coisa das crianças encenarem. Mas de receberem artistas com propostas interessantes, desde pequenos. Não pra já, mas...

*Isso poderia mudar essa imagem do teatro como uma coisa elitista. Você acha isso uma crença generalizada?*

Eu acho... Quando eu falo com pessoas da classe C, por exemplo, eu acho que elas se sentem intimidadas. Eu acho que ir ao teatro seria uma coisa muito grande, elas não saberiam nem que roupa usar, uma coisa assim. Um evento muito...

*E você acha que ter nas escolas pudesse mudar essa imagem. Ou não é relacionado...?*

É relacionado. Mas eu tô pensando num trabalho bem feito. Não... Tem peças pra escola, mas às vezes são coisas muito a serviço... aquela coisa educativa, pedagógica...

*Daí não adianta?*

Não. Pode aproximar, mas não tá de fato apresentando o que significa, o que é o teatro pra essas crianças. Não necessariamente elas vão gostar, pelo contrário, elas vão achar que é uma coisa bem chatinha...

*Você acha que existe essa imagem que teatro é uma coisa chata?*

Chata? Não. No geral, acho que não. Difícil. Cara... Você vai ficar... como se você também fosse ser visto por aquele ator... você fica exposto, se você vai ao teatro. Se você vai cinema, não. Você tá lá...

*E isso é ruim, na sua opinião?*

Pra mim é.

*Você tem medo que mexam com você...?*

É.

*Você acha que essa coisa de ser ao vivo, a presença, a relação entre os atores e espectadores é uma coisa negativa?*

Pra mim, é. Eu já me sinto... Não importa se eu gostei ou não gostei... eu vou bater palma. Eu já começo a entrar numa relação ali... Pra mim seria inconcebível vaiar. Eu já assisti umas coisas que eu falei "ai, meu Deus, o que eu tô fazendo aqui?" E aí bater bastante palma. Falar: ai, foi muito legal...

*E que tipo de pessoa gosta... quem você acha que são as pessoas que frequentam teatro? Teatro é coisa de...?*

De artista. Intelectual... Mas dependendo do teatro, também, aquele teatrão, de pessoas pseudocultas, assim, que acham que tão indo no teatro pra assistir “Trair e Coçar...”, entendeu? Eu não falei de ninguém muito... (risos) Não sei, não sei muito explicar, de alguma forma eu relaciono teatro muito com transgressão. Vai provocar alguma... vai tirar você da zona de conforto... E não é sempre... No meu tempo livre, eu não quero isso, eu quero justamente me desligar.

*Você quer relaxar...?*

É. Eu acho que o teatro não relaxa. É uma experiência que não relaxa... Até acabar, eu fico um pouco preocupada com o que vai acontecer... (risos) É ao vivo, né?

*E com quem você relaciona mais fortemente o teatro?*

Paixão. Uma coisa muito apaixonada. Quem se dedica é um pouco fanático, uma coisa assim...

*Paixão nesse sentido, não que seja uma coisa forte?*

Forte também. Mas isso...

*Seria a paixão mais dos artistas, que te veio?*

Dos artistas. Mas com vistas a despertar...

*E qual a característica positiva, a melhor coisa do teatro?*

Eu acho que é... Não sei, me parece que tem uma coisa de resistência. Tudo o que vem acontecendo no mundo, de um mundo cada vez mais virtual, a presença é cada vez menos... Então, me vem uma ideia de resistência, de tradição...

*Que tem a ver com a ver com presença, que você não gosta.*

Eu não gosto, mas eu reconheço a importância disso. Reconheço. E pra quem faz, pelo que eu ouço, é muito importante. As pessoas sentem falta da presença do público. Me parece que é alguma coisa... Se você é ator, só trabalhar com outros veículos, não veículos, linguagens, não é uma coisa que preenche. Mas hoje em dia, com essa questão da desvalorização da presença, eu acho que é muito importante.

*E a pior coisa do teatro, uma característica negativa?*

Eu acho que é uma imagem que eu não sei se é verdadeira, de que é uma linguagem difícil, que não é pra todos, não é pra qualquer um.

*Tem a ver com aquela imagem elitista... não é pra qualquer um... entender...?*

Não é pra qualquer um entender. Não é uma narrativa linear. É uma proposta diferente, nem sempre você vai entender essa proposta...

*É, mas tem narrativas lineares no teatro, e não lineares em outras linguagens, no cinema também. Não foi o Godard que falou que os filmes dele tem começo, meio e fim, mas não nessa ordem...*

É, mas acho que não favorece. O teatro não favorece a relação espaço-tempo... Tem uma limitação física muito clara. Então você tem que criar, simular... as pessoas têm que ser capazes de... Se for uma coisa muito explícita, provavelmente fica muito tosco, então não pode ser... E aí, nesse sentido, pensando em pessoas que eu conheço, muitas coisas que eu assisti, que eu gostei, muita gente ficaria perdida.

*De onde você acha que vem essa imagem de que é uma coisa elitista, tanto do ponto de vista intelectual quanto econômica. Tem uma base na realidade? Ou é ideológica?*

Econômica eu não sei porque faz muito tempo que eu não vou. Mas me parece que tem preços populares. Tem oferta subsidiada. Teatro, em geral é mais caro que cinema, né? E cinema hoje eu já acho muito caro...

*E da parte intelectual, você acha que sim, mesmo? Tem muitas obras...*

Tem muitas que não. Mas, para um povo que tá acostumado a ver novela... Acho que sim. Mesmo as peças mais... elas não são tão vazias assim. Não deveria ser. Se for, provavelmente também não vai funcionar.

*Se for uma coisa muito simples...*

Eu acho assim, uma história que fica bem numa novela... não é tudo que dá pra transpor pro teatro, vai ficar pior. Porque os recursos são... Então tem que ter alguma coisa de diferente, tem que provocar alguma experiência diferente. E essas experiências eu acho que não são pra todos. Podem ser, mas acho que não é da primeira vez. A pessoa teria que ter um aprendizado, então acho que a primeira experiência com teatro pode ser frustrante, daí a pessoa não insiste... Acredito em alguma coisa assim.

*E uma definição? Tipo teatro é...?*

Interação.

*E você acha que teatro é importante, né?*

Acho.

*E pra quê serve?*

É resistência, como eu já falei, principalmente, me parece, é resistência. É que eu não tô achando... a palavra tradição pra mim hoje é mais negativa do que positiva, mas... é a sobrevivência mesmo de uma tradição que tá na base da nossa sociedade, e de outras também. Mas na nossa cultura greco-latina ele é... É fundador. Então, eu acho que é a preservação de uma linguagem, de uma tradição oral que é muito importante. E é resistência num momento em que o mundo tá mudando. E eu acho, pode ser uma crença, que o teatro provoca reflexão. Coisa que muitos meios de comunicação hoje fazem o contrário. Não é que deveria, eu acho que normalmente as pessoas que se dedicam a trabalhar com teatro têm essa preocupação.

*E tem mais alguma coisa que você quer dizer sobre tudo isso, que eu não perguntei?*

É meio estranho mesmo quando eu falo. Porque eu acho que é muito importante, eu valorizo muito, mas eu mesma... Na verdade, quase todas as vezes que eu fui... Mas eu volto cansada. (risos) É uma coisa que me consome um pouco. Mas eu fico normalmente feliz de ter ido... É uma coisa estranha, eu mesma não entendo muito bem essa relação. Acho que eu não gosto de experiências muito emocionantes. Gosto de um nível mais baixo, assim...

*Você acha que acaba não sendo lazer?*

Não é lazer. Eu não definiria como lazer. Exatamente. Mais como uma experiência... É quase parecido com quando eu faço um curso, uma aula... Acho que eu aprendo, que me acrescenta, que eu me torno uma pessoa melhor, até. Mas é alguma coisa que exige de mim, eu acho, eu não vou pra relaxar. Tem a ver com aprendizado.

*(A conversa continuou depois do questionário socioeconômico)*

Você não sente isso, de ser uma experiência muito intensa, que daí te incomoda?

*Às vezes sinto, mas não só com teatro, com cinema também, com música... Tipo,*



*se eu ouvir Beethoven acaba com meu dia. Eu gosto. Mas não dá pra desligar a "Nona Sinfonia" e ir arrumar a casa...*

Então, é uma coisa parecida que eu sinto... eu acho que tem a ver com uma coisa mediúnica.

*Pode ser. E no teatro você pega mais as coisas dos outros...*

Exatamente.